

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE DE JORNALISMO

BIANCA DE CARVALHO VELLOSO

CAROLINE ADRIELLI DE ALMEIDA SANTOS

RELATÓRIO TÉCNICO

**DESAPARECIDOS - UM RETRATO DE MAIS DE 200 MIL PESSOAS
NO BRASIL**

CAMPINAS

2023

**Bianca de Carvalho Velloso
Caroline Adrielli de Almeida Santos**

**RELATÓRIO TÉCNICO
DESAPARECIDOS - UM RETRATO DE MAIS DE 200 MIL
PESSOAS NO BRASIL**

**Relatório técnico apresentado à disciplina
ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO
EXPERIMENTAL - JORNALISMO IMPRESSO
da Faculdade de Jornalismo da PUC-
Campinas como exigência final para
aprovação na referida disciplina, sob
orientação da Prof. Dra. Cyntia Belgini
Andretta.**

**PUC- CAMPINAS
2023**

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

070
S237d

Santos, Caroline Adrielli de Almeida

Desaparecidos: um retrato de mais de 200 mil pessoas no Brasil / Caroline Adrielli de Almeida Santos. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

176 f.: il.

Orientador: Cyntia Belgini Andretta.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Jornalismo. 2. Desaparecidos - São Paulo - Brasil. 3. Livro - Reportagem - Histórias - Crianças. I. Andretta, Cyntia Belgini. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. III. Título.

23. ed. CDD 070

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

**Bianca de Carvalho Velloso
Caroline Adrielli de Almeida Santos**

**DESAPARECIDOS – UM RETRATO DE MAIS DE 200 MIL
PESSOAS NO BRASIL**

Dissertação defendida e aprovada em
4 de dezembro de 2023 pela comissão
examinadora:

Prof. Dra. Cyntia Belgini Andretta
Orientador e presidente da comissão
examinadora.
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

Prof. Me. Amanda Artioli
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

Prof. Me. Artur Araújo
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

**CAMPINAS
2023**

Dedicamos a Irene Teles de Almeida e
Therezinha Ayres dos Reis Velloso

AGRADECIMENTOS

Às mães que, por mais dolorido que tenha sido o processo, abriram o coração para nós durante as entrevistas e responderam com muita honestidade nossas perguntas.

Às ONGs e especialistas que contribuíram com observações e indicações.

Também à nossa equipe: Giovana Vitória Araújo, revisora; Giovani Gasparino Furlan, designer; Letícia Brilha, diagramadora; Cyntia Belgini Andretta, nossa orientadora, que acreditou no projeto desde quando ele era somente uma curta frase: “Queremos fazer um livro sobre pessoas desaparecidas”.

Por fim, à nossa família e amigos que sempre estiveram ao nosso lado. Obrigada pelo apoio e carinho nessa trajetória.

RESUMO

A temática do desaparecimento foi abordada através de um livro-reportagem que conta a história de desaparecidos no estado de São Paulo, com maior detalhamento para seis histórias de crianças que tinham uma família estruturada com uma rotina regrada e desapareceram misteriosamente sem deixar rastros. O objetivo do trabalho é expor e trazer visibilidade para essa problemática que já atinge mais de 200 mil pessoas no Brasil, assim como contribuir para o debate sobre esse fato atípico que aflige milhares de famílias. Para a construção do texto apresentado na obra foram utilizadas técnicas de apuração e entrevista jornalística, com valorização total dos fatos apresentados por meio da perspectiva das fontes, com base em seus relatos pessoais e memórias. O impacto que uma pessoa desaparecida causa na vida das famílias ao longo dos anos é explorado por meio do produto desse projeto experimental, um livro que é dividido em três partes. A primeira objetiva contar com detalhes a história de vida e o dia do desaparecimento de seis crianças. A segunda apresenta análises de especialistas como delegados, psicólogos, pesquisadores, artistas forenses e antropólogos forenses sobre o tema. A terceira e última parte revela como estão atualmente as mães daquelas crianças desaparecidas, apontando o que fazem e como se ocupam. Conclui-se que o desaparecimento é uma temática que deve receber mais atenção em nível social, correspondendo ao objetivo do projeto que é promover maior visibilidade ao tema, e debates devem ser promovidos em termos de Políticas Públicas.

Palavras-chave: Brasil. São Paulo. História. Livro-reportagem. Desaparecidos.

ABSTRACT

The theme of disappearance was addressed through a nonfiction novel that tells the story of missing persons in the state of São Paulo, with greater detailing for six stories of children who had a structured family with a regular routine and disappeared mysteriously without leaving traces. The objective of the work is to expose and bring visibility to this problem that already affects more than 200,000 people in Brazil, and to contribute to the debate about this atypical fact that affects thousands of families. To build the text presented in the work, techniques of journalistic verification and interview were used, with total valuation of the facts presented through the perspective of the sources, based on their personal reports and memories. The impact that a missing person has on the lives of families over the years is explored through the experimental project's product, a book divided into three parts. The first part aims to provide details about the life story and the day of the disappearance of six children. The second part presents analyses from specialists such as delegates, psychologists, researchers, forensic artists, and forensic anthropologists about the topic. The third and last part reveals how the mothers of those disappeared children are currently, pointing out what they do and how they occupy themselves. It is concluded that the disappearance is a theme that should receive more social attention, corresponding to the project's objective of promoting greater visibility to the issue, and debates should be promoted in terms of Public Policy.

Palavras-chave: Brazil. São Paulo. History. Nonfiction novel. Missing persons.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	9
Introdução	9
1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico	10
1.2 Modalidade	14
1.3 Justificativa	15
1.4 Processo de apuração.....	16
1.5 Seleção de fontes	17
CAPÍTULO 2	22
2.1 Desenvolvimento da produção	22
2.2 Processo de edição	29
2.4 Proposta de divulgação	45
2.5 Custos e gastos	50
Referências bibliográficas	51
ANEXOS	53

CAPÍTULO 1

Introdução

O tema deste Projeto Experimental é o desaparecimento. O objetivo é contar histórias de pessoas que desapareceram e como as famílias convivem com esse vazio. A lei 13.812/2019, que institui a Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas e cria o Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas, declara que a definição de desaparecimento é “todo ser humano cujo paradeiro é desconhecido, não importando a causa de seu desaparecimento, até que sua recuperação e identificação tenham sido confirmadas por vias físicas ou científicas” (Brasil, 2019).

Algumas mães criam Organizações Não Governamentais (ONGs), outra parte escreve livros e músicas e outras continuam vivendo a dor e procurando pelo filho desaparecido. Aliás, independentemente da atitude tomada, todas elas seguem buscando pelo filho com a mesma determinação, não importa quantos anos ou décadas se passaram desde o dia do desaparecimento, dia do qual elas se lembram com riqueza de detalhes.

Segundo dados da primeira edição do Mapa dos Desaparecidos, elaborado com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, em média, 183 pessoas desaparecem por dia no Brasil. No triênio entre 2019 e 2021, 200.577 brasileiros desapareceram. A maioria no estado de São Paulo, com 18.858 pessoas desaparecidas. O estado mais populoso do Brasil lidera em disparado os casos. Em segundo, vem Minas Gerais com 6.857 no período estudado. Convém ressaltar que existe a subnotificação e preenchimento incorreto dos Boletins de Ocorrência. Fatores que impedem a precisão desses dados. Ou seja, esse problema pode ser maior do que o registrado.

Para ilustrar essa realidade e contribuir com a difusão do conhecimento sobre essa problemática, esse projeto experimental tem como base a produção de um livro-reportagem, que apresentará histórias de pessoas desaparecidas no estado de São Paulo.

A escolha do estado de São Paulo é justificada no fato de que a prévia do Censo Demográfico de 2022 revela que o estado é o mais populoso do Brasil. Justamente por ser o estado com a maior concentração populacional, é o local com a maior incidência de casos de desaparecimento no país.

O objetivo do livro é contribuir com o debate acerca do tema e jogar luz nesse assunto que é debatido na sociedade somente em datas simbólicas, como o Dia Internacional do Desaparecido, no dia 30 de agosto, mas que afeta o mundo todo diariamente. O público-alvo do livro produzido são as pessoas que tenham interesse no assunto e familiares de pessoas desaparecidas.

Esse projeto visa passar essas histórias adiante, para que as memórias produzidas por essas pessoas desaparecidas em seus familiares sejam descobertas por gerações.

Por meio das técnicas de apuração jornalística, foi abordada uma questão problemática que afeta diversas famílias no território brasileiro: os casos não solucionados de desaparecimento, expondo a forma como as famílias enfrentam a busca incessante por informações e como lidam com a dor da ausência. O propósito da obra consiste em transcender as estatísticas e demonstrar que cada desaparecido é um indivíduo único e relevante, cuja ausência gera um vazio na vida de muitas pessoas.

1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, ao menos 183 pessoas desaparecem por dia no Brasil. Entre 2019 e 2021 foram registrados 200.577 casos de desaparecimentos, sendo 18.858 somente no estado de São Paulo, que também é o mais populoso do país.

No total, 46,7% dos registros de desaparecimento no Brasil em 2022 se concentram na região Sudeste. O estado de São Paulo impulsiona essa concentração, uma vez que registrou 20.411 registros (Fórum, 2023).

Apesar de concentrar o maior número de desaparecidos no país, o estado de São Paulo não é que concentra o maior volume de ocorrências por habitantes. “O Distrito Federal que se destaca quando analisamos a taxa por 100 mil habitantes. Com 83,3 por 100 mil, é a maior taxa do país e mais que o dobro nacional” (Fórum, 2023). A média nacional é de 32 desaparecidos a cada 100 mil habitantes.

Outra particularidade do Distrito Federal é que, em termos de registro dos desaparecimentos, a Polícia Civil do DF é a única no Brasil que vincula o registro do desaparecimento ao registro de localização. Esse processo é feito no próprio Boletim de Ocorrência.

Isso significa que, quando uma pessoa é localizada, o registro de

desaparecimento é retirado da base de dados e ela passa a integrar as estatísticas de localização. Desse modo, a polícia consegue saber exatamente quais pessoas continuam desaparecidas (Fórum, 2023).

Apesar do volume de casos registrados no país, não existe um tipo legal previsto para a classificação desses casos no Brasil. Portanto, eles entram na burocracia policial sendo descritos como "fato atípico", ou seja, mesmo que seja registrado um boletim de ocorrência sobre o desaparecimento e esse caso vire uma investigação policial, ele não constitui crime.

Isso porque o desaparecimento de uma pessoa pode se associar a diversas causas, sendo voluntário ou fruto da ação de terceiros, o que torna a interpretação desses números e compreensão desses casos um desafio para o Estado.

Além disso, o número de registros de pessoas desaparecidas que constam no anuário brasileiro não corresponde exatamente ao número total de pessoas desaparecidas, pois mais de um registro pode ter sido realizado por pessoas diferentes, além de que em apenas um boletim de ocorrência pode constar mais de uma pessoa desaparecida. Ou pode acontecer de uma pessoa desaparecida não ter sequer um registro do ocorrido. Caracterizando a subnotificação, destacada de modo enfático no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023).

Os pesquisadores destacam que o Distrito Federal é o local onde se tem mais dados de desaparecidos no Brasil, muito em função da forma que as delegacias de lá tratam esse fato atípico.

A dificuldade em mensurar essa problemática no Brasil é clara e também revela a urgência de diagnósticos mais precisos sobre o assunto, já que os dados nem sequer separam os registros por idade e gênero.

Apesar da falha na especificidade desses dados, é inegável que a quantidade de desaparecidos é algo relevante, não só para registro, mas também para a elaboração de políticas públicas, que são inexistentes, uma vez que não identificamos nenhuma ação do Poder Público, nas pesquisas iniciais. A proposta desse projeto experimental é ir além desses números.

Embora não exista uma tipificação para esse "fato atípico", existe um protocolo a ser seguido. Deve ser feito um Boletim de Ocorrência, que tem a função de registrar o máximo possível de dados do desaparecido. Se uma pessoa segue uma rotina regrada e, de repente, deixa de frequentar os locais nos quais

deveria estar, ela já pode ser considerada um desaparecido¹. Independente de quanto tempo ela foi vista pela última vez.

A seguir, as buscas devem ser realizadas pela polícia. Mesmo assim, as famílias não ficam de braços cruzados e realizam buscas por conta própria. Algumas famílias chegam a contratar detetives particulares na esperança de encontrar ao menos uma pista e até mesmo a pessoa desaparecida.

Por falta de informação e crença no senso-comum, as pessoas acreditam que devem esperar 48 horas para iniciar as buscas e que o caso é encerrado após 5 anos de buscas. Isso não é verdade. A polícia deve continuar procurando o desaparecido até que ele seja encontrado. Não importa quantos anos demore para que isso aconteça.

A partir da angústia e ansiedade com a burocracia do processo policial de buscas é que surgem as ONGs e movimentos sociais voltados para dar visibilidade aos casos de pessoas desaparecidas no país. Para os casos mais antigos que foram arquivados e já tiveram as buscas encerradas, esses movimentos são a maneira que as famílias encontraram de continuar procurando por aqueles que desapareceram sem deixar rastros.

O livro-reportagem apresenta histórias de pessoas desaparecidas no estado de São Paulo. Escolhemos contar detalhadamente a história de seis crianças, que sumiram de repente. Se encaixando no desaparecimento involuntário. O livro também mostra mais casos de desaparecidos de forma sucinta e também análise de especialistas. O público geral foi definido como sendo os consumidores de livros e os curiosos.

A escolha do recorte geográfico é justificada no fato de que a prévia do Censo Demográfico de 2022 revela que o estado é o mais populoso do Brasil. Justamente por ser o estado com a maior concentração populacional, é o local com a maior incidência de casos de desaparecimento no país. Os dados analisados elucidam a importância de fomentar discussões sobre o problema de desaparecimentos no estado de São Paulo, que figura como líder em número de casos registrados. Portanto, optou-se por delimitar a temática deste projeto ao estado paulista. Além disso, o estado não é eficiente nos registros de desaparecimento, conforme citado no início do tópico. Somente o Distrito Federal é modelo nesse quesito.

¹ Conforme profissionais (delegado e investigadora) consultados no processo de apuração explicaram.

Pensando em termos de classificação do desaparecimento, de acordo com Nupegre (2019), as causas podem ser categorizadas em três classes: desaparecimento voluntário, desaparecimento involuntário e desaparecimento forçado.

Situações nas quais as pessoas se afastam do local que habitam e das atividades cotidianas, sem avisar qualquer conhecido e por vontade própria, são considerados desaparecimentos voluntários. As razões podem ser diversas, como desilusão ou aflição.

O desaparecimento involuntário se caracteriza quando uma pessoa se afasta do cotidiano por motivo fora do controle dela. Problemas de saúde, idade avançada e acidentes estão entre as causas que levam a esse desencontro.

Por último, o desaparecimento forçado ocorre quando terceiros provocam o afastamento de um indivíduo da sua rotina, sem consentimento. Caracterizando um mistério. Circunstâncias de sequestro e ação do Estado podem provocar esse tipo de desaparecimento.

Não é simples determinar a causa do desaparecimento, uma vez que nesses casos não é possível apontar com certeza o que aconteceu. Caso fosse, as pessoas seriam rapidamente encontradas. No entanto, as equipes de busca se baseiam em fatores que antecedem o desaparecimento na tentativa de elaborar uma hipótese. Por exemplo, se uma pessoa teve uma grande desilusão ou brigou com alguém que conviva diariamente, essa pessoa pode ter escolhido desaparecer, o que caracteriza o desaparecimento voluntário. Mas uma coincidência não pode ser descartada, o que ainda deixa a dúvida se realmente foi desaparecimento voluntário ou involuntário - até mesmo o forçado.

Utilizamos essa caracterização para elaborar nosso recorte. Nas seis histórias que foram contadas de forma detalhada, optamos por casos que têm grande potencial de ser desaparecimento involuntário. Nesses casos, nenhum dos desaparecidos deram indícios de que desejavam abandonar a rotina e o estilo de vida que tinham. Tampouco brigaram com alguém do convívio cotidiano ou algum familiar. Essas crianças viviam uma vida tranquila junto da família. Os desaparecimentos ocorreram sem deixar nenhuma pista.

Ademais, a faixa etária entre 12 e 17 são as que mais desaparecem (Mapa, 2019). Respondendo por 29,3% dos 200.577 desaparecidos entre 2019 e 2021. Essas pessoas ilustram casos nos quais a rotina é interrompida de modo abrupto.

1.2 Modalidade

Por se tratar da construção de histórias, o suporte midiático escolhido foi livro-reportagem, que começou a ser estruturado desde a escolha da temática e aprofundamentos durante as aulas de Jornalismo Literário em abril de 2022. O primeiro contato com o tema ocorreu na sala de aula, em que uma reportagem sobre a temática foi apresentada e, imediatamente, a produção de um livro-reportagem se tornou uma opção para produção do Projeto Experimental. Haja vista que esse modelo tem como características ser uma obra que trata de acontecimentos ou fenômenos reais, utilizando de procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo para sua produção, porém sem descartar as nuances literárias. Lima (2019) categoriza seis tipos de narrativas que o jornalismo literário se manifesta, sendo elas: reportagem temática, biografia, perfil, memórias, ensaio pessoal e jornalismo literário de viagem.

No caso deste projeto experimental, será utilizada a reportagem temática. Segundo Lima (2019), o propósito desse gênero é discutir um tema relacionado a uma questão social.

Por outro lado, embora exista essa definição de gêneros, alguns teóricos contestam essa categorização. Rebelo (2000, p.118, apud Lopes, 2010, p, 10), argumenta que “Nenhum gênero existe, portanto, em estado puro, ou seja, a maior parte dos textos jornalísticos integra características próprias dos diferentes gêneros”. Para resolver essa questão, o autor defende que cabe ao analista determinar qual o gênero dominante em cada caso.

Sendo assim, apesar de o gênero dominante ser a reportagem temática, os formatos perfil e memórias também se mesclam na narrativa do livro-reportagem proposto. De acordo com Lima (2019), o texto de perfil centraliza os holofotes no personagem a fim de compreender seus aspectos. Os valores, motivações e receios são trazidos à tona devido a forma que o personagem é tratado.

Os textos de memórias também desempenham papel importante no projeto, pois eles têm como propósito resgatar acontecimentos pontuais da linha do tempo de vida de uma pessoa, ou seja, apenas os fatos que interessam para a narrativa. Segundo Bosi (1979), as memórias não surgem de imediato, é necessário tempo de conversa e até mesmo uma certa conexão, porque lembrança puxa lembrança, e em alguns casos, seria preciso até um escutador

infinito para conseguir o detalhe que precisa retirar daquela conversa. Dessa forma, para conquistar a confiança de ser ouvinte de algumas passagens, é necessário manter contato, porque as memórias não surgem de imediato, elas vêm depois da entrevista enquanto a fonte está vivendo um dia normal. “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão” (Bosi, 1979, p.3).

Por sua vez, Pena (2006) defende que o conceito de livro-reportagem é amplo. Para ele, significa potencializar os mecanismos do jornalismo, transpor limites dos acontecimentos cotidianos, propiciar a ampliação de visões da realidade e contribuir com o exercício da cidadania.

Para além dessa discussão conceitual, conclui-se que para realizar a produção de um livro-reportagem, é necessário considerar aspectos similares à produção jornalística, levando em consideração alguns fatores como o interesse público, a periodicidade, novidade, atualidade e a veracidade. Para realizar a apuração desse livro, serão utilizadas técnicas do jornalismo investigativo assim como o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo: a entrevista, que é uma forma de compreender o outro.

Segundo a classificação de Medina (1995), através das entrevistas, será traçado um perfil humanizado. “Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (Medina, 1995, p. 10).

1.3 Justificativa

A temática dos desaparecidos é algo que desperta o interesse e o imaginário das pessoas. Como pode uma pessoa desaparecer “do nada” e sem deixar vestígios? Exatamente essa questão que intriga as pessoas e as fazem imaginar milhões de possibilidades.

No entanto, justamente por ser inexplicável e ocorrer em contextos variados, o desaparecimento pode acontecer com qualquer um. Por isso, algumas pessoas têm medo só de ler sobre.

Mas isso não exclui a necessidade de debater sobre o assunto e até mesmo de pensar políticas públicas nesse ramo. Diante disso, o livro busca mostrar a

problemática e ir além das efemérides, como o Dia Internacional das Pessoas Desaparecidas (30 de agosto), onde muitos veículos fazem reportagens curtas sobre.

Escolhemos seis histórias para contar minuciosamente. Quantidade que nos inspiramos no livro-reportagem Hiroshima. Na segunda parte, o livro traz mais histórias e análises.

A estrutura do livro remete à jornada do herói. Na Parte I, os personagens se encontram no mundo comum e algo os tira dessa vida regrada - no caso, o desaparecimento de um familiar -. A Parte II traz uma análise dos desafios vividos na busca de um desaparecido. Por fim, a Parte III, mostra os personagens em lugar diferente do início.

Segundo Campbell (2007), o herói é alguém que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais. Com isso, alcançou outras formas de vida, como visões, ideias e inspirações.

1.4 Processo de apuração

- Abril 2022 - contato com a disciplina de Jornalismo Literário e primeira demonstração de interesse em produzir um livro-reportagem como projeto experimental, que foi comunicado para Cyntia Andretta, responsável por ministrar a disciplina naquele período.
- Outubro e novembro de 2022 - elaboração da proposta e pesquisas iniciais;
- Janeiro de 2023 - pesquisas iniciais;
- Fevereiro de 2023 - pesquisas sobre organizações e captação de fontes;
- Março de 2023 - pesquisas e captação de fontes;
- Abril de 2023 - pesquisas e elaboração do recorte;
- Maio de 2023 - pesquisas e pré-entrevistas;
- Junho de 2023 - pesquisas, elaboração de perguntas para entrevistas;
- Julho de 2023 - pesquisas e entrevistas com especialistas (ver Anexos 8,9 e 10);
- Agosto de 2023 - encontro do Dia Internacional dos Desaparecidos (pesquisa de campo), entrevistas com as mães (ver Anexos 2,3,4,5,6,7,11), seleção de fontes e estruturação do livro.
- Setembro de 2023 - escrita do livro;
- Outubro de 2023 - edição do livro;

- Novembro de 2023 - entrega dos documentos finais do Projeto Experimental (pesquisas individuais, relatório técnico e produto jornalístico);
- Dezembro de 2023 - apresentação do Projeto Experimental.

1.5 Seleção de fontes

Para compor as partes um e três do livro, selecionamos seis histórias principais de crianças desaparecidas no estado de São Paulo nos últimos 40 anos. Entrevistamos as mães:

1. Marina Ferreira Souza de Paula: seu filho Rogério Bispo do Nascimento, de 11 anos, desapareceu em 1982, em uma rodoviária no Centro de São Paulo, região em que ele tinha o costume de frequentar.

2. Vera Lúcia Ranu: sua filha Fabiana Renata Gonçalves, de 13 anos, desapareceu em 1996 voltando da escola. Além de ser co-fundadora da “Mães da Sé”, Vera também fundou a ONG “Mães em Luta” na tentativa de implantar mais políticas públicas no país.

3. Lucélia Requena de Araújo: sua filha Patrícia Requena Gonçalves, de 5 anos, desapareceu em 1994 dentro do prédio em que residia em São Paulo.

4. Ivanise Esperidião da Silva Santos: sua filha Fabiana Espiridião da Silva, de 13 anos, desapareceu em 1995 em São Paulo. Após o desaparecimento, uma das formas de lidar com a ausência foi fundar a Org. “Mães da Sé”, que realiza encontros quinzenais há mais de 20 anos com mães de pessoas desaparecidas na Praça da Sé, em São Paulo, na tentativa de localizar essas pessoas. Sua história foi selecionada para compor as seis histórias principais da parte um.

5. Isabel Cristina Silva: seu filho Tiago Rodrigo da Silva, de 15 anos, desapareceu em 1996 na linha férrea de Jundiaí até a Luz, trajeto que fazia diariamente.

6. Zeni Souza do Carmo: sua filha Stephany de Souza Lopes, de 6 anos, desapareceu em 2002 a 50m de distância de casa após ir brincar com a vizinha.

Fontes especialistas e histórias complementares

Para compor a parte dois, que conta com a contribuição de especialistas no assunto e outras histórias, tivemos o apoio de diversos órgãos, ONGs e movimentos, sendo eles:

7. José Aparecido Pesseti: José Pesseti, conhecido como Zinho Uirapuru, é fundador da ONG A.R.E.I.A. - Agrupamento de Rádio Emissão Independente de Araraquara, e trabalha com divulgação para auxiliar na localização de crianças e adolescentes desaparecidos. Atualmente, seu trabalho social é muito forte nas redes sociais. José está atuando nesse projeto como uma fonte de apoio e pesquisa para localizar as famílias que serão personagens para o livro.

8. Rui Pegolo: É Delegado de Campinas do 1º DP de Campinas cuida de casos de pessoas desaparecidas em Campinas. É uma fonte de apoio, está auxiliando na coleta de informações sobre leis e protocolos policiais em casos de desaparecimento.

9. Aiany Alves de Souza: É aspirante oficial da Polícia Militar de SP e fonte de apoio. Está auxiliando na parte documental no fornecimento de dados específicos do estado de São Paulo sobre casos de desaparecimento.

10. Edvânia Sobral de Lima: seu filho Alex Paulino Sobral, de 24 anos, desapareceu em 2010. A mãe relatou que ele sempre foi um garoto calmo. Aos 12 anos descobriu que não era filho biológico do atual marido da mãe, algo que Edvânia acredita ter tido um impacto forte para ele. Com 15 anos, ele começou a ficar rebelde. Aos 18 anos já estava morando na rua. Mesmo com o filho na rua, ela sempre o levava de volta para casa, apesar de ele fugir. Até que um dia ele desapareceu.

11. Lindalva Matos: auxiliou na captação de fontes, uma vez que atua na assistência para famílias que estão buscando alguém. Ela presta esse serviço de forma voluntária. A sensibilização dela para essa causa é que a filha desapareceu, mas já foi encontrada.

12. Divisão de Desaparecidos da Secretaria de Direitos Humanos - São Paulo: auxiliou na captação de fontes especialistas e de famílias. Mantivemos contato com Darko Hunter, assessor da Divisão de Desaparecidos.

13. Isabel de Cássia Marques: sua filha Ana Caroline Yetunde Marques Ojediran, de 13 anos, desapareceu em 8 de agosto de 2018 em São Paulo. A mãe relatou que no dia do desaparecimento, a menina estava agitada e havia apresentado ciúmes de uma das irmãs. Naquele ano, a menina estava enfrentando situações de bullying na escola. A menina passou a ficar fora de casa por dias e dormia nas ruas. Em razão desses desaparecimentos frequentes, demorou um mês para a família notar o desaparecimento da garota.

14. Maria Luciene Oliveira Silva: seu filho Darlisson Silva Brito, de 14 anos, desapareceu em 2009. Após a separação dos pais, o garoto ficou com o pai. Em uma dessas fugas, ele acabou ficando desaparecido por meses. Um dia, indo para a escola, ele sumiu. A mãe segue buscando o filho até os dias de hoje.

15. Gilberto Fernandes: psicólogo que atua no atendimento a famílias que estão buscando por algum membro desaparecido.

16. Sidney Barbosa: coordenador do Laboratório de Arte Forense do Departamento Estadual de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), indicou um artista forense da unidade para falar sobre como é feito o retrato da progressão de idade de uma pessoa desaparecida.

17. Thiago Beleza: artista forense do Laboratório de Arte Forense de São Paulo que atualmente realiza o estudo e produz as artes de progressão de idade de pessoas desaparecidas.

18. Ana Paula Velloso: antropóloga forense, é formada em biomedicina e atua no Instituto Médico Legal (IML). Explicou como é feito o trabalho de reconhecimento e identificação de um corpo e contribuiu com sua visão sobre políticas públicas relacionadas ao tema de pessoas desaparecidas.

19. Talita Nascimento: pesquisadora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e graduada em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo (USP).

20. Ana Paula Segalla: investigadora da Delegacia de Investigações Gerais (DIG) em Campinas.

21. Iraci Santos: seu filho Ivan Rodrigo, de 15 anos, desapareceu em 2003. Ele costumava sair com os colegas e, apesar de ser menor de idade, ele tinha uma moto e sempre saía para passear. A mãe ficava preocupada com o risco de acidente, então sempre que ele saía, tinha o costume de avisar que chegou. Até que um dia não avisou mais, ele desapareceu.

22. Lucileide da Silva Damasceno: seu filho Felipe Damasceno, 17 anos, desapareceu em 2008. O menino saiu de casa para ir na casa do amigo chamado Vinícius. Lucileide não conhecia esse amigo. Quando o filho não retornou na data prevista, ela se deu conta de que se tratava de um caso de desaparecimento. Imediatamente, entrou em contato com a família de Vinícius. Foi assim que ela descobriu que o amigo também havia desaparecido.

23. Miriam Rodrigues: seu filho Jefferson Rodrigues, de 24 anos, era estudante de Economia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ele estudava no período noturno e era aluno do Programa Universidade Para Todos. Segundo a mãe, era focado nos estudos e sonhava em prestar concurso público na área. Além disso, o jovem era tranquilo, não tinha muitos amigos, não tinha o costume de sair, gostava de estudar e era muito religioso. Na época do desaparecimento, ele estava desempregado. Com isso, o único compromisso era a faculdade no período da noite. No dia em que desapareceu, a mãe acordou e viu que a cama dele estava arrumada. Notou que ele havia saído e nunca mais voltou.

24. Teodomiro dos Santos: o cunhado Valmir Nascimento, de 50 anos, desapareceu em 1995 em um hospital psiquiátrico. Foi encontrado e desapareceu novamente em 2004, desde então não foi mais localizado.

25. Dalva Campioto: o filho Leonardo Campioto, de 27 anos, desapareceu

em 2007. Ele recebeu um telefonema de um amigo e saiu para encontrá-lo. Nunca mais foi visto.

26. Isabelly Vilela Gonçalves: é sobrinha de Fabiana Renata Gonçalves (filha desaparecida de Vera Lúcia Ranu) que milita pela causa dos desaparecidos desde os 6 anos. Aos 15 anos, ela projeta continuar a apoiar a avó nessa luta por mais visibilidade e implementação de políticas públicas para desaparecidos.

27. Criméia Almeida: o marido e o cunhado dela desapareceram na época da ditadura militar no Brasil. Ela também foi presa e torturada enquanto estava grávida.

28. Sandro Andrade: seu filho Samuel Gustavo, de 19 anos, desapareceu em 2017. O menino estava voltando de uma balada e nunca mais foi visto. O pai relatou que Samuel não usava drogas, nem consumia bebidas alcoólicas. Ele também não tinha nenhum problema psicológico. A polícia chegou a localizar o celular do menino, pois foi vendido dois meses após o desaparecimento. No entanto, a equipe de investigação não conseguiu nenhuma pista a partir disso e além dessa.

29. Maria José Barreto Braga: seu filho Felipe Barreto, de 22 anos, desapareceu em 2014. Ele residia em Santos com um amigo e costumava viajar para Pirassununga para encontrar a namorada, que estava grávida. Eles planejavam morar juntos, estavam alugando um apartamento na cidade dela mesmo. Em uma dessas viagens para Pirassununga, ele chegou tarde em São Paulo, cidade onde nasceu, e acabou dormindo na casa de uma amiga na região da Consolação. A intenção era seguir para Pirassununga no dia seguinte. Mas, depois de deixar a casa da amiga, ele desapareceu. A namorada demorou para informar a mãe de que ele não havia chegado.

30. Eliane Nascimento: seu filho Ailton Botello, de 19 anos, desapareceu em 1999. A mãe havia feito uma festa de aniversário para comemorar o aniversário dele em um final de semana. Após a festa, ele foi para a casa do pai. Depois disso, nunca mais voltou. Ailton tinha atraso mental. A mãe sofreu um acidente durante a gravidez. O menino fazia acompanhamento psicológico por conta disso. Ele ficou com sequelas, como dificuldade para aprender, demorou para ser alfabetizado e agia

como uma criança. A mãe possui laudo que atesta.

31. Sandra Moreno: sua filha Ana Paula Moreno, de 23 anos, desapareceu em 2009. Ana, que morava em Carapicuíba, estava indo para o trabalho, em Alphaville, quando desapareceu.

32. Maria do Socorro Monteiro: seu filho Frankenelson Adriano Monteiro Feitosa, de 13 anos, desapareceu em 1996. A mãe foi à feira com os filhos e depois os deixou em casa para ir trabalhar. Quando voltou para casa, por volta das 18 horas, não encontrou Frankenelson. Os irmãos informaram que ele havia saído para jogar bola no campinho do bairro em que moravam e não havia voltado. Desde então, o menino nunca mais foi visto.

CAPÍTULO 2

2.1 Desenvolvimento da produção

O início da produção foi baseado nos processos de apuração jornalística, ou seja, após a pesquisa, foi feita a elaboração de perguntas padrões para que as famílias respondessem nas entrevistas. Devido à sensibilidade do assunto, as perguntas foram planejadas em três blocos.

No primeiro bloco, as perguntas visavam conhecer o filho e os eventos do dia do desaparecimento. A mãe foi solicitada a fornecer informações sobre o filho, como nome, idade, rotina diária e detalhes relevantes. Ela também compartilhou as circunstâncias do último encontro e se seu filho estava com alguém. Mudanças de comportamento, eventos incomuns e relacionamentos próximos também foram abordados.

1. Pode me contar um pouco sobre seu filho? Nome, idade, interesses, amigos próximos, rotina diária, o que ele gostava de fazer, de comer e entre outros detalhes relevantes.
2. Quando foi a última vez que você viu seu filho e onde isso aconteceu?
3. O que ele estava fazendo naquele momento? Ele estava com alguém?
4. Como era a rotina do seu filho? Você se lembra quais eram os planos ou atividades que ele faria naquele dia?

5. Você notou alguma mudança de comportamento no seu filho antes do desaparecimento? Alguma discussão, preocupação, estresse?
6. Houve algum evento incomum, estranho ou marcante que também aconteceu naquele dia?
7. Ele tinha algum hábito de frequentar lugares específicos? Amigos, locais de lazer, hobbies etc.?
8. Ele tinha alguma relação de amizade ou contato muito forte com alguém?
9. Tinha alguém que não gostava do seu filho ou houve alguma discussão recente com algum familiar/amigo?

No segundo bloco, as perguntas focaram em obter informações específicas sobre o dia do desaparecimento e as ações subsequentes. As mães relataram detalhes do tempo naquele dia, afazeres e roupas que o filho utilizava, bem como as últimas palavras trocadas. O bloco também explorou a duração das buscas, conclusões da polícia, esforços contínuos da família e testemunhas. A colaboração da comunidade e informações adicionais também foram abordadas.

1. Você se lembra dos detalhes do dia do desaparecimento em específico?
Como estava o tempo, seus afazeres, os afazeres de seu filho, a roupa em que ele estava usando, o momento em que notou que se tratava de um caso de desaparecimento, o que fez em seguida, o momento em que procurou as autoridades etc.
2. Você se lembra das últimas palavras que trocou com ele?
3. Você se lembra de como foram as buscas? Durou quanto tempo?
4. O que as autoridades e a polícia concluíram do desaparecimento?
5. Após a conclusão da polícia, você continuou procurando por conta própria?
6. Na época alguma testemunha viu algo incomum ou conseguiu fornecer mais informações sobre o paradeiro dele?
7. Os vizinhos e a família auxiliaram nas buscas? Você se lembra de pessoas marcantes que ajudaram bastante na época?
8. Há alguma informação adicional que você acredita ser relevante para entender melhor o que aconteceu no dia do desaparecimento?

O terceiro e último bloco é mais pessoal, explorou a personalidade do filho, seus interesses, sonhos, hobbies e rotina diária. A mãe compartilhou como lida com

a ausência do filho e detalhes sobre datas comemorativas. Também foi investigado o apoio emocional recebido e pessoas próximas ao filho com o objetivo de captar fontes adicionais.

1. Como você descreveria a personalidade e o jeito do seu filho? Era uma pessoa mais calma, mais agitada, introvertida, extrovertida
2. O que ele gostava de fazer? Tinha algum hobby, fazia algum curso?
3. Quais eram os sonhos dele? O propósito etc.
4. O que ele geralmente fazia durante os dias? Como era sua rotina?
5. Ele comentava com você sobre os sonhos dele, o que gostaria de fazer no futuro?
6. Você se lembra do que estava fazendo no momento em percebeu que se tratava de um caso de desaparecimento?
7. Após o desaparecimento, poderia compartilhar sobre como tem sido as datas comemorativas importantes para você, como aniversário, natal e outras datas festivas?
8. Como você lida com essa dor ao longo desses anos?
9. Tem alguma outra pessoa na qual o seu filho era apegado? (objetivo de captar fontes)

Foi com base nesse planejamento que as entrevistas com todas as mães foram realizadas. Outro ponto importante foi a elaboração das perguntas que seriam feitas para as autoridades. Dez perguntas que visavam obter uma compreensão abrangente dos procedimentos e abordagens da polícia em casos de desaparecimento atualmente foram selecionadas para o delegado. Elas abordam desde o momento em que as famílias podem registrar um Boletim de Ocorrência até o período em que as buscas são conduzidas e os casos eventualmente arquivados. O objetivo é obter informações detalhadas sobre a atuação policial e identificar eventuais desafios e oportunidades de melhoria na abordagem dos casos de desaparecimento.

Além disso, no processo de apuração foi perceptível a falta de clareza nos dados que são fornecidos pelo Anuário de Segurança Pública sobre desaparecimento. Sendo assim, foi realizada uma entrevista com a pesquisadora Talita Nascimento, que elaborou esse relatório com uma série de questões que exploram o motivo do baixo detalhamento nos dados fornecidos. O objetivo foi

entender como essa falta de clareza pode afetar o trabalho das autoridades do país sobre essa problemática.

As perguntas também buscam entender a origem e como é feito o processo de coleta de dados para a produção do Anuário, bem como a experiência da pesquisadora neste trabalho. As perguntas também visavam identificar se há algum perfil comum entre as pessoas desaparecidas no Brasil e qual é o papel do Poder Público na abordagem dessa questão. O objetivo geral desse processo foi obter uma compreensão mais profunda do Anuário e discutir possíveis políticas públicas para solucionar e prevenir casos de desaparecimento com a especialista.

A primeira entrevista presencial aconteceu com o delegado na Delegacia de Investigações Gerais de Campinas (DIG). O início do projeto se deu com a entrevista feita com o especialista, que serviu como fonte subsidiária para o primeiro mergulho na temática. Sendo assim, com base em suas respostas, foi possível ter um melhor entendimento de qual é o protocolo atual em casos de desaparecimento. Isso foi essencial para que fosse feita a comparação com o relato das mães, que vivenciaram a execução do protocolo antigo de 40 anos atrás.

Em seguida, realizamos uma entrevista com um psicólogo especializado em desaparecimentos para ter um melhor entendimento de como realizar a abordagem com as mães. Essa entrevista foi essencial, pois foi a partir dela que foi possível observar e analisar o comportamento das fontes para saber a hora certa de tocar em assuntos específicos.

O primeiro contato com as mães foi feito por telefone. Essa relação foi mantida de maneira remota e recorrente ao longo do ano e em agosto de 2023 realizamos as primeiras visitas presenciais no escritório da ONG Mães em Luta e na residência de uma das fontes. Todas as outras entrevistas presenciais foram realizadas no encontro das Mães da Sé, no dia 30 de agosto, no Dia Internacional das Vítimas de Desaparecimento forçado.

Vale destacar que as perguntas das entrevistas foram planejadas para serem feitas em três blocos, mas não necessariamente na prática, seguiram aquela ordem. Não teve um padrão, a entrevista foi seguindo o fluxo de uma conversa normal. Vale destacar que com a quantidade de entrevistas feitas, o papel com as perguntas deixou de ser consultado, pois elas já estavam frescas na memória e isso promoveu

uma aproximação com a fonte, porque em um panorama geral, se tratava de duas pessoas conversando e não de uma perguntando e a outra respondendo.

Houve uma certa dificuldade na coleta de informações sobre as histórias, porque por se tratar de relatos do passado, alguns detalhes fugiam da memória das fontes, ou então, por preferência das mães, escolheram não falar sobre e passar vagamente por aquele período com frases curtas. Foi feito um esforço extra para resgatar o máximo de detalhamento possível sobre as histórias, apesar de alguns tópicos sensoriais, como por exemplo, se o dia do desaparecimento estava ensolarado ou não, se chovia ou fazia frio, quais roupas usavam, o que sentiam naquele momento etc., serem extremamente sensíveis. Era notável que, ao questionar detalhes sobre a personalidade do desaparecido, seus sonhos e rotina, as mães ficavam extremamente emotivas.

Medina (1995), em “O Diálogo Possível”, diz que em boas circunstâncias, a entrevista se torna um diálogo, em que o entrevistador e o entrevistado conversam como se fosse algo comum, do dia a dia. É uma troca recíproca, em que o objetivo não é espetacularizar a fonte, mas sim compreendê-la. “Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente se faz presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar os limites de um questionário fechado, numa cronologia rígida, de uma presentificação radical de personagem que ultrapassa esses ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já encontraria esta fórmula”.

Em diversos momentos, essa fórmula para encontrar o diálogo possível foi utilizada. Um questionário fechado e com cronologia rígida não daria conta de englobar a complexidade das respostas que estavam sendo fornecidas devido ao cunho emocional. Sendo assim, foi necessário mudar o fluxo das perguntas e em certos momentos até mesmo de assunto, para manter o bom fluxo do diálogo e para que as mães pudessem se sentir mais confortáveis em compartilhar detalhes daquela dor.

Dar atenção para tópicos e assuntos que fugiam do tema da entrevista também foi uma estratégia. Quando um tópico sensível surgia em alguma pergunta ele era respondido vagamente, e na sequência, a fonte contava com detalhes sobre um outro tópico, que não era interessante para a entrevista naquele momento. Nesses casos, nós deixávamos que contassem e até mesmo demonstramos

interesse, para que se sentissem confortáveis e ouvidas, e assim que surgiu a oportunidade, retomamos a pergunta inicial, aquela que a fonte estava fugindo.

Dessa forma, as fontes se sentiam ouvidas e compreendidas, e não espetacularizadas, de modo que só estivessem ali para contar com detalhes um período ruim de suas vidas. Tudo fluiu como uma conversa, uma troca. Elas contavam a história e nós demonstrávamos interesse e empolgação com cada detalhe, independente do assunto. "O entrevistado passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço. O repórter, se for um bom curtidor de papos sem limites profissionais, embarca e se deleita" (Medina, 1995).

Figura 1. Encontro ocorrido no dia 30 de agosto de 2023 na Praça da Sé, em São Paulo.

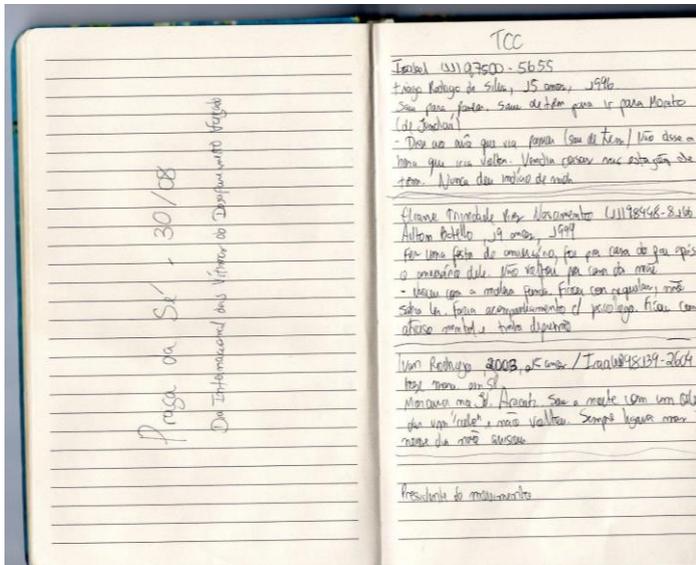


Fonte: Elaboração da autora Caroline Adrielli (2023).

Foi um encontro muito proveitoso, pois por se tratar de uma data importante, todas as mães que estávamos em contato compareceram. Além disso, o fato de estarem reunidas por uma única causa facilitou as entrevistas, pois era um ambiente seguro e acolhedor para que se abrissem para falar sobre esse tema que é tão dolorido. O encontro durou cerca de cinco horas e a partir das histórias desse contato

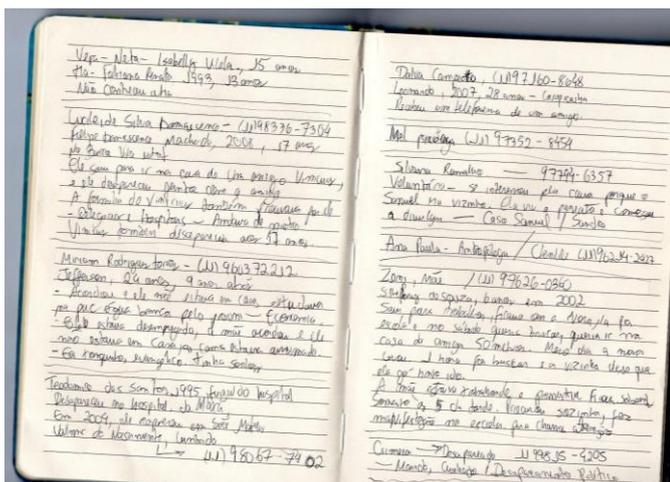
inicial com as mães, foi feito o contato com fontes complementares que se relacionavam com os relatos feitos, como netos, filhos, artistas forenses, a antropóloga forense e até mesmo detetives particulares.

Figura 2. Registros de parte da apuração feita no dia 30 de agosto.



Fonte: Elaboração da autora Caroline Adrielli (2023).

Figura 3. Registros de parte da apuração feita no dia 30 de agosto.



Fonte: Elaboração da autora Caroline Adrielli (2023).

Acima, breves anotações de algumas entrevistas que foram realizadas no dia 30 de agosto de 2023. O recurso em papel foi utilizado como uma alternativa para qualquer imprevisto com os áudios, portanto, somente as informações mais importantes foram anotadas com agilidade e como por exemplo, o telefone de cada entrevistado e um breve resumo de sua história contendo ano e local do desaparecimento.

Conversamos com diversas pessoas e colhemos histórias de todo o tipo, e a partir disso, o recorte foi definido e os casos principais foram cuidadosamente selecionados para compor a obra. Na sequência, iniciamos a escrita do produto final. Durante o processo de escrita, algumas dúvidas surgiram e todas as fontes deixaram um canal aberto por ligação telefônica e por chamada de vídeo para que pudéssemos trabalhar com os detalhes. As entrevistas complementares em conjunto com a escrita do livro duraram cerca de dois meses.

As histórias eram muito diferentes entre si apesar de algumas apresentarem pontos em comum. Tivemos contato com todo tipo de relato de desaparecimento: voluntário, involuntário – que eram os mais intrigantes pois envolviam o fator do mistério –, e até mesmo relatos de desaparecimento político. As histórias eram de pessoas desaparecidas de todas as idades e de diversas cidades do estado de São Paulo. Era nítida a necessidade de definição de um recorte para que os holofotes se voltassem para apenas um tipo de desaparecimento e para casos de pessoas que tivessem um perfil específico. Logo no início da apuração, foi perceptível de que não seria possível abordar com certo nível de detalhamento todos os tipos de desaparecimento, e tudo isso foi cuidadosamente pensado e planejado.

2.2 Processo de edição

O processo de edição se iniciou com a definição do recorte e o planejamento dos capítulos. Primeiramente, foi definido que o prefácio iria conter a justificativa da escolha do tema para a produção jornalística do livro-reportagem, para informar ao leitor sobre as inspirações e motivações que nos levaram a explorar mais a fundo o tema.

É perceptível que anualmente a imprensa fala sobre os desaparecidos, porém, é sempre de maneira superficial, exaltando os dados e apenas mencionando os personagens. A notícia de caráter mais factual não é capaz de abordar o tema com a mesma profundidade e minúcia encontradas nesta obra.

Por exemplo, em 2023 a Ponte divulgou a manchete “Movimentos pedem aplicação de política nacional de busca de desaparecidos”, matéria superficial de cobertura do ato do 30 de agosto, Dia Internacional das Vítimas de Desaparecimento Forçado. Ainda em 2023, O Antagonista também fez uma matéria de apelo ao tema com o título “Você pode ajudar a encontrar Valdemir, um dos desaparecidos do Brasil”, trazendo dados. Em 2020, a Agência Brasil fez uma matéria com o título

“Número de desaparecidos no Brasil em 2019 ultrapassou os 79 mil”, também falando exclusivamente sobre os números. Em 2019, o Observatório do Terceiro Setor produziu uma matéria com o título “Por dia, 23 crianças e adolescentes desaparecem em São Paulo”, com foco na apuração de dados.

São raras as exceções em que a imprensa trabalha o tema com foco nos personagens, como a reportagem especial “Que horas eles voltam?” do UOL Tab e “Filhos desaparecidos: uma história sem fim”, do veículo gaúcho GZH geral, que abandona as aspas e conta a história com elementos literários com o uso de travessão.

Além dos números, o livro possui detalhes sobre a rotina da pessoa desaparecida, destrinchando o mistério que cerca o caso e expondo a dor que as mães sentem com a ausência dos filhos. Além disso, é um tema oculto, que exige maior atenção do Poder Público, tendo em vista que os dados não são aquém ao real devido à dificuldade na coleta e, ano após ano, os números de casos aumentam. Tudo isso é abordado no prefácio.

O segundo tópico a ser pensado foi o posfácio, que finaliza a obra e vem antes dos agradecimentos e referências. Seria a última parte consumida pelo leitor, portanto, decidimos trazer um manual sobre o que fazer em casos de desaparecimento. Ou seja, é um trecho caracterizado como “serviços”, com dicas efetivas de o que fazer ao se deparar com essa situação e contatos das autoridades e de ONGs que podem auxiliar.

Como todo produto jornalístico, o objetivo é informar o leitor, e ao longo da apuração, observou-se que desinformação é o que cerca esse tema no país. O senso comum replica um procedimento de que só se deve realizar um Boletim de Ocorrência 48 horas após o desaparecimento, entretanto, não é o que diz o delegado e as autoridades. O registro deve ser feito imediatamente, assim que a família notar uma quebra de rotina, pois as primeiras horas de uma investigação são as mais importantes. Tudo isso consta no posfácio de maneira simples e didática, apontando o passo a passo de como a família deve agir em um caso de desaparecimento.

comuns, permitindo que elas sejam classificadas entre os tipos de heróis da literatura milenar. Elas foram submetidas a uma situação que foge do controle e conseguiram superar as dificuldades, que seria a retomada da rotina cotidiana mesmo com a dor. O autor aponta que para se tornar herói, é necessário: "Abandonar uma condição, encontrar a fonte da vida e chegar a uma condição diferente mais rica ou mais madura" (Campbell, 1986).

Segundo o mitologista, existem dois tipos de heróis. Aqueles vistos nos mitos celtas que sem querer cruzam caminhos desconhecidos e se encontram em uma jornada de aventura. Nessa categoria, o herói não sabe o que está fazendo, foi o acaso que o colocou naquela narrativa, assim como o cenário descrito na parte um, em que as mães percebem que se trata de um caso de desaparecimento e que precisam agir de alguma forma. Não foi uma escolha, foi o acaso.

O outro tipo de herói é aquele que sabe o que está fazendo de maneira responsável e intencional para a realização de alguma proeza. O autor relaciona esse tipo de herói com a história de Ulisses, ou na mitologia grega Odisseu, que recebe um chamado de Atena e é designado a encontrar seu pai. Esse tipo de herói sabe o que está fazendo e tem um objetivo, assim como o cenário narrado na parte três, que mostra como está a vida dessas mães atualmente, pois conta casos em que elas receberam o chamado e não o ignoram, algumas até mesmo abriram ONGs para realizarem trabalhos dentro dessa temática. "O herói propriamente dito é alguém que deu a sua vida por algo maior ou diferente dele mesmo" (Campbell, 1986).

Ou seja, na parte dois são feitas análises dos dados e na parte três é retomada os conceitos da Jornada do Herói, pois conta detalhadamente como é, atualmente, a vida das mães, quais são seus propósitos enriquecedores e como ocupam seus dias e no que dedicam suas horas. "Nas vigorosas narrativas dos gregos ou nas lendas majestosas da Bíblia, a aventura do herói costuma seguir o padrão da unidade nuclear acima descrita: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida" Campbell (2007, pág. 20).

A ordem das histórias

Para um maior nível de detalhamento de cada parte do planejamento feito baseado na Jornada do Herói e em conceitos jornalísticos, a parte um do livro conta com riqueza de detalhes a história e a rotina dos seis casos principais: crianças que

desapareceram de repente e sem motivo aparente no estado de São Paulo, ou seja, casos misteriosos e que se enquadram na categoria de desaparecimento involuntário. As histórias da parte um aparecem em ordem cronológica propositalmente, da mais antiga para a mais atual, para fins comparativos da abordagem do tema pelas autoridades.

Por se tratar de casos de crianças que tinham uma rotina estabelecida, um bom relacionamento familiar e nenhum histórico de fuga ou motivo aparente para querer desaparecer, são histórias chocantes. Devido ao teor da parte um, que sensibiliza e impacta o leitor de forma intensa, observou-se que a parte dois precisava trazer uma perspectiva mais positiva sobre o tema para aliviar o peso e o medo que o leitor carrega da parte um. Pensando nisso, também foi preparado um manual de como evitar um desaparecimento com base em uma cartilha da Organização Não Governamental (ONG) Mães em Luta, que atua diretamente na prevenção.

Sendo assim, a parte dois conta com um perfil marcado por dados e estatísticas de quem mais desaparece no Brasil. Também traz a análise de especialistas sobre o desaparecimento com o objetivo de comparar a conduta das autoridades nas histórias da parte um, que ocorreram ao longo dos últimos 40 anos, demonstrando o progresso do tema em termos de Políticas Públicas. As análises dos especialistas são mescladas com outras histórias de desaparecimento. Foi esse trecho que abriu a possibilidade de explorar os outros tipos de desaparecimento, como o desaparecimento voluntário, trazendo histórias de pessoas que já haviam atingido a maioria penal no Brasil.

Ainda nessa parte, os casos de desaparecimento aparecem seguindo uma ordem que faz sentido com a análise dos dados que estão sendo apresentados. Ela se inicia com a indicação de um perfil de quem mais desaparece no Brasil, aborda a saúde mental de quem fica e apresenta duas histórias. Na sequência, é abordado o fato de que as mães são a maioria que procuram por anos pelos filhos, mas também aponta a exceção, trazendo a história de um pai que protagoniza as buscas. Como foram feitas diversas entrevistas e tivemos contato com uma grande variedade de histórias, apesar de o recorte das histórias principais ser voltado para crianças, decidimos mesclar histórias curtas de pessoas maiores de idade, que também desapareceram misteriosamente. O objetivo é mostrar que o desaparecimento é

capaz de atingir qualquer idade ao contar casos de pessoas com perfis, rotinas e famílias diferentes.

Na sequência, ainda na parte dois, foi feita uma análise sobre a adolescência, que é o período em que ocorre a maior taxa de desaparecimentos segundo dados do Anuário de Segurança Pública. Junto com a análise dos dados, também são contadas histórias curtas de adolescentes desaparecidos. Para fechar essa parte, é feito um manual informativo apontando as principais causas de desaparecimento e como evitá-lo.

Essa é uma das partes mais importantes do livro, assim como parte do posfácio, que mostra o passo a passo de como agir em casos de desaparecimento, porque elas têm cunho informativo. Kovach e Rosenstiel (2003) apontam que entre os papéis do jornalismo está o de informar sobre temas ocultos. Devido à falta de informação clara sobre o tema do desaparecimento por parte dos veículos e instituições do Brasil, decidimos que, além de contar histórias e apontar dados, teríamos o cuidado de trazer detalhadamente na obra como evitar um desaparecimento e como agir caso ele venha a acontecer.

Por fim, a parte três conta a história das mães dos desaparecidos destacados na parte um. A intenção é demonstrar o que fazem atualmente para ocupar o espaço que o desaparecimento de um filho deixou em suas vidas, como convivem com essa dor e contar a história dessa luta no país. É importante destacar que duas entrevistadas fundaram ONGs que têm importância histórica para o tema a nível nacional e internacional, portanto, a parte três vem para sanar as dúvidas do leitor de como essas mães se encontram atualmente, incluindo seus rostos, também para documentar a história da fundação das duas maiores organizações em prol de desaparecidos do Brasil, a pioneira ONG Mães da Sé e a ONG Mães em Luta.

A parte um carrega o título de “Antes”, pois os relatos são baseados em memórias, em que as mães falam sobre o passado, quando ainda tinham os filhos presentes, quando perceberam que se tratava de um caso de desaparecimento e quando aconteceram as primeiras buscas e investigações. A parte dois carrega o título de “Análise”, pois apresenta literalmente a análise de especialistas sobre o tema, as perspectivas de novas Políticas Públicas e um manual de prevenção ao desaparecimento. A parte três carrega o título de “Agora”, pois fala sobre o presente, com relatos de como é a vida e o cotidiano de cada uma das mães dos desaparecidos

da parte um. Esse capítulo explora os projetos que as mães iniciaram após o desaparecimento e como lidam com a rotina sem o filho presente.

Cada detalhe foi pensado, inclusive o nome dos capítulos. A subjetividade e o mistério dos que contemplam a parte um foram planejados para instigar o leitor a saber mais sobre o que está por vir ao longo da história, sendo eles “De banca em banca”, “Tata”, “A poucos metros”, “Não tem mais festa”, “Nos trilhos” e “O telefonema”, respectivamente.

A parte dois possui apenas um capítulo intitulado de “Além dos números”, que se inicia com “Quem desaparece no Brasil” para discorrer o perfil dos desaparecidos baseado em dados oficiais do Estado. O que separa os temas e as histórias neste capítulo são os intertítulos, que se relacionam com detalhes do caso que será contado a seguir ou com o tema que será abordado, como por exemplo, tópicos de saúde mental e adolescência.

Após a parte dois, que é voltada para análises e Políticas Públicas, são apresentados cartazes com rostos de cerca de 50 pessoas desaparecidas que ainda não foram encontradas. A intenção é mostrar a face daqueles que compõem os números que foram tão mencionados neste trecho e informar a importância de a sociedade colaborar na localização, caso tenha visto alguma daquelas pessoas. O objetivo é fazer com que o leitor visualize a dimensão desse problema e humanize as estatísticas ao ter contato com os rostos.

Já a parte três, composta pela história das mães, possui capítulos intitulados com suas próprias falas, que aparecem no decorrer da história, sendo eles “Transformei minha dor em luta”, “A vida tem que voltar ao normal”, “Palavras que afagam”, “O propósito no cuidado”, “Para acalantar meu coração sofrido” e “Eu não desisto”, respectivamente. O último capítulo carrega esse título propositalmente, pois apesar de toda a dor ano após ano, todas as mães relatam ter esperanças e a certeza de que um dia poderão abraçar os filhos novamente.

Cronologia das ações

A escrita e preparação de todos esses detalhes durou cerca de dois meses, andando lado a lado com a apuração, pois por se tratar de um livro-reportagem, ou seja, uma obra também literária, a riqueza de detalhes nos parágrafos foi de suma importância. Após a escrita o livro passou por uma revisão, que durou cerca de 15 dias, com foco em corrigir minuciosamente detalhes gramaticais.

Na sequência, foi encaminhado para a diagramação, que seguiu todo esse planejamento de capítulos, mantendo os títulos e intertítulos. Nesta etapa, imagens foram inseridas ao longo da obra. São fotos dos desaparecidos com a progressão de idade feita por artistas forenses do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP) e fotos que documentam a trajetória das mães. O livro ficou em processo de diagramação por cerca de 15 dias.

Por questões estéticas, as imagens inseridas ao longo das páginas da obra contêm apenas legendas, sem constar o crédito de quem tirou a foto. Isso ocorreu porque as imagens de progressão de idade dos desaparecidos vêm do site da Polícia, já referenciado na obra, e as fotos das mães são de arquivo pessoal. Ou seja, como as fotos são de domínio público para fins de divulgação e de arquivo pessoal, essa informação não foi inserida junto da legenda devido ao curto espaço disponível no momento da diagramação. As autoras optaram por manter as imagens pequenas ao longo das páginas do livro pois estavam todas em baixa qualidade por se tratar de fotos antigas. Caso fossem disponibilizadas em um formato maior, as fotos perderiam totalmente a qualidade na impressão, de modo que todas ficassem borradas.

A primeira versão diagramada não foi satisfatória, então uma série de modificações foram solicitadas na parte visual. Em termos de revisão do texto, a primeira versão também foi totalmente modificada. A revisão feita pela profissional contratada não atendeu às expectativas das autoras, que em uma semana se comprometeram em revisar todo o conteúdo novamente e complementar trechos que pediam maior nível de detalhamento ou contextualização prévia. Tudo isso foi feito durante o final do mês de outubro e início de novembro. Após a última revisão das autoras, o texto foi direcionado para a diagramação novamente, seguindo os padrões já estabelecidos.

Em paralelo, o projeto externo foi pensado em conjunto com um designer contratado. Conforme o Anexo 1, foi enviado um briefing para o profissional contendo todas as informações necessárias para que a capa, contracapa e as orelhas do livro fossem produzidas. Em setembro de 2023 recebemos a primeira versão, ou seja, um rascunho do projeto, no qual diversas alterações foram solicitadas.

Figura 5. Primeira versão da capa do livro 'Desaparecidos'.



Fonte: elaboração do designer Giovanni Gasparino (2023).

O rosto central é formado por recortes de papel dos rostos dos seis personagens principais. O artista gráfico conseguiu contemplar algumas das ideias apresentadas, porém, a sensação de que essa capa nos transmitiu foi de algo medonho e sombrio, e a intenção não era essa. A semiótica que estávamos buscando com essa capa era concentrar signos visuais que indicassem quantidade, porém, com uma certa intimidade. Ou seja, gostaríamos de mostrar que é uma obra que vai além dos números, porém com leveza, e destacar os rostos recortados não se encaixou na proposta da maneira que esperávamos.

Por semiótica, podemos entender que diz respeito ao significado dos signos que representam objetos (objetivo) e sentimentos (subjetivo), por exemplo. Uma vez que Eco (1975) explica que as “coisas” que os signos podem representar não precisam necessariamente existir. Na capa, buscamos representar, através dos rostos, o sentimento de angústia vivido pelas famílias.

Na primeira semana de outubro de 2023, em que estávamos buscando uma alternativa para esse problema, um mural foi avistado durante um passeio no Parque Dom Pedro Shopping, em Campinas.

Figura 6. Mural no Parque Dom Pedro Shopping em 9 de outubro de 2023.



Fonte: elaboração da autora Bianca Velloso (2023).

A sobreposição de imagens contida no mural da Figura 6 foi enviada para o designer como uma alternativa para exemplificar a suavidade e leveza que gostaríamos de transmitir com o projeto gráfico externo. O objetivo era fazer essa sobreposição de imagens com um sombreamento capaz de formar um rosto. Essa ideia serviu de inspiração para o designer, que produziu outras duas opções de capas.

Figura 7. Segunda e terceira versões da capa, respectivamente.



Fonte: elaboração do designer Giovani Gasparino (2023).

Segundo a Figura 7, esses foram o segundo e o terceiro esboços apresentados pelo designer. Optamos por seguir realizando alterações na terceira versão, em que o rosto está vagamente sombreado, pois essa foi a que mais nos agradou visualmente e se relaciona com a proposta inicial de trazer leveza e mostrar os rostos de forma sutil.

Figura 8. Versões do projeto visual da capa que não foram escolhidas.

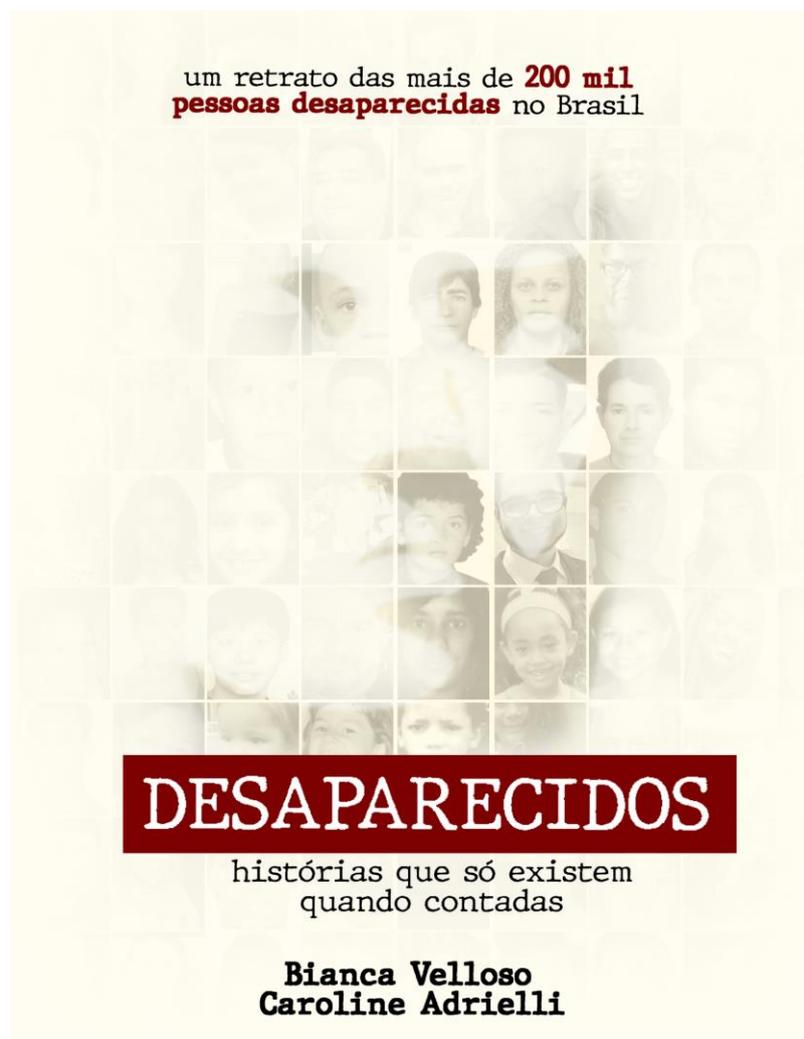


Fonte: elaboração do designer Giovani Gasparino (2023).

A partir do terceiro esboço, apresentado na Figura 7, solicitamos novas opções de cores que aparecem na Figura 8. A partir disso diversas alterações foram solicitadas, entre elas, a mudança no alinhamento do título e o efeito de fumaça na silhueta do rosto, que antes possuía as linhas finais demarcadas. O objetivo dessa alteração era trazer um efeito de mesclagem com a tonalidade predominante presente no fundo da capa. Também foi solicitada uma alteração no tom do vermelho

utilizado no projeto por questões de legibilidade, já que essa mesma cor seria utilizada na contracapa e nas orelhas do livro, e a escrita seria mantida na cor branca. A partir disso, percebemos que a leitura estaria prejudicada se a coloração do vermelho fosse naquele tom vibrante apresentado na figura 8.

Figura 9. Versão escolhida para ser lapidada.



Fonte: elaboração do designer Giovanni Gasparino (2023).

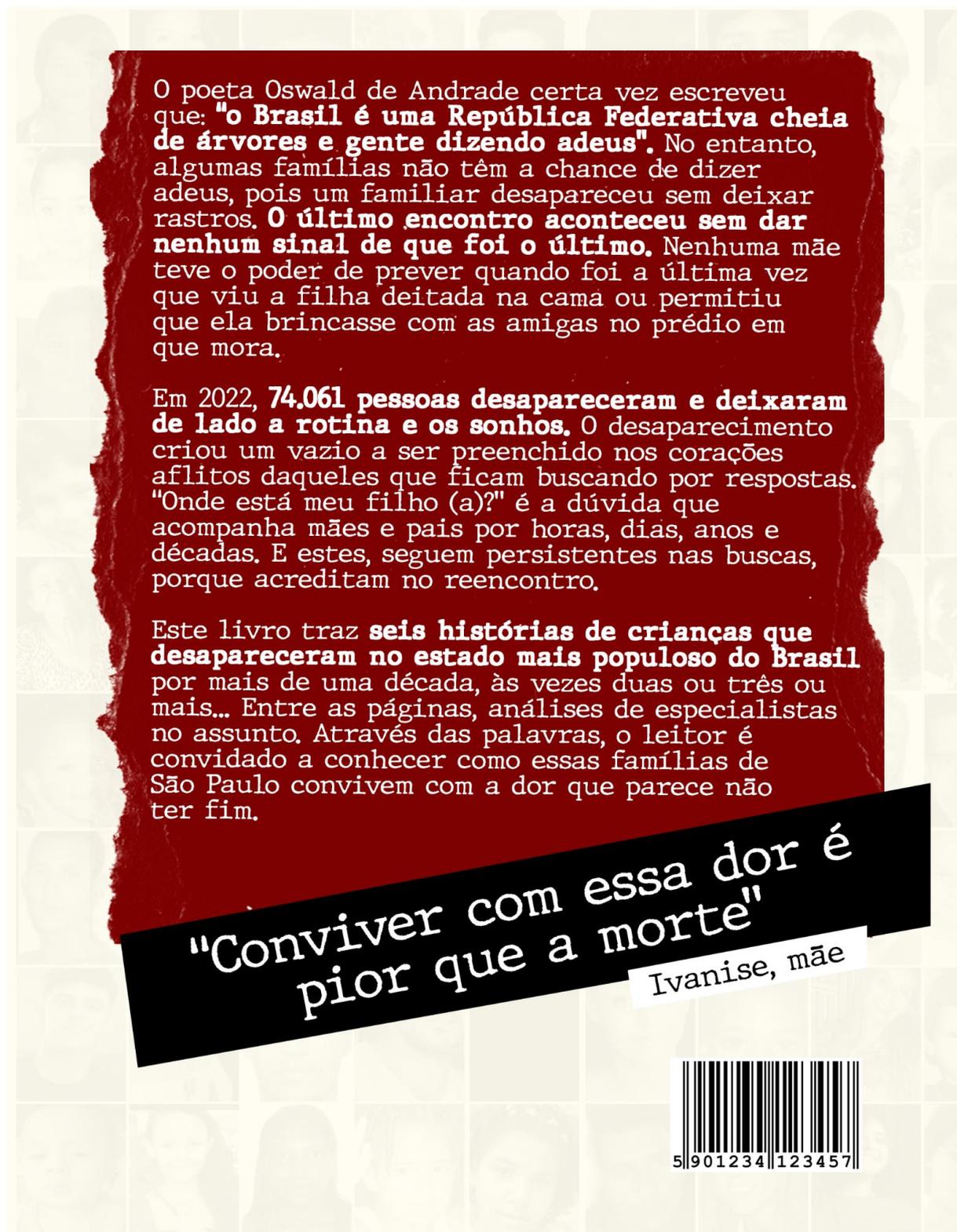
A partir da capa mostrada na Figura 9, identificamos que o subtítulo escolhido “Histórias que só existem quando contadas” não trouxe o impacto desejado, pois essas histórias existem mesmo quando não são contadas, o objetivo do livro é somente trazer visibilidade para elas. Portanto, acreditamos ser mais coerente manter “Um retrato de mais de 200 mil pessoas no Brasil” como subtítulo da obra. Sendo assim, solicitamos novamente mais uma alteração para o designer, que produziu a versão final aprovada pelas autoras.

Figura 10. Versão final da capa do livro.



Fonte: elaboração do designer Giovani Gasparino (2023).

Figura 11. Versão final da contracapa do livro.



Fonte: elaboração do designer Giovanni Gasparino (2023).

Figura 12. Versão final das orelhas da capa e da contracapa do livro.

Este livro, que foi realizado como Projeto Experimental na Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), refere-se a **um problema silencioso que atinge em média 8 brasileiros por hora: o desaparecimento.**

Através das histórias, as autoras procuram humanizar esse problema e mostrar os rostos de pessoas que há anos não são vistos por aqueles que tanto os amam.

Além disso, o livro traz **análises de especialistas na área e outras histórias surpreendentes**, como a mãe que vendeu tudo o que tinha para pagar um detetive particular e o pai que busca o filho que desapareceu sem deixar rastros após ir em uma festa.



Bianca Velloso é jornalista formada pela PUC-Campinas, título conquistado por ter sido bolsista do ProUni. Trabalhou em assessoria de imprensa e em redação de jornal impresso. Encontrou nas narrativas jornalísticas uma oportunidade de mostrar partes do mundo e promover a empatia nos leitores.



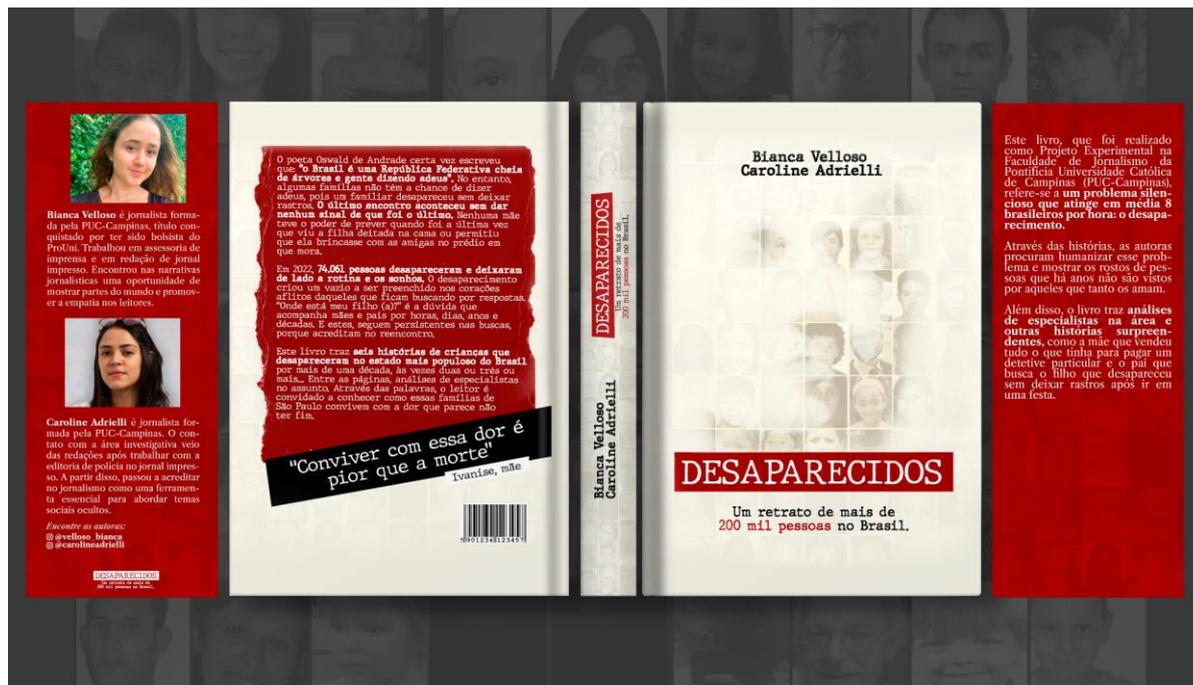
Caroline Adrielli é jornalista formada pela PUC-Campinas. O contato com a área investigativa veio das redações após trabalhar com a editoria de polícia no jornal impresso. A partir disso, passou a acreditar no jornalismo como uma ferramenta essencial para abordar temas sociais ocultos.

Encontre as autoras:
 @velloso_bianca
 @carolineadrielli

DESAPARECIDOS
 Um retrato de mais de
 200 mil pessoas no Brasil.

Fonte: elaboração do designer Giovani Gasparino (2023).

Figura 13. Composição final do projeto visual da obra.



Fonte: elaboração do designer Giovani Gasparino (2023).

O projeto visual, assim como o conteúdo interno do livro, foi pensado nos mínimos detalhes. Além das alterações na tonalidade das cores, também solicitamos alteração na disposição do mosaico de fotos que consta na capa, e cada foto destacada por um tom mais escuro são das histórias principais do livro. As demais fotos, que podem ser vistas apenas de relance, foram retiradas do site da Polícia na página de desaparecidos. A capa ficou mais leve, traz a sensação de algo dúbio e minimalista, instigando a curiosidade. Com todas as alterações solicitadas e o processo de edição que durou um mês, sendo finalizado somente no dia 25 de outubro de 2023, conseguimos concluir a arte visual em conjunto com o designer profissional exatamente da forma que gostaríamos.

Para finalizar o produto, as últimas informações solicitadas foram os documentos na Câmara Brasileira do Livro, sendo eles: o International Standard Book Number (ISBN), o Código de Barras Digital e o Registro de Direito Autoral. Esses documentos são necessários para a confecção da Ficha Catalográfica, que contém as informações bibliográficas necessárias para identificar e localizar um livro ou outro documento no acervo de uma biblioteca. Por fim, tudo isso foi enviado para a diagramadora, que finalizou o projeto do eBook do “Desaparecidos: um retrato de mais de 200 mil pessoas no Brasil”.

2.4 Proposta de divulgação

O e-book será lançado em dezembro e o foco principal será promovê-lo nas redes sociais. Optamos por não criar um perfil a parte para o projeto e toda a divulgação será feita em nossos perfis pessoais, tendo em vista que já temos uma quantidade de seguidores engajados, ou seja, pessoas que realmente nos conhecem e acompanham nossas publicações. Percebemos que ao criar um perfil do zero, teríamos que prospectar novos seguidores e conquistar um novo público em pouco tempo, o que atrapalharia as estratégias. Portanto, manter as redes sociais pessoais ativas, principalmente o Instagram, será importante durante esse período.

Novembro 2023

Foco em finalizar o produto e testar as plataformas que serão utilizadas. A estratégia inicial é disponibilizar o Prefácio e a história do Capítulo 1 para leitura gratuita na plataforma FlipHTML5. Essa plataforma transforma o arquivo PDF em projeto visual de livro virtual, que pode ser folheado. O resultado pode ser visto na Figura 14 e é uma alternativa para quem não possui um e-reader, aparelho de leitura virtual.

Figura 14. Projeto visual do livro disponibilizado na plataforma FlipHTML5.



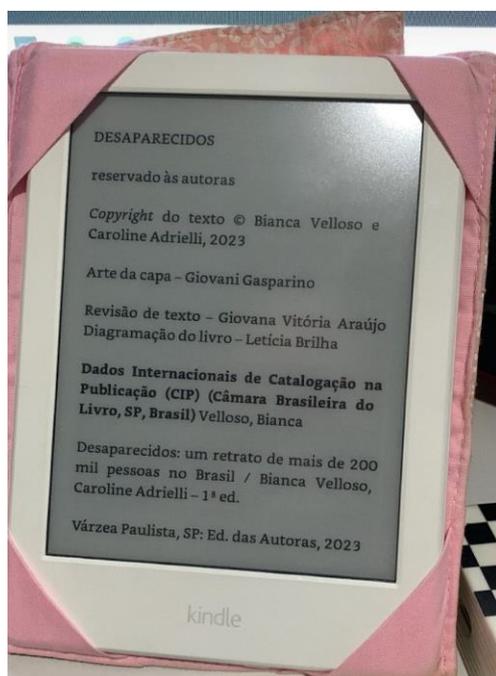
Fonte: site FlipHTML5.

Cerca de 20 páginas do livro serão disponibilizadas gratuitamente na plataforma com a finalidade de despertar o interesse do leitor para que possa adquirir a versão completa em formato de e-book, livro virtual. Após a leitura gratuita, o leitor será direcionado a página de compra da plataforma Eduzz, um ecossistema completo para venda de livros online. É uma plataforma relativamente nova no

mercado e a principal concorrente da Hotmart no Brasil. Essa plataforma foi escolhida devido ao baixo custo nas taxas de serviço e facilidade de compra pelo usuário, com pouca burocracia tanto para o autor independente, que não possui o auxílio de uma Editora, quanto para o usuário, que tem a segurança garantida ao realizar a compra online.

Na tela de compra, o usuário poderá escolher entre receber o arquivo em PDF, que pode ser lido no FlipHTML5 ou em formato MOBI e EPUB, que pode ser lido em e-readers de modelo Kindle, da Amazon, por exemplo. Essa formatação diferente garante que as páginas do e-book serão compatíveis com a versão do aparelho e que irão fluir na leitura sem travar, como exemplificado na Figura 15. Não necessariamente o arquivo precisa ser comercializado na Amazon, apesar de o e-reader ter sido desenvolvido por ela. A plataforma não foi escolhida para venda devido às altas taxas de pagamento para inserção.

Figura 15. Livro-reportagem Desaparecidos inserido em um e-reader Kindle, da Amazon.



Fonte: elaboração da autora Caroline Adrielli (2023).

Para instigar, alguns posts serão feitos nas redes sociais das autoras contando a sinopse do livro e informando que, em caso de interesse, é possível ler um trecho para entender o teor do conteúdo e o tipo de história que encontrará na obra.

Dezembro 2023

Esse é o momento em que o livro estará disponível para o público e a ênfase será na comercialização para cobrir os gastos da produção e confecção do produto, e a estratégia externa é alcançar o máximo de pessoas possível com as mídias sociais.

Em paralelo, a estratégia interna será contatar influenciadores da comunidade literária com o objetivo de atingir um público jovem interessado por conteúdo investigativo e True Crime, os famosos conteúdos de Crimes Reais. Vamos entrar em contato com influenciadores que produzem conteúdos nas redes sociais voltados para essas pessoas e oferecemos cópias do eBook, com a proposta de que eles façam resenhas. Isso é uma estratégia de baixo custo, já que não envolve gastos adicionais, e aproveita o fato de que as redes sociais costumam estar mais movimentadas durante o período de férias e festas de fim de ano.

Esse público interessado por literatura possui uma comunidade virtual chamada de "Booktokers" no TikTok, com cerca de 18.8 bilhões de visualizações nos conteúdos, que se expande para outras redes sociais, sendo nomeadas de "Bookgram" no Instagram, "Booktt" no Twitter ou "Booktubers" no YouTube. Essa estratégia consiste em analisar esses perfis que costumam ter um grande volume de seguidores fiéis e engajados e entrar em contato com a proposta.

O objetivo é conquistar mais leitores jovens e pessoas que se interessem pelo tema investigativo organicamente. Não é uma publieditorial, ou seja, não vamos pagar para que falem bem da obra, vamos presentear os criadores de conteúdo com o livro e solicitar que façam uma análise sincera para seus seguidores sobre como foi a leitura. Acredita-se que, com o feedback dos criadores de conteúdo, um público engajado vai passar a conhecer a obra.

Janeiro 2024

Em janeiro, a prioridade será a preparação de uma carta para oferecer o livro às editoras. A carta será uma apresentação persuasiva que destaca os pontos fortes do livro e o potencial de publicação. O objetivo é buscar uma publicação orgânica, sem a necessidade de investir um valor expressivo em publicação independente da edição impressa. Isso permitirá explorar oportunidades com editoras tradicionais.

Durante o período de janeiro até maio, será importante para recuperar custos iniciais e analisar a necessidade de investimento na publicação física do livro, caso

nenhuma editora manifeste interesse. A ideia é até esse período estar preparado para a publicação independente, caso necessário, mas também buscar ativamente oportunidades com editoras. Caso a busca por uma publicação independente não seja bem-sucedida, será feita de forma independente em conjunto com assessoria de imprensa para ajudar a ampliar a visibilidade do livro.

Mai 2024

A estratégia de divulgação do livro "Desaparecidos" também se apropria de conceitos do jornalismo. Técnicas de assessoria de imprensa serão empregadas para estabelecer a autoridade das autoras e ampliar a reputação da obra. O objetivo é aumentar a visibilidade sobre o tema no país e promover reconhecimento do livro-reportagem em nível nacional. O período escolhido foi maio pois contempla anualmente o lançamento do novo Anuário de Segurança Pública, com novos dados sobre pessoas desaparecidas, servindo como gancho para divulgação de pautas na imprensa.

Inicialmente, para atingir com sucesso o público-alvo – que seriam as mães em geral, com a finalidade de informar sobre o desaparecimento, e pessoas interessadas pelo tema –, e ganhar visibilidade na imprensa, será produzido um release de lançamento que vai destacar os principais aspectos do livro, a relevância da obra e um pouco sobre as autoras. A divulgação desse material será feita a partir da definição da data do lançamento oficial em Campinas. Nesta etapa, o mailing trabalhado será o regional, que envolve todas as cidades da Região Metropolitana de Campinas.

Após o lançamento do impresso, será divulgado um novo release para a imprensa, com foco na mídia nacional. Nesta etapa, as autoras estarão preparadas para eventuais entrevistas para discutir sobre o conteúdo da obra e a experiência de escrita. Além disso, o objetivo é organizar outros eventos de lançamentos e conquistar participações em palestras acadêmicas e discussões em painéis de eventos sobre o tema, tanto presenciais quanto online.

Uma outra estratégia após o lançamento é escrever artigos que serão divulgados para blogs e sites especializados em literatura, jornalismo investigativo e temas relacionados. O objetivo é promover maior notoriedade e visibilidade para as autoras e conseqüentemente, pessoas interessadas em conhecer mais sobre a obra.

Vamos produzir uma planilha de clippings para saber qual público está sendo alcançado e qual o impacto das matérias que estão sendo feitas nas vendas. A ideia é preparar releases e sugestões de pautas para serem divulgadas próximo a data do lançamento do Anuário de Segurança Pública de 2024, que trará dados atualizados sobre desaparecidos e a efeméride do 30 de agosto, Dia Internacional do Desaparecido.

Após o período de divulgação inicial conjunto de dezembro até março, em que tudo isso será realizado, cada autora poderá continuar promovendo o livro de forma independente, explorando diferentes ângulos e públicos. Manter presença constante nas redes sociais e continuar buscando oportunidades de entrevistas e colaborações em blogs e sites relacionados à temática do livro de maneira individual é opcional até a análise de publicação independente em maio caso nenhuma editora tenha interesse em publicar organicamente.

2.5 Custos e gastos

DESPESAS	VALOR
Transporte	R\$ 379,07
Alimentação	R\$ 270,00
Equipamentos	R\$ 234,00
Design	R\$ 400,00
Diagramação	R\$ 70,00
Revisão	R\$ 120,00
ISBN - eBook	R\$ 25,00
Código de Barras - eBook	R\$ 36,00
Registro de Direito Autoral	R\$ 60,90
Ficha Catalográfica	R\$ 60,00
Marca página	R\$ 150,00
TOTAL	R\$ 1.804,97

Referências bibliográficas

ALVES, Larissa. **Movimentos pedem aplicação de política nacional de busca de desaparecidos**. Ponte, 2023. Disponível em: <https://ponte.org/movimentos-pedem-aplicacao-de-politica-nacional-de-busca-de-desaparecidos/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

ANTAGONISTA, Redação. **Você pode ajudar a encontrar Valdemir, um dos desaparecidos do Brasil**. O Antagonista, 2023. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/voce-pode-ajudar-a-encontrar-valdemir-um-dos-desaparecidos-do-brasil/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BRASIL, Agência. **Número de desaparecidos no Brasil em 2019 ultrapassou os 79 mil**. Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2020-10/numero-de-desaparecidos-no-brasil-em-2019-ultrapassou-os-79-mil>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007. Tradução de Adail Ubirajara Sobral.

COSTA, Fernanda. **Filhos desaparecidos: uma história sem fim**. GZH Geral, 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/02/filhos-desaparecidos-uma-historia-sem-fim-9707777.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

ECO, Umberto. **Trattato di semiotica generale**. Milano: Bompiani, 1975. Trad. A. de Pádua Danesi e G. de Souza. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ENTREVISTA de Bill Moyers com Joseph Campbell - O poder do mito. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIMZkR7dy7s>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.**

Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023

GOV.BR. **Consultar pessoa desaparecida.** Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-pessoa-desaparecida>. Acesso em: 30 set. 2023.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo, Geração Editorial, 2004

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4. ed. Barueri: Manole, 2009. 470 p.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995

NUPEGRE. **O desaparecimento forçado de meninas no Rio de Janeiro: desafios do sistema de justiça.** Rio de Janeiro: Emerj, 2019. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/publicacoes/relatorios_de_pesquisa_nupegre/edicoes/n3/versao_digital/. Acesso em: 04 set. 2023.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito.** Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>

UOL, Redação. **Que horas eles voltam?** 2017. Disponível em: <http://tab.uol.com.br/desaparecidos/#que-horas-eles-voltam>. Acesso em: 04 abr. 2022.

TIKTOK Brasil. [S. l.], 22 out. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/tag/booktokbrasil>. Acesso em: 22 out. 2023.

ANEXOS

Anexo 1 - Briefing do da capa design: Neste anexo, é exposto o briefing que foi enviado para o designer contratado no dia 27 de julho de 2023 para produção do visual externo do livro.

BRIEFING

Título: **DESAPARECIDOS**

subtítulo: histórias que só existem quando contadas

Sobre a obra

Será abordada uma questão problemática que afeta diversas famílias no Brasil: os casos não solucionados de desaparecimento. A ideia é expor a forma como as famílias enfrentam a busca incessante por informações e como lidam com a dor da ausência através de relatos dos familiares. O propósito da obra consiste em transcender as estatísticas e demonstrar que cada desaparecido é um indivíduo único e relevante, cuja ausência gera um vazio na vida de muitas pessoas. O livro-reportagem contará as histórias através dos formatos perfil e memórias, com os holofotes centralizados nos personagens e com o resgate de relatos antigos.

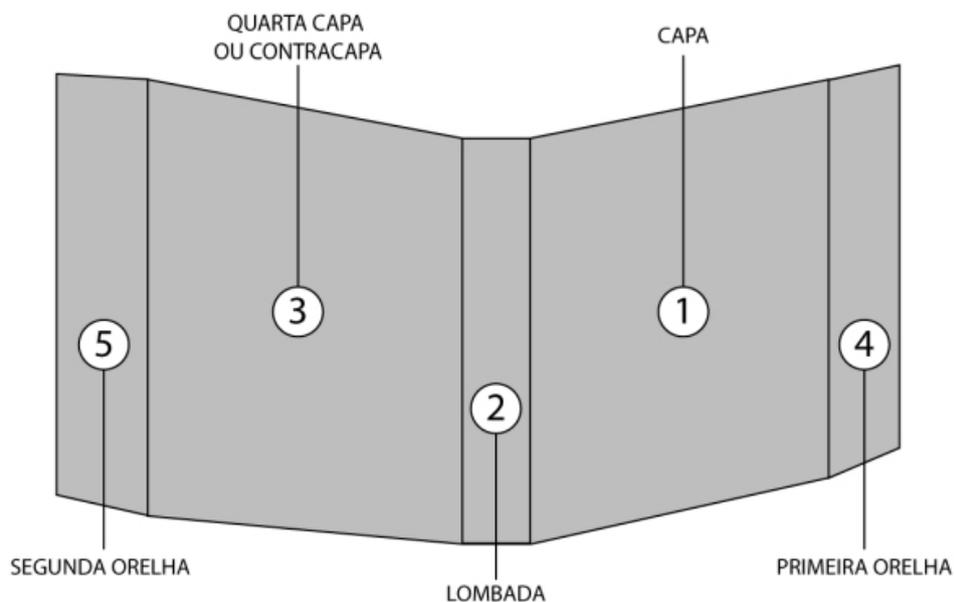
Sobre o projeto gráfico

Para o visual geral, gostamos da ideia de fazer algo simples, mas impactante. Ou seja, algo minimalista e vago, com poucas informações, mas que seja capaz de transmitir a ideia de profundidade.

Palavras-chave

Memórias; investigação; incompletude; angústia; esperança; saudade.

Projeto



Capa

Gostaríamos que fossem incluídas várias fotos que formam um rosto. As fotos são de pessoas desaparecidas. Nos informe de quantas fotos você precisa.

Filtros sépia e preto e branco são bem-vindos.

Primeira orelha

Somente a sinopse reduzida.

Contracapa

Sinopse do livro e uma frase impactante de alguma fonte.

Segunda orelha

Uma foto de cada autora + descrição.

Lombada

Título + subtítulo + nome e sobrenome das autoras.

Elementos visuais

Gostamos de tipografia de máquina de escrever, papel rasgado, fotografias polaroid, tudo que remete àquilo que é antigo, velho e esquecido. Enfim, memórias.

Anexo 2 - Entrevista Zeni, mãe de Stephany de Souza Lopes - desapareceu no dia 17 de agosto de 2002

Oi, Zeni, tudo bem? É a Carol. Tá melhor da gripe? Tá.

O tempo tá doido, né? E você, tá bem? Tô bem também. Então, é a gente... O

O tempo tá ruim. Fala. Tá. É, eu ia falar pra você, a gente começou a produção do livro e a gente queria colher um pouco mais de detalhes sobre a história pra gente poder finalizar já nessa semana.

Eu posso te fazer algumas perguntinhas sobre o caso da sua filha? Você pode contar pra mim qual que foi o dia do desaparecimento e como que foi a sua rotina naquele dia? Sim. Então, eu desisti por isso, né?

Mesmo ela pequena, eu resolvi acabar. Falei, não, não dá mais. Aí, foi passando o tempo, aí ela falou que queria visitar o pai. Aí, o meu filho foi, falou que a mulher era uma pessoa boa e que, na verdade, todas elas eram quase, né?

Ele que era mulherengo, não ficava com nenhuma. Aí, a Stephanie foi numa semana. Imagina. Aí, eu tô te falando que é dia 17, dia 16 de agosto.

À noite, eu lavei o cabelo da Stephanie e ela queria ficar com o cabelo solto, porque eu escovei. Aí, eu falei que não, porque eu ia trabalhar, que eu tinha que fazer a trança, porque minha nora não sabia arrumar. Cabelo carapinha, né? De negro.

Aí, eu falei, não, você vai ficar com o cabelo trançado. Ela chorou, chorou. Não queria. Eu até me arrependi, menina.

Eu fiquei pensando, quem sabe ela não ficasse na frente do espelho mexendo no cabelo, sei lá. Ela era tão vaidosa. Bom, resumindo. Aí, eu fiz as tranças, coloquei umas lâzinhas coloridas no cabelinho dela.

E aquelas que não machucam, né? Aí, eu fui dormir tarde, não dormi bem. Não sei se é porque eu não queria deixar ela de cabelo solto. Ela chorou muito, que queria dormir assim.

Mas eu falei que eu não ia deixar, porque a minha nora ia deixar ela toda desarmada. E eu gostava de deixar ela com o cabelo arrumadinho. Aí, eu só sei que eu fui trabalhar de manhã. Já estava triste, um sentimento de tristeza.

Eu cheguei aqui na cozinha, orei. Pedi pra Deus proteger meus filhos. Falei pra Deus que eu tinha que ter responsabilidade naquele dia. E eu fui trabalhar, a menina triste.

Aí, chegou lá, eu recebi o plantão da outra menina que estava à noite. E antes de eu entrar pra diálise, que era uma diálise na residência, de uma paciente que tinha problema renal, eu liguei aqui pra casa. E tinha telefone lá no meu quarto, na época, a Stephanie atendeu. Ela que atendeu o telefone.

Era umas sete e meia da manhã. Aí, eu falei, Stephanie... Não, era umas sete e meia que eu recebi o plantão e já ia entrar pra diálise. Antes de eu entrar, eu liguei.

Aí, eu falei pra ela que ela não ia brincar naquele dia. Que eu ia pedir pra minha nora alugar vídeo. Que naquele tempo era DVD, né? Pra alugar uns vídeos.

E fazer pipoca, que era pra ela convidar umas amiguinhas pra brincar aqui. Porque, geralmente, essa rua que eu moro era um formigueiro de criança. Até eu pulava corda com as crianças na rua naquela época. Por quê?

Porque era uma rua pequena, quase nunca passava carro. E ninguém tinha carro, os moradores. Um ou dois que tinha naquela época. Então, era um lugar tranquilo e todo mundo se conhece, porque a rua é pequena.

Aí, o que aconteceu? Ela falou, tá bom, mamãe. E ficou aí, eu continuei trabalhando. Mas, eu não tinha sossego.

O meu pensamento não saía dela. Aí, eu fiz o que eu tinha que fazer. Depois, eu liguei de novo. Falei com a minha nora.

Falei tudo que eu tinha pedido. Que eu falei pra Stephanie, que eu falaria pra minha nora. Ela ouviu tudo e falou que tudo bem. Aí, eu desliguei e continuei trabalhando.

Aí, o que aconteceu? Quando deu uma hora da tarde, eu liguei aqui em casa. Ninguém atendeu o telefone. Eu achei estranho.

Porque era sábado, tava todo mundo de folga. Aí, eu falei, só se o meu filho pegou o carro e saiu com as meninas. Porque a Stephanie já era tia nessa época. E o meu filho tinha uma menina e ele saía final de semana com elas.

Aí, eu pensei, deve ter saído com a Stephanie e levou as meninas. Mas, eu ficava toda hora ligando pra ver se alguém falava alguma coisa. Porque eu tava ansiosa. Aí, eu liguei várias vezes.

Ninguém atendeu mais. Aí, quando deu as 17 horas, a moça lá da casa me chamou. A empregada, que tinha alguém no telefone. Aí, eu atendi.

Era o meu filho chorando, o Caçula. Que é o Rodrigo, né? Que hoje tem 40 anos, quase. Chorando, que a Stephanie tinha desaparecido.

Que não veio ninguém pra brincar. Aí, a minha nora levou ela na vizinha. Que ela ia sozinha e voltava. Quando ela não ia, a filha da vizinha vinha.

Como naquele dia não veio nenhuma criança na rua. Não tinha nenhuma criança. É uma coisa, assim, horrível. Ninguém viu quem levou minha filha nessa rua pequena.

A minha filha foi brincar na vizinha. Que a minha nora levou. Mesmo eu pedindo, ela chorou. Porque ela ia pra escola a semana inteira.

Ela queria brincar. Mesmo que ela brincava na escola, ela queria brincar dia de sábado. E a Stephanie era uma criança hiperativa. Só pra você imaginar, eu comprava um vestidinho pra ela.

Se ela não gostasse, ela não usava. Mesmo eu tentando de tudo, ela falava que não gostou e acabou. Aí, a Stephanie nasceu toda diferente. Pessoaalidade forte, né?

Quando ela tinha 4 anos, o pessoal falava assim. Nossa, essa menina parece que tem 6 anos. Ela nasceu com dois dentinhos. Bom, enfim, toda diferente ela nasceu.

Hiperativa ela era. Bom, aí a minha nora disse que... Bom, às 5 horas, quando eu recebi o telefonema, eu vim desesperada pra casa, né? Achando que eu ia encontrar a minha filha.

Num desespero, porque eles falaram que já tinham procurado em todo lugar. Aí, quando eu cheguei aqui, a rua estava cheia de gente, que já tinham ido procurar. Já tinham feito o boletim de ocorrência. O pai da Stephanie já estava aqui.

Bom, resumindo. Eu entrei aqui, depois eu saí andando por tudo quanto é lugar. Aonde que eu ia, minha filha não saía daqui, dessa rua. As crianças brincavam aqui.

Ela entrava na casa da frente. A da frente vinha aqui. A coleguinha do lado. A minha filha ficou lá quando eu trabalhava.

Quando ela era bebê, ela ficava com essa vizinha que moram aqui até hoje, que são da Cristã do Brasil. Isso não quer dizer absolutamente nada, né? Que está cheio de gente que não presta em tudo quanto é lugar. Veja bem.

Mas eles são as pessoas... Conhecidas, né? Ao meu ver, pessoas boas. Conhecidos.

Sabe? Criou os filhos tudo casados, direitinho. E a Stephanie ficou lá quando era bebê. Então, ela ia.

Ela saía do portão. Abria o portão, ia a menina de lá. Abria o portão, vinha. Não dá 50 metros.

Do mesmo lado da calçada. Além de todo esse negócio que eu estou te falando. Que aqui mora só tem gente conhecida. De um canto ao outro.

Bom. Mas isso não quer dizer nada, né? Que vizinha é vizinho. Mas nessa casa que ela foi, a minha nora levou.

Mas ela ia. Sozinha e vinha. Mas é porque a minha nora estava preocupada. Porque eu estava ligando toda hora.

Mas como não apareceu ninguém para brincar, ela levou a Stephanie e voltou. Aí na frente da minha casa tem uma pastora de outra igreja. Que a gente nem era dessa igreja. Mas ela chamou a Stephanie para cantar no coral das crianças.

Que ia ter uma festa. E a minha nora foi buscar a Stephanie. Uma hora para tomar banho. Perto de uma hora.

Que a hora que eu liguei já não tinha ninguém aqui. A minha nora foi chamá-la para tomar banho. A vizinha falou. Ela já foi.

Aí a minha nora começou a chamar na casa das coleguinhas. Aí ninguém falou que viu a Stephanie naquele dia. Somente na casa da Madalena. E que no dia ela tinha posto a menina de castigo.

A amiguinha da Stephanie. Então ela entrou e saiu. Só que quando ela saiu, essa pessoa já estava rodando por aqui. Ela estava esperando só a oportunidade.

E eu sinto que essa pessoa é conhecida da Stephanie. Porque diz que logo em seguida a Elayne chamou os irmãos. Foram todo mundo procurar. Aí não encontraram.

Antes da uma até a cinco. Eles procuraram a menina. Quando eu cheguei já tinha feito até o boletim. De ocorrência por ela ser filha de militar.

Quem fez o boletim? Seu filho mesmo? O meu filho. O meu filho mais velho.

Foi na delegacia e fez o boletim. Mas não deu em nada, minha filha. Procurou naquele dia. Eu era meia-noite.

Eu estava com o nariz, o olho inchado. Parecia um monstro. Assim, a cara de tanto chorar. Não podia abrir o olho.

A cabeça doía demais. Aí entrou um casal aqui. Estava lotada. Já era tarde da noite.

Entrou um casal. Aí a mulher falou. Eu trouxe o Luiz aqui, esse cachorro. Que é pra ele te contar uma coisa.

Ele não conhece a Stephanie. Mas ele viu uma mulher levando a Stephanie. Duas ruas abaixo da minha. Caramba!

Aí ele falou que a mulher subiu sozinha. Uma mulher loura de 1,60m. E ele paquerou a mulher. Que ela não era daqui.

Aí ele ficou paquerando a mulher. Depois, passou uma hora. Eles estavam enchendo uma laje. Depois de uma hora, uma hora e meia.

Ele voltou por trás do campo. De mão dada com uma criança. Era a mesma mulher. E disse que ela soltou o cabelo.

E que ela subiu com a sacola. E que na volta ela não estava com essa sacola. Bom, aí... Ele era pedreiro?

Estava trabalhando aí? Ele estava enchendo a laje com os outros. Era a casa deles. Eles estavam fazendo um trabalho em união com os amigos.

Mas só ele quis falar. Os outros ficaram com medo. Aí o que aconteceu? Quando ele entrou aqui, meu ex-marido falou.

Provavelmente você deve ter visto a mulher com um cachorro. E não era minha filha. Ele descreveu até as cores das lâzinhas. E falou que era assim.

Eu que não sabia que era a filha da Zeny. Mas era ela. Eu coloquei vermelhinha, amarelinha. Coloquei várias cores.

Sabe quando você abre o saquinho e vem um monte de coloridinha? Tudo certinho. Certinho ele descreveu. Sidney.

O Sidney. Não tinha o Sidney. Tínhamos feito aqui os pudêmpios. E o Yoshi fez naquele tempo.

Não logo em seguida. Stephanie. Mas ele não tinha noção como ele quis mudar as fotos. E que na verdade a gente compartilhou as fotos. E

E aí o rapaz descreveu a mulher. E começou a divulgar essa mulher. Começou a divulgar essa mulher pra tudo que é lado. Só que na verdade prendeu um monte de mulher.

Até travesti. Caramba. Mas não deu em nada, menina. Era um sofrimento de noite.

No domingo eu já estava desesperada. Eu fiz um monte de foto. Corri pra tudo que é lado fazendo foto. Coloquei o telefone de casa.

E não, isso foi na segunda. A família que eu trabalhava que eu fui trabalhar nesse dia eles gostavam muito do meu serviço. Porque os velhos, a mãe que era doente e o pai também gostava quando eu ia lá. Sim.

Eu ia fazer um particular lá. Sempre que eu podia. Ganhava um dinheiro extra e bom, né? Aí eu era auxiliar de enfermagem.

Ah, sim. Eu trabalhava na beneficência. Fazia particular. Entendeu?

Pra cuidar dos meninos que estudavam. E eu já era separada. Apesar que o pai deles ajudava. Sim.

Você estava contando da segunda-feira que você fez cartazes. Ela mandou uma outra enfermeira pra lá. Aí ela me falou Zini, tem algum problema com você, seu marido? Porque eu vou ligar o secretário...

Não, mais o meu ex-marido, né? Eu vou ligar pro secretário... Pro governador do Curitiba que eu sou secretária dele pra ver se ele entra em contato com o secretário de Segurança Pública daqui. De São Paulo.

Pra dar uma atenção especial no caso da sua filha. Que o papai e a mamãe estão desesperados. Aí eu agradei. E...

Eles fizeram isso. E no domingo... Ah, sim. Ela também conhecia alguém da Record.

Da Atena. Eu não sei onde a Atena estava naquela época. Eu não lembro. Aí no domingo veio gente aqui gravar.

No domingo. Sim. Também foi na segunda-feira eu fiz essas fotos. Comecei a divulgar em tudo.

Era uma coisa horrível. Eu ia pra tudo quanto é lugar. Tinha dia que eu não comia nada. Só tomava sopa com calmante.

A gente dormia, acordava e ia pra rua. Aqui todo mundo na rua ajudou. Tinha vários carros encostados logo cedo. Fizeram vaquinha, encheram os tanques.

E foram procurar a Stephanie. Os que quando eu não ia eles viam que eu não podia sair da cama. Mas o pessoal ajudou muito. Mas a gente correu atrás.

Aí depois passando uns dias eu nem conhecia a Ivanise nem a Vera. Eu só sabia que eu tinha que achar a minha filha. Aí o da Atena era no ar porque o pai dela era polícia. Ele achou que alguma represália, alguma coisa podia pôr a vida dela em risco.

Ah, entendi. Não pôs a matéria porque o pai dela falou merda na gravação. Ele não colocou. Aí eu organizei aqui com o dinheiro que eu tinha.

Fiz faixa, as crianças, os pais. Nós fechamos a rua. E um pessoal ligou, veio três redes de televisão pra ver se eu encontrava a minha filha, né? Sim.

Aí veio três redes de televisão gravar e nada. Nada a minha filha. Aí o telefone tocava o dia inteiro. Era mentira, trote.

Aí entrou um cara também que toda vez que eu ficava sozinha o telefone tocava e ele falava que estava com a minha filha. Ele pediu 20 mil reais naquela época. Nossa. Aí era dinheiro, hein, naquela época, 2002.

Aí nós ficamos tudo desesperados. Você não fala pra ninguém, não. Senão nós vamos matar a Estefania. Ela está aqui em Osasco.

Aí entrou um antissequestro, veio aqui em casa. Aquele que agora é até deputado hoje em dia. É lá da câmara lá. Ele veio aqui em casa.

Naquele dia ele combinou comigo. Até o dinheiro a gente arrumou. A gente combinou que eu faria a troca lá em Osasco pela minha filha. Aí foi um monte de policial pra lá vestido de lixeiro, não sei o quê, não sei o quê.

E deixaram uma moto com um aqui com o telefone grampeado já. Ele não me ligou. Entendi. Por quê?

Porque era alguém daqui. Não era verdade. Sim. Porque depois que eles viram os policial aqui Vem o policial apaisando aqui comigo, ele não ligou.

Só que ele não ligou pra eu ir fazer a troca. E eu pedia pra ele pôr a Estefania pra falar e ele nunca colocava. Ah, é. Realmente acho que era mentira então.

Era trote. Nossa, muitas mães comentam de trote. Foi divulgando. Tudo isso pra poder tirar a mídia ele queria fazer?

Nossa. E eles ligavam, qualquer coisa que ligassem aqui, se eles não fosse no dia eu ia na frente. Acho que Praia Grande. Praia Grande.

Eu fui primeiro, cheguei primeiro lá com o pastor aqui da igreja. Ele foi de carro, me levou, nós reviramos tudo. Aí o delegado foi. Já vai, digo.

Mas pra eu ir, porque meu rosto estava conhecido que podia pôr a vida dela em risco. Caramba. Mas eu ia direto, todo lugar. Falaram que ela passou em Bertioga com 11 anos.

A polícia foi. Depois eu fui, fiquei um mês lá na casa de uma amiga que tem casa lá. Revirando tudo. Sem entender nada, nada, nada.

E de concreto mesmo, até hoje nós não tivemos uma notícia verdadeira. Foram só suposições, trote e também muita gente que queria ajudar a encontrar minha filha. Até em Santa Catarina eu fui. Atrás dessa menina.

Eu ia pra tudo quanto é lugar. Pessoal que trabalhava, depois de alguns anos eu tive que trabalhar. Porque meus filhos todos perderam o emprego. Você voltou a trabalhar quanto tempo depois, mais ou menos?

Pode resolver aí, eu espero aqui, não tem problema.

Nós moramos perto. Então, é, graças a Deus, meus filhos estão aqui, minhas noras. Então, aí, onde que eu estava mesmo? Você estava contando de como foi tudo isso e quando você voltou a trabalhar.

Quanto tempo depois, mais ou menos, você voltou a trabalhar? Eu acredito que... Sim. Eu nem lembro.

Cruz e outra do ar. É. Aí eu acordei o dia inteiro sem pensar. O pessoal que tem dinheiro acha que você tem problema, você vai maltratar os...

Sim. Mas não dava mais, menina. Meu filho já tinha filho, a esposa, todo mundo dentro de casa. Só que aquele dinheirinho que era da Stephanie não dava.

Mas eu pegava o metrô, mas eu chorava quando eu saía do serviço. Tinha dia que eu tinha que sair do metrô e eu chorava, chorava. Aí depois eu voltava pra dentro do metrô porque eu não conseguia controlar, menina. Sabe, eu acho que eu ficava sufocada o dia inteiro.

Você não se colocava pra fora. Era um sofrimento. Dá pra ver que ela achou o filhinho dela, né? Mas é muito triste, viu?

Muito triste. Eu sofri tanto que eu achei que eu não ia aguentar. Mas eu nunca falei nada pra Deus, assim, reclamando, sabe? Sim.

Mas um dia eu fiz uma campanha aqui e chorei tanto. E Deus, Ele prometia trazer a minha filha. Eu já fui nessas igrejas, em oração, em todo lugar que você imaginar. Já sonhei com a Stephanie me chamando no dia que eu operei.

Eu operei. É de uma parte do útero, né? Eu operei, tava sangrando muito. Aí meu filho, mãe, quer que eu dorma com a senhora?

Eu falei, não precisa. Acordei de manhã e ouvi claramente ela me chamando. Então, eu vou te falar, é muito sofrimento, viu? Muito.

E hoje em dia como que você faz pra se ocupar, assim, ocupar a cabeça pra não sofrer tanto, assim? Então, eu fiquei doente, né? Depois eu fui trabalhar. Ela era filha de gente muito rica.

Mas a empresa mandou eu pra entrevista lá. Os pais, eles iam fazer o casamento da tia que morava em registro. Ia fazer um hotel em Campinas. Aí eles alugaram o hotel, os convidados estavam todos lá.

A menininha entrou numa piscina que tava em reforma. Quando eles viram, ela já tava boiando. Já tinha ficado alguns segundos sem oxigênio, um minuto. Ela voltou a ser bebê, sabe?

Usava fralda. Uma menina linda. Eu tenho até foto com ela. Aí, menina, eu fui na entrevista.

Eu trabalhei antes pro dono da Unip. Com os bebês de inseminação. E foi por lá que eu fui em Santa Catarina. Que o homem deu 99,9% que era minha filha.

Caramba. Ele ligou pra Ivaniza, ele falou que em 2000, não sei quando que passou, no Globo Repórter, que ele viu a Stéfani, que ela estava lá. Ele avisou os policiais, eles não foram averiguar, nem foi ver. Aí eu falava pra ele assim, eu tô lá na Unip a noite, era 24 horas o plantão.

Aí eu tô lá, a criança já tava dormindo, me chamaram no telefone, fui atender. Aí falaram que ele falava que avisou a Ivaniza, porque chegou uns panfletos lá em Santa Catarina, numa cidadezinha. Ai, eu esqueci o nome agora, eu tenho tudo guardado aí. Aí ele falou que é a Stéfani, aí eu fui e falei, senhor, por favor.

Eu moro em São Paulo, eu não tenho nem condições de ir pra aí de avião. O senhor imagina, eu vou sofrer demais. O senhor, por favor, se certifique que é minha filha. Que eu tenho ido pra vários lugares, e quando eu chego lá, as pessoas querem me ajudar, mas não é minha filha.

Aí ele falou, não, é sua filha. Eu falei, olha, minha filha, quando desapareceu, ela nasceu com dois dentinhos e teve que tirar. Era uma caninha molinha, né? A boquinha molinha e aqueles dois dentes.

Aí, menina, machucada, não aguentava. Eu trabalhava na Beneficência Médica, fez a cirurgia, ela nem cobrou, tirou os dentinhos dela. Bom, aí, eu falei pra ele que ela devia estar com os dentinhos que estavam nascendo nessa época. Ela não fazia muitos anos, ela devia estar com uns 10, talvez.

Um 8, acho. Não, acho que uns 10. Por aí. Ela desapareceu com 5, né?

Com 6. 6, ah tá. 6 anos. Aí, o homem, tudo que eu, Stephanie, nunca tomou, eu amentei a Stephanie 3 anos.

Quando eu chegava da Beneficência Portuguesa, menina, eu só chegava, lavava o seio e eu tirava leite lá pra dar pra ela. Ela ficava, sabe aquela criança desesperada? Sim. Um bebê assim, desesperada, querendo mamar.

Então, eu amentei ela 3 anos, porque ela não tomava leite durante o dia. Ela tomava Danone, comia, mas leite mesmo, ela não aceitava. Aí, menina, eu expliquei do dentinho, ele não é sua filha. O homem tava desde 2002, desejando e achando que achou a minha filha.

Aí, eu comecei a chorar. E lá no apartamento, o Dom Dalmito, era um apartamento enorme, tinha mais funcionário que família. Era uma enfermeira pra cada criança. Caramba.

Era 3 crianças. Aí, ele, o segurança aviou chorando, eu falei, como que eu vou fazer pra ir lá? Do jeito que ele tá falando, é minha filha. Aí, ele entrou, falou com o Dom Dalmito, que dormia ele numa suíte, de um lado da sala, e a esposa do outro, que lá era enorme.

Aí, ele me chamou no quarto, porque ele nem sabia dessa história. Só ela, que as meninas contou pra ela. Aí, ele falou, a senhora pode ajeitar as coisas, que o motorista vai levar a senhora embora agora. Depois que eu contei tudo pra ele, ele falou, e a minha esposa vai dar lá o dinheiro e as passagens de avião, que ela já tá comprando.

Já tá comprando, a senhora já vai com tudo certinho. Chega lá no aeroporto, fala a fala, ele leva o dinheiro, que se não der pra voltar no mesmo dia, fica no hotel. Menina, eu fui. E eu não fui sozinha, porque ele falou que se eu fosse, eu ia me infartar.

De tanto que o homem me convenceu que era minha filha. Você imagina, né? Quando eu cheguei lá, não deu pra chegar na cidadezinha, porque nós fomos de avião até, eu não sei se... Paraná.

E de lá teve que pegar ônibus, e que foi. Muitas horas de ônibus. Era uma cidadezinha turística, cercada de água. E tinha um vidente na Record, que falou pra mim, o dia que eu fui no mesmo programa, que ele tava lá fazendo premonição do ano pros artistas.

Ele falou que a minha filha atravessou o mar. Que ela tava longe. Aí, minha filha, na minha mente, quando eles pesquisaram, que viram que tinha muita água ao redor da cidade, falei, é minha filha mesmo. Aí cheguei lá, não consegui ver ela no mesmo dia.

Só no outro dia que eu fui pra essa cidadezinha, que ainda foi longe. Quando chegou lá, o homem que denunciou era o dono do maior supermercado de lá. O homem era tão bonzinho. Você pensa, só tinha gente loira lá naquele lugar.

A morena que tinha era minha filha, e eu que tava procurando ela. Aí, minha filha, ele fechou o mercado, dispensou os funcionários pro almoço. E eu fiquei lá na porta de vidro, olhando. Quando a menina desceu do carro, ele olha, numa ansiedade eles estavam.

Eu nunca vi gente tão boa, viu? Olha, eu conheci muita gente boa, muita gente humana. As pessoas erravam, mas queriam me ajudar. Sim.

Aí, menina, quando eu vi a menina saindo do carro, que era do pai, eu falei, meu Deus, não é a Stephanie? Pelo tamanho. Eu falei, não é a minha filha assistente social, polícia. Fui pra escola porque eu tinha que ver pra confirmar, né?

Mas eu não quis nem falar pra eles, eu fiquei pra mim. Arrasada, logo de cara. Mas quando eu mostro a foto da Stephanie pra professora, é a Jéssica. É a Jéssica.

Caramba. Eu falei, meu Deus, será que eu tô louca? Bom, aí a diretora me sentou assim, escondida, que dava pra ver tudo que a menina falava. Chamaram a menina que assistente social orientou e tava junto.

Aí fez um monte de pergunta. Quantos anos você tem, Jéssica? Eu tenho oito. A diretora já tinha me falado também.

Aí eu falei, não, não é a minha filha, então não é mesmo. Mas, em todo caso, tem que ver, né? Sim. Pra ver se o documento da menina é errado, não sei o quê.

Aí eu só sei que a menina foi falando que a mãe morava em São Paulo trabalhando e que o pai... Mas o homem era meio delicado, parecia. Então, como ficou aquela confusão da foto da mulher que roubou a Stephanie, que não foi feita pelo Sidney, foi feita pelo Yoshi. Eu me certifiquei que não era.

Chorei, chorei. Aí a menina saiu, a menina nem me viu naquele momento. Porque eu fui depois pro mercado de novo chorando, chorando. Parecia que o mundo acabou.

Depois eu fiquei lá e o homem queria que eu almoçasse na casa deles, que era lá próximo. Eu falei que eu não queria agradecer. Aí na hora de ir embora eu fiquei sentada numa praça. Mas chorei, chorei.

Aí que foi meu amigo comigo... Oi! Espera aí. É minha outra nora.

Perguntando se eu vou pra academia amanhã. Tô acabada, minha filha, de fazer musculação. Ah, mas é bom, né? Dói.

Dói tudo. E resumindo o que aconteceu. Um pouco veio o pai da menina. A menina, nós conversamos.

Não tinha nada a ver. Aqui a esposa do dono da Unip queria fazer uma festa. Que eu ia voltar com a Stephanie. Caramba.

Até hoje, minha filha. E aí vai. Falaram que a Stephanie tava em Betioga, eu fui. Que a Stephanie tava, não sei aonde, eu fui.

No interior, em Mauá. Nossa, o homem viu a foto, distribuí por aí. Falou que ela tava lá. Lá sim vou eu.

Quando eu cheguei lá perto, tinha um rapaz do correio. Eu mostrei pra ele. O senhor veio dessa rua? O senhor conhece essa menininha?

Acabei de ver essa menina lá, gente. Eu chamei a polícia. Veio aquele monte de viatura. Aí os policiais... Ainda

Ainda falou que é filho de polícia, né? Os policiais vieram e chamaram a mulher e mandaram ela trazer todas as crianças. Não era? Nossa.

Por que negro se parece demais? Você já reparou? Nunca tinha reparado. O pessoal confunde.

Olha, outro dia foi uma confusão. Não faz muito tempo. Parecia. Olha, parece comigo, menina.

Eu usei muito entrelaçamento. Porque meu cabelo caiu tudo na depressão. Aí eu usava. Porque eu tinha que trabalhar.

Como que eu ia trabalhar daquele jeito? Ninguém ia querer, né? Infelizmente, você trabalha pra um público que quer que você esteja sempre apresentável. Eu viajava com os pacientes. A gente

A gente ia pra Guarujá, pra Registro, pra não sei pra onde. Quando eu melhorei mais, eu ia passear. Ia viajar com os doentes, né? Que não era tão doente, né?

São pessoas muito dependentes. Pessoal que tem muito dinheiro. Mas trata a gente muito bem. E hoje em dia você se ocupa trabalhando também?

Você ainda trabalha com isso? Não trabalho mais. Não? Não.

E o que você costuma fazer no seu dia-a-dia? O que aconteceu? Ao longo da minha vida, eu tomando remédio. Caí uma vez sem registro.

Eu já nem lembro mais. Nove anos ou mais. Mais de dez anos, acho, sem registro. Aí eu...

Tinha dia que eu tava com a Stephanie. Ela me pedia, às vezes, pra fazer particular pra ela. Eu ia, às vezes, com remorso. Você entendeu?

Bom... Eu vinha trazer a minha filha. Às vezes, a gente tava até no shopping passeando. Bom, aí...

Depois que a Stephanie sumiu. Passou bastante tempo que eu fiquei só com ela. Aí o que aconteceu? Eu quebrei o dedinho.

Aí eu fiquei quarenta dias em casa. Primeira vez ela pagou meu salário. Aí, menina... Essa menina, os familiares queriam viajar pra registro.

Aí eu falei, Ivonete, não vai dar. Porque o médico falou que me tirou a tala. Mas eu tenho que fazer a fisioterapia. Senão eu vou quebrar o pé todo.

Porque um ossinho sustenta o pé, né? Sustenta o outro. Aí ela virou pra mim e falou assim... Eu fiquei boba.

Imaginem... Porque a Vitória, ela não dá trabalho. A Vitória anda. Você só tem que ficar de olho pra ela não se machucar.

E, realmente, ela já tava bem melhor. Você vê? Eu ia pra escola com a menina. A menina estudava numa escola chique.

Eu ia, ficava sentada o dia inteiro no meu plantão. Pra se acontecer qualquer coisa, eles me chamavam. E aí, ela virou e falou que eu ia com a menina. Porque ela não dava trabalho.

E, realmente, ela não me dava. Eu só tinha que assistir cinco vezes o mesmo filme da Barbie. A gente dormia numa suíte. Tudo muito conforto.

E eles sempre deixavam a menina comigo como se fosse minha filha. Aconteceu. A enfermeira do home care falou... Ah, mas, Zeni, como o médico não te deu autofagia?

Ele falou que eu tô brigando. Porque eu cheguei a brigar com o médico pra ele me liberar pra trabalhar. O médico falou... Olha aqui, dona Zeni.

A senhora tá querendo brigar pra ir trabalhar. Quer um atestado. Porque a dona do home care queria um atestado. Uhum.

Entendeu? Aí, ele não deu. Eu falei que eu não poderia. Que eu ia começar a fisioterapia.

Aí, ela começou a falar. Mandou dinheiro pra eu passar num médico particular. Porque a família só queria que eu acompanhasse a menina na viagem. Uhum.

Tá bom. Quando chegou aqui no particular, o médico falou... Eu não entendi o que você veio fazer. Eu expliquei.

Ele falou... Eu não vou pro meu CRM em jogo. Porque o que o médico disse, ele está certo. E a empresa tá querendo se cobrir.

Porque a senhora vai se machucar. Aí, eu fui pra registro assim mesmo. Mas, guardei o atestado aqui. Dei o atestado e fiquei com a Xerox.

Uhum. Porque eu tava com medo. Falou que eu ia fazer fisioterapia lá em registro. A família era ótima.

Mas, eu não vou cobrar da família uma coisa... Que a Ivonette, como enfermeira, sabia que eu teria que fazer, né? Sim. Bom, resumindo.

Eu fui pra lá. Fiquei acho que 10 dias em registro. Do registro, fomos pro Guarujá. Lá no Guarujá, alugaram uma mansão lá.

Aí, eu fiquei mais não sei quantos dias. Eu só vim pro, acho que, ano novo. Né? Uhum.

Pro ano novo. Aí, a minha irmã veio. Ficou aqui. Sabe a fisioterapia que eu fiz lá?

Foi o infravermelho. Menina, quando eu vim aqui, minha casa tava cheia. Minhas famílias, meus irmãos. Aí, eu fui pra igreja.

Acordei de manhã. Fui pra igreja. Comprei pão. Pus na mesa.

Quando eu entrei aqui, eu olhava pra sala. Tinha gente dormindo. Pro outro, dormindo. Eu saí de novo pra tirar o carro.

Quando eu virei de costa, eu vim rolando da rampa pra baixo. Caramba. Aqui da garagem. Você caiu?

Mas, eu caí. Aí, eu quebrei o pé todo. Eu cheguei lá no médico. Era dia 2.

É, dia 31. Era, acho que, dia 2 ou dia 1. Sei lá, eu. Aí, o médico me internou e falou pro meu filho.

Eu nem sei o que eu vou fazer. Esmirilhou o osso dela. Agora, a gente vai ter que esperar o pessoal retornar pra operar ela. Aí, eu ganhei 7 pino no pé.

Nossa. E ela ficou pagando uns meses e parou. Aí, eu ia viver como? Faltava 3 anos pra completar.

Porque eu fiquei trabalhando, depois que a Stephanie sumiu. Sem contribuir. Só pensar. Eu ganhava dinheiro, mas gastava procurando.

Fazendo. Acontecendo. Indo pra onde chamava, quando eu tava de folga. Eu só viajava quando ninguém tinha ligado pra falar que tinha suspeita dela.

Até em nenhum lugar. Porque, senão, eu não ia. E, se eu fosse, eu voltava. Aí, você vê o que aconteceu.

Nesse tombo, eu fracturei o pé e o ombro. Porque eu vim rolando. Aí, rompeu o tendão do ombro direito. Depois, operei o pé.

Depois, tive que operar o ombro. Depois, tive que operar o outro ombro. E aí, minha filha. Hoje em dia, eu sou uma mulher que eu sinto dor em tudo quanto é junta.

Caramba. E aí, a academia tá ajudando? Tudo quanto é lugar. A academia, eu comecei pra fortalecer o joelho, né?

Mas, eu tô na fila pra operar. Sim. Mas, acontece que é uma dureza, viu? Acaba com a gente.

Não consigo nem imaginar, viu? Ah, domingo foi sábado, né? Domingo eu tive que pedir por um. Caramba.

Agora, também, eu tava com dois. Eu cheguei da rua, desmaiei aqui, melhorei um pouco. Ainda bem que você tem seu filho e suas noras aí por perto, né? Pra te ajudar quando precisar.

Tenho. Graças a Deus. Teve muita... Eu tenho algumas perguntinhas, que é bem rapidinho.

Só pra confirmar as informações. Bem rapidinho mesmo, tá? Só pra não ocupar seu tempo. Então, tudo bem.

Você ainda mora no mesmo lugar? Onde que você mora? Eu moro aqui em Goianas. É Jardim do Campo, Goianas que eu moro.

Sim. E qual que é o nome da sua nora, dos seus filhos? Eu posso incluir no livro o nome deles? Da minha filha?

Da sua nora e dos seus filhos, né? Da família. Pode estar incluindo o nome deles? Pode.

Você pode me falar? Eu tenho um filho chamado... Não pergunta o ano de nascimento, que eu não lembro. Eu só lembro da Stephanie.

Tá bom. Infelizmente, a minha cabeça... Eu tenho dois filhos. O mais velho chama Carlos Alberto.

E o meu outro filho é o Rodrigo Alberto de Souza Lopes. E o seu nome completo é? O meu é Zeni Souza do Carmo agora. E eu posso incluir também o nome do seu ex-marido?

Ou você acha melhor não? Só o seu mesmo? Você que fala. Você tem a vida dele e nem lembra que a filha existe.

Caramba. Tá bom, então eu não vou incluir o dele não. E o Rodrigo tem a esposa que é a Diana. Nem sei sobre isso.

E ele tem um casal de... Ana Lívia. O tambo são... Souza Lopes.

Tem bastante netinho, né? Que legal. Ah, que legal, Zeni. Parabéns, viu?

É o ano que vem, a medicina. Aí veio meu netinho. Lindo peruano, meu bisnetinho. Ah, que legal.

Que coisa boa. Pra mim é uma benção de Deus, né? Sim. Pra acalantar meu coração sofrido.

Sim. E as outras perguntinhas eram... Você lembra o nome da filha, da amiguinha que ela foi brincar naquele dia? Eu só lembro o primeiro nome.

Eu não sei o sobrenome deles. Não tem problema. É, é Suelen, ela já é casada, já é mãe. A última pergunta era...

Várias mães que eu converso, elas dizem que foi muito difícil conseguir ajuda da polícia. Você acha que pela Stephanie ser filha de militar, ajudou um pouquinho você nessa situação? Não, ajudou aqui. Mas quem ajudou mais foi a filha da paciente, realmente.

Ah, aquela história que você contou, né? É. Mas não deu em nada, viu? Aí eu vou falar pra você.

E na fala dos policiais. Eu posso até reclamar. Porque eles tentaram falar que minha filha morreu. E eu fui no mar e descobri lá na delegacia que um garim encontrou um crânio de criança que veio do cemitério.

E o cabelo era loiro. Aí a investigadora me mostrou as fotos coloridas. Só que o delegado cachou, fotografou um lado sujo da foto e quis resolver o caso. Entendi, na época você tinha atenção da mídia, né?

Tava nos jornais. Foi, mas aí... Mas assim mesmo passou no... Esse crânio.

Na estrada do Pêssego. Era o endereço que a investigadora me deu escondido lá. Eu tinha que ver, Patrícia. Mas isso tudo é sofrimento, né?

Sim.

17 de agosto de 2002 PEDIU FOLGA

Anexo 3 - Entrevista Vera, mãe de Fabiana Renata Gonçalves - desapareceu no dia 17 de agosto de 2002

O CASO E AS BUSCAS - 0:00 até 29:03

Eu sou mãe de três filhos, a Fabiana é a mais velha, e ela tem a diferença de oito anos dos irmãos menores. Minha filha, ela era uma menina tranquila mesmo, porque 31 anos atrás as meninas eram bem mais tranquilas do que hoje, né? Minha filha ainda gostava de Xuxa, Eliana, amava uma banda que chama New Kids on the Block, não sei se você já ouviu falar, uma banda americana, e ela estudava, fazendo a sétima série, na escola Ana Siqueira, aqui em São Paulo, no bairro do Jaraguá, onde a gente morava. Ela sempre foi uma menina muito tranquila, mesmo porque nós não temos parentes em São Paulo, só eu, meu marido e meus três filhos, meus parentes são todos do interior, eu sou de São Carlos, uma cidade próxima da Baixada Araraquarense. O que mais eu vou dizer da minha filha? Ela me ajudava muito, ela era uma menina, por ser mais velha que os irmãos, oito anos, 13 anos.

Ela era oito anos mais velha que os outros irmãos.

Quando ela desapareceu, minha filha tinha quatro, e o menino tinha dois anos. Então, às vezes ela fazia até o papel de mãe, porque eu sempre trabalhei fora, então ela me ajudava demais, naquela época ainda tinha que se fazer datilografia, porque não tinha computador ainda, então ela cursava datilografia duas vezes por semana. Ah, eu acho que é isso dela.

Ela falava que era um sonho profissional, porque ela fazia da teografia?

Não, a minha filha sempre teve um sonho de ser médica, mas um sonho interrompido, mesmo porque ela ainda estava na sétima série, ainda tinha muitas coisas para fazer.

Ela gostava, então, do estudo? Sim

Sempre foi muito estudiosa, sempre com muitas boas notas, muito recatada, não era de ter muitos amigos não, uma menina muito caseira, muito tranquila mesmo.

Então, a última vez que eu a vi foi exatamente no dia que ela desapareceu, dia 12 de novembro de 1992, que foi uma quinta-feira, eu saí de casa por volta das 5h40 da manhã e deixei ela dormindo, porque eu levava os menores para a escolinha, mas os menores estudavam em uma escola em Pinheiros, então eu tinha que sair bem cedo, porque a escola era longe.

Eu deixei ela dormindo, já sabendo que ela ia fazer a rotina dela, levantar por volta de umas 8h, tomar seu banho, ir para a datilografia que ela cursava das 10h às 11h30, depois voltar para casa e ir para a escola.

Nesse dia eu saí, foi um dia normal de trabalho, quando eu voltei para casa por volta das 18h, 18h20 mais ou menos, eu estou imaginando que a minha filha está na escola, e naquela época as eleições eram em novembro, então estava o horário político ainda, e aí por volta de umas 19h, eu peguei meus dois filhos pequenos e falei, vamos na padaria comprar pão e leite, a gente acaba encontrando com a Tata.

Por ser mais velha, todo mundo que mora no interior tem o apelido de Tata.

Só que por alguma razão que eu desconheço, eu não cheguei na padaria, e acabei chegando na frente do colégio que ela estudava. Nesse dia não houve aula, tinha falecido um funcionário da escola, e eles foram dispensados, mas eles foram dispensados conforme ia chegando na escola, entendeu? Então um ia avisando o outro, conforme ia chegando na escola

Aí quando eu soube disso, perguntei para os meninos que estavam na frente da escola, e vocês não foram para casa por quê?

Aí eles falaram, ah tia, ficamos aqui conversando, e a hora foi passando, passando, mas agora a gente vai. Eu falei, vocês viram a Fabiana? Ah tia, a gente não viu a Fabiana

Mesmo porque todo mundo foi embora conforme ia subindo, porque lá é uma subida. A gente ia avisando que não tinha aula, e alguns nem chegaram na porta da escola. Aí eu voltei para casa e imaginei que talvez encontrasse com ela, e quando eu cheguei em casa não dava, e eu perguntei para os meus vizinhos se tinham visto, a única pessoa que disse que viu ela foi por volta das 14h30 com a camiseta da escola. E o material da escola no braço, indo para a escola, e depois disso ninguém mais viu. Ninguém sabe nada, é uma incógnita, ninguém sabe, não levou nada, única coisa que a gente deu falta foi realmente o material da escola que estava com ela.

Imediatamente eu já liguei para o meu marido que trabalhava em uma empresa ali na Rodovia Anhanguera, e ele veio, a gente já começou as buscas, eu já fui para a delegacia, mas naquela época havia um procedimento que tinha que esperar de 24h às 72h, isso sempre foi um procedimento, nunca foi uma lei, e aí eu não consegui fazer o boletim nesse dia, mas na minha inocência, na minha cabeça, a necessidade de fazer um boletim de ocorrência era que eles iam fazer o boletim de ocorrência, pegar a foto da minha filha, distribuir para a polícia, pelo menos a militar, que é quem fica na rua, faz a via pública, para ajudar a localizar, mas não aconteceu nada disso.

O escrivão não quis fazer o boletim de ocorrência, dizendo que eu tinha que aguardar o período de 48h a 72h, mas que era uma coisa corriqueira, que era coisa normal, provavelmente ela estava com algum namoradinho, até foi um pouco mais além, talvez estava fumando um baseadinho por aí, por mais que eu falasse que a minha filha não tinha esses hábitos, ele dizia, mãe, os pais nunca conhecem os filhos, mas eu como policial, estou aqui todo dia, eu sei como que são. Volta para casa e aguardar que a sua filha vai voltar, deve estar por aí, daqui a pouco volta.

Aí não voltou, no dia 14 eu voltei na delegacia, também não fez, no dia 15 a delegacia estava fechada, no dia 16 eu voltei na delegacia, ele também não quis fazer, dizendo que ainda estava no procedimento, que ela ia voltar, que não sei o quê, no dia 17, quando eu já estava no auge do desespero, eu voltei na delegacia e quando ele falou para mim, ah, não, aí eu já comecei a fazer um show lá, já comecei a brigar, já falei que eu ia chamar a imprensa, mesmo porque naquela época a gente não sabia de crianças e adolescentes desaparecidos, a gente sabia de desaparecidos o que a gente estuda na escola, na faculdade, desaparecidos políticos, a gente não tinha essa noção de pessoas desapareceram, aí com muito custo, aí chegou eu brigando lá, chorando, xingando.

Aí chegou o delegado e ele falou para o Escrivão: mas que bagunça é essa na delegacia aqui?

Aí o Escrivão pegou e falou, ah, essa mãe aí, a filha desapareceu. Todo dia ela está aqui falando, querendo um boletim de ocorrência, eu já expliquei para ela como funciona, mas ela não quer saber, ela quer o boletim de ocorrência.

Na minha inocência o boletim de ocorrência era o começo de uma investigação, e não foi.

? Não era que eu queria o boletim de ocorrência, eu queria que começasse a investigar o que tinha acontecido com a minha filha, mesmo porque a região do Jaraguá tem o Parque do Estado, é uma zona de muita mata, é muito fácil fazer maldade e sumir com as pessoas por ali, aí ele pegou e falou: mas se ela está querendo só o boletim de ocorrência, faz o boletim e dispensa, não tem que ficar fazendo show aqui na delegacia. Aí eu fiquei aliviada, ele mandou eu entrar, disse que ia fazer o boletim de ocorrência.

E falou para mim, olha, se ela não voltar ainda, eu tenho certeza que sua filha vai voltar, isso é ponto, mas se ela não voltar daqui a 10 dias a senhora volta.

Aí eu perguntei para ele, mas o senhor vai fazer uma investigação na rua que eu moro, ali no pico do Jaraguá, ali no campo do Cristal, que é um campo de futebol da periferia?

Ele (escrivão) falou, não, isso aí é a polícia que faz, a senhora não se preocupe com isso, e mesmo assim eu saí lá com o boletim de ocorrência e continuei procurando em IMLs, hospitais, locais que as crianças se reuniram aqui em São Paulo, que na época era a Praça da Sé e a Praça Marechal Deodoro. Enfim, todas as possibilidades eu estava procurando, passou 10 dias, eles nunca fizeram nenhuma investigação, nunca, nunca bateram na minha porta para dizer.

Olha, nós estamos aqui para ver se realmente aconteceu alguma coisa mais grave, e também nunca me chamou na delegacia para nada, aí passou 10 dias, eu não tinha encontrado e eu voltei na delegacia.

Aí ele já, quando ele me viu, ele já falou, mas senhora de novo aqui, não é aqui mais não, não tem nada a ver mais com o desaparecimento da sua filha, você vai lá no DEIC, no DHPP lá em São Paulo. eu falei, mas aonde que é isso, ele pega o trem aqui, a senhora desce na Estação da Luz, pergunta onde é o Palácio da Polícia, todo mundo vai te falar, aí eu vim,

E quando eu cheguei na Delegacia dos Desaparecidos, uma delegacia que tem uma função de desaparecimento. E aí quando eu cheguei, eu perguntei para a Escrivã, olha, eu estou com uma filha desaparecida, assim, assim, assado, já está fazendo quase um mês. Eu não percebi nenhuma notícia da minha filha, há dez dias a Delegacia da região disse que ia investigar e não investigou.

Aí ela perguntou o nome da minha filha, aí eu falei, minha filha chama Fabiana Renato Gonçalves, tem 13 anos de idade, e aqui está a foto dela, aí a moça entrou lá para a frente e falou para mim: Não, senhora, não tem nenhuma garota com essas características desaparecidas. Eu falei, como não? Não, não tem, senhora.

Naquele tempo não existia ainda o FAX. Era tudo por Telex, o que aconteceu? O Telex não chegou, o delegado não mandou o Telex para a Delegacia do Desaparecido, que é o órgão que tinha que investigar, porque a polícia se viu, e nisso já tinha passado um bom tempo, e aí eu pensei, senhora não tem certeza? Ela tem, eu não tenho nada aqui no nome dessa pessoa.

Aí eu te juro para você, eu falei, não, estou num pesadelo, gente.

Eu vou acordar desse pesadelo, porque não é possível, a Delegacia dos Desaparecidos, aqui, naquela época era no quinto andar, e tem um salão lá que é dos elevadores, **eu ainda agradei ela, falei, tá bom, senhora, quando eu cheguei perto dos elevadores, eu falei, mas espera aí, eu tenho um boletim de ocorrência, não é um pesadelo isso, aí eu voltei e falei para a senhora, eu tenho um boletim de ocorrência, aí quando eu dei o boletim de ocorrência para ela, ela pegou, falou, espera um pouco, aí ela chamou o delegado, o delegado falou, aí me chamou lá na sala dele e falou: Olha, senhora, eu vou pedir desculpas para a senhora, mas esse boletim de ocorrência não chegou aqui. Sua filha já está**

desaparecida há quase um mês, e eu vou ser muito franca para a senhora, a gente tem um procedimento de registrar um boletim de ocorrência entre 24 e 48 horas até 72 horas, mas existe um prazo para enterrar um indigente de 72 horas, eu já tenho extrapolado todos os limites de tempo, então eu não preciso falar mais nada para a senhora, eu preciso?

Falei, não, você precisa me explicar, eu não estou entendendo. Senhora, a chance da senhora encontrar sua filha é muito pequena, porque se a sua filha for encontrada em alguma situação de óbito e não identificada, ela já foi enterrada como indigente. E a gente não tem como saber onde.

Aí é bem complicado você ouvir isso, mas aí eu falei, não, mas eu não quero saber, eu quero que você me investigue, eu quero saber se teve um óbito, eu quero o corpo, eu quero saber.

Ele me explicou como funcionava e eu vim embora mas não me conformava com aquilo, aliás, não me conformo até hoje.

Aí eu comecei a militar com pessoas desaparecidas. Na verdade, com crianças e adolescentes desaparecidas. Militei dois ou três anos sozinha.

Em 95 ou 96, a escritora Glória Perez escreveu uma novela que debatia o tema do desaparecimento de criança, e eu debati esse tema na novela das oito, Explode Coração, em horário nobre.

Eu entrei em contato com a assessoria, vi o anúncio no jornal Estado de SP. Ela queria que eu fosse ao Rio de Janeiro para participar da novela. E aí eu fui. Aí eu perguntei pra ela, mas tem gente aqui de São Paulo?

Ela falou que de São Paulo só tem mais uma mãe. Era a Ivanise. E por coincidência a filha também se chama Fabiana e desapareceu na mesma zona em que você mora, na Zona Norte. Só que ela mora em uma área mais central do que você. Liga pra ela e vocês podem vir junto. E aí a gente foi.

Assim, eu achava que por gravar e aparecer em horário nobre, na Rede Globo, seria fácil de encontrar. E quando eu cheguei no Rio de Janeiro, na Praça da Cinelândia, é que eu tive verdadeiramente a dimensão de quantas famílias passavam por isso. Era muita gente e de uma coisa que a gente nunca nem tinha ouvido falar, você entendeu? E aí eu olhei pra outra mãe e falei, e agora? Eu tô procurando minha filha há três anos, você tá aí há três meses, olha esse tanto de gente aí. Aí, ah, velho, vamos gravar, vamos participar, e vamos ver. Ah, eu encontro algumas respostas. E por ironia do destino, tinha um rapaz lá, Marcelo, que era assessor da Glória Pérez, que perguntou se tínhamos um trabalho em SP sobre desaparecimento, falei que não e disse que não tinha condições emocionais de fazer.

Voltamos para São Paulo na quarta. Quinta-feira da mesma semana, todo mundo tava noticiando em São Paulo que nós tínhamos um trabalho de pessoas desaparecidas. Nem sei de onde eles tiraram isso. Liguei pra Ivanise e ela falou, velho, e agora o que a gente faz? Falei, olha, Ivanese, você tá com a filha desaparecida há três meses, eu estou há três anos. Tudo na mídia é rápido demais, né, porque tá no auge da novela, lançamento, essas coisas todas, é tudo muito rápido. Vamos aproveitar o momento, vamos aproveitar e ver o que a gente consegue.

Vamos marcar o encontro na Praça da Sé, porque é a zona central do metrô. Talvez encontre com nós lá, só pra gente saber se foi só nós duas, a Felizarda, né, vamos dizer assim. Meninas, neste dia, 31 de março Quando eu cheguei na Praça da Sé tinha muita família.

Que ano? 1996. Tinha muita gente. Era gente de todo lado, de todo jeito. Era criança, era adolescente, era idosos, pessoas com deficiência.

E aí, mais uma vez eu pensei, meu Deus, e agora?

O que a gente vai fazer?

Naquela época as empresas estavam aproveitando esse momento, querendo aproveitar a mídia, então começaram a divulgar fotos na caixinha de leite, nas latinhas de ervilhas, naquele tempo, nas caixinhas de leite, nas caixinhas de sardinha, pacote de macarrão, pote de açúcar.

Enfim, todas as empresas começaram a usar a sua embalagem para fazer um trabalho social, ou, em fiasco, social, com desaparecidos. E aí, o que a gente fez? A gente falou: Bom, tá bom, vamos assumir essa responsabilidade.

Nós vamos pegar a foto de todo mundo que estiver aqui e a gente começa a entrar em contato com as empresas pra ver se eles querem divulgar.

E assim nasceram as Mães da Sé. Um movimento que era, e ainda é, um protesto silencioso que acontece na Praça da Sé. Agora, acho que uma vez por mês, antigamente era todos os domingos Das dez à meio-dia, e a gente começou a militar.

APÓS MÃE DA SÉ - INÍCIO DA ONG E PROPÓSITO

E aí teve a necessidade de registrar a organização.

A gente fez também, através das Mães da Sé, o primeiro seminário de pessoas desaparecidas no Brasil, Assembleia Legislativa, e deu uma visibilidade muito grande

ao tema. Aí a gente trabalhou muito, encontrou algumas pessoas. Nesse período só da novela, foram encontradas quase 170 crianças e adolescentes através da divulgação. E a gente encontrou alguns também.

Alguns eram desaparecidos, outros não eram, era perda de contato, outros eram crianças que realmente fugiam de casa. A gente começou esse trabalho com a divulgação de imagens. Em 2005, eu achei que o projeto de divulgação já estava concluído, mas eu queria voltar no projeto que eu tinha lá atrás, que era trabalhar com a prevenção. Então eu me afastei da diretoria das Mães da Sé e reiniciei o projeto novamente Mães em Luta, que é um projeto no qual a principal missão é trabalhar a prevenção, orientação, cobrança das autoridades por políticas públicas sobre o tema, conversar com os pais quais são os principais motivos do desaparecimento.

Quando uma criança desaparece, em muitos casos, pelo menos cerca de 80% deles, ela já se sente perdida dentro de casa. Assim, o ato de sair para a rua representa apenas metade do caminho, pois, dentro de casa, ela já acredita que seus pais não se importam com ela, que a família enfrenta problemas, como conflitos com o padrasto, a madrasta e até violência doméstica com a mãe. Todos esses conflitos sociais levam as crianças e adolescentes a desaparecerem, na verdade, eles fogem de casa e acabam vivendo nas ruas, buscando uma falsa liberdade que, na realidade, não é tão livre assim. Esses jovens acabam sendo vítimas de situações ainda mais difíceis. Assim, retomei esse trabalho e continuo a realizá-lo até os dias atuais.

Eu não encontrei a minha filha, mas como mães da Sé, a gente encontrou um bom número de pessoas.

Embora o projeto Mães em Luta tenha como objetivo principal trabalhar na prevenção e orientação por meio das escolas nas comunidades, bem como fazer cobranças públicas por meio de órgãos governamentais para desenvolver projetos de apoio a familiares de pessoas desaparecidas, só depois disso, quando necessário, realizamos divulgações. Temos um número específico de pessoas encontradas, e em 2015, recebi uma homenagem da Eliana junto com alguns familiares que encontrei, o que foi uma experiência muito gratificante. Em relação ao número de pessoas encontradas, acredito que, no total, tenhamos cerca de 1.500 casos resolvidos. Vale ressaltar que, ao longo dos 17 anos de atuação da ONG, essa cifra inclui pessoas efetivamente desaparecidas, mas também envolve outros casos, como crianças em situação de rua, pessoas que fogem de casa e adultos que são internados em abrigos de forma irregular, passando a ser considerados desaparecidos.

Você falou dessa questão de políticas públicas, pode dar exemplos, que vocês acham que seriam efetivas nessa questão de prevenção?

Hoje, toda vez que vocês pesquisarem sobre pessoas desaparecidas, antes focando apenas em crianças até aproximadamente 2010 e agora englobando pessoas de todas as idades, perceberão que muitas políticas públicas e leis refletem, em parte, nossa luta. Entenda que isso não é uma atitude arrogante, mas sim o resultado de um esforço significativo para que essas mudanças ocorressem. Mantemos um cadastro de pessoas desaparecidas, incluindo crianças e adolescentes, que foi lançado e relançado várias vezes, mas nunca foi completamente eficaz na prática. Realizamos uma extensa campanha em São Paulo focada em crianças e adolescentes desaparecidos, o que levou o governo a equipar um laboratório de artes forenses no DHPP. Além disso, buscamos a aprovação de uma lei imediata que eliminasse a necessidade de esperar 24, 48 ou 72 horas, uma regra que nunca deveria ter existido.

Então tem políticas que às vezes a sociedade não conhece, porque não passa pela situação de desaparecidos. E eu vou dizer uma coisa para você, se o desaparecimento é inexplicável ao poder público, ele é mais invisível também à sociedade.

Porque a sociedade só se sente envolvida com o tema, quando acontece na casa dela. É bem aquele negócio que a gente fala no interior mesmo, a desgraça só bate na casa do vizinho. Na minha nunca vai bater. E aí quando bate é que vem procurar. O desaparecimento é um fenômeno que não tem uma explicação lógica ainda.

Desaparecimento envolve inúmeras questões sociais. E começa, como eu te falei, com conflitos familiares, e vai passando por várias situações, o extermínio de jovens, criança viciada pelo crime organizado, a violência doméstica, a prostituição, a droguição, você está entendendo? O tráfico de pessoas, o tráfico de ordem. Então desaparecido é uma palavrinha pequena, mas que tudo ficou englobado ali dentro. Então ele não tem como te falar, você tem uma especificação lógica do que é o desaparecimento? Não. O que a gente entende é que uma pessoa que sai do seu convívio social, nunca se sabe para onde foi, aonde está, é um desaparecido. E que isso, temos que ter políticas públicas conclusivas, e não políticas de governo. Ultimamente a gente só tem tido políticas de governo.

Hoje, no Brasil, para poder amenizar a situação de desaparecidos, Porque eu não sei se você sabe, o RG não garante que você vai ser identificado, só vai garantir se você vai ser identificado se você tiver uma planilha criminal, porque não existe um cadastro de pessoas, existe um cadastro criminal de pessoas. Se o cidadão não passou por algum momento, por uma situação de crime e carimbou a planilha dele lá na delegacia, provavelmente ele vai ser identificado. Se for uma pessoa que nunca

teve isso, ela não vai ser identificada, provavelmente ela vai ser enterrada como indigente.

O Estado não tem obrigação de ligar para a sua casa, olha, eu encontrei fulano de tal assim, óbito. Não, é a família que tem que buscar a informação, que é um erro, você está entendendo? E por enquanto os órgãos não se falarem de si, a gente vai continuar cometendo esses erros enormes, e uma fila gigante de gente buscando familiares, que muitas vezes podia ter sido resolvido em questão de momento, em questão de hora

PARTE FINAL / ONG + FABIANA + AJUDA NAS BUSCAS de 29:03 até 01:00

Então, duas coisas que a gente tem brigado muito com o governo federal. Um Cadastro Nacional de Pessoas, um Banco de DNA, efetivamente para todos, para poder fazer o cruzamento quando houver essa necessidade. Um Documento Único Federativo que lembre a habilitação, por exemplo. Por quê?

O RG em São Paulo é um número, se você mudar para o Paraná, você tira outro RG com outro número. Se você for para o Maranhão, é outro número. Então, você não consegue identificar. Você põe ali, olha, a dona Vera Lúcia desapareceu em São Paulo.

Ela consta aqui no Boletim de Ocorrência do Cadastro de São Paulo como desaparecida. Mas se eu quiser, eu vou para o Rio, eu vou para outra cidade, tiro um documento novo e passo minha vida normalmente. Você está entendendo? Então, é essencial essas três políticas públicas, como eu disse para você, não políticas de governo.

Políticas federativas e efetivas. Cadastro Nacional, um Banco Genético de DNA de todos os cidadãos e um Documento Unificado para todos os cidadãos. Isso facilitaria muito o encontro das pessoas. Agora que é a próxima pergunta, agora voltando para a história da sua filha, naquela tabuleira do micro-ondas, você disse que ela estava dormindo.

Foi a última vez que você viu ela. Ela estava sozinha. Sim, ela ficou em casa sozinha, dormindo. Você comentou um pouquinho sobre a rotina dela?

Você falou que ela não gostava de fazer alguma coisa específica, você falou que ela gostava de Xuxa, de música. Na verdade, ela tinha algumas questões. Ela colecionava todo o álbum dessa banda New Kids on the Box. Gostava muito da Xuxa, naquela época tinha Eliana.

As meninas, há 31 anos atrás, eram muito diferentes do que agora. Eu tenho uma neta hoje de 15 anos, meu Deus do céu, ela domina a internet mais do que muita gente por aí. Naquela época não tinha internet, não tinha celular. Só quem tinha telefone era quem tinha um poder aquisitivo um pouco maior.

Era um outro mundo há 30 anos atrás. A evolução do jovem nesse tempo todo, se por um caminho a evolução é muito boa pela tecnologia, por um outro lado ela é muito prejudicial também. Porque eles se perdem muito com as redes sociais, com amizades que fazem, consideram todo mundo amigo virtual, às vezes nem sabe quem é, já acha que é amigo. Antigamente não tinha essas questões.

Ela gostava de brincar na rua com as meninas ou ela brincava mais com os irmãos? Não, eles brincavam até na rua, mas ela estava sempre com os irmãos, porque eu morava em uma rua sem saída ali do Jardim do Ipanema, no Jaraguá. Então, tinha outras meninas que brincavam todos juntos. Mas era uma brincadeira que hoje a molecada nem brinca mais, pega, pega, essas brincadeiras que hoje você fala para a criança, nossa, que coisa ridícula, né?

Teve alguma mudança no comportamento do ano anterior? Não, nenhuma, nenhuma. Normalmente? Normalmente, nenhuma.

Só uma curiosidade agora sobre essa questão da online que eu esqueci. Você comentou que você viu bastante pessoas quando você jogou no Rio de Janeiro e também no primeiro encontro com as mães da série. A maioria dessas pessoas eram mães? Por que as outras eram, normalmente, mães?

Porque sempre são as mães que saem em busca. Raramente você tem pai militando na busca dos seus filhos, entendeu? Olha, eu tenho 31 anos de militância na organização e eu conheço nesses 31 anos só cinco pais. Sempre são as mães.

As mães que pegam a frente, as mães que enfrentam todo o carvalho de buscar informação, de divulgar, de ficar na rua buscando, pregando cartaz para todo lado. Sempre são as mães. Por isso que sempre, quase todos os projetos de organização nesse sentido são mães. E se você até pensar no histórico de organizações, você vai ver que muitos dos trabalhos sociais começam pela dor, que depois se transforma em amor.

Você vê, por exemplo, a Fundação Cazuzza, que começou com a mãe Cazuzza. Você vê outras fundações que começam com mãe lutando por crianças com câncer, cefaleia. São sempre as mães que parecem que têm mais força de começar a militar ou a buscar informações. Os pais parecem que...

Não que seja menosprezando os pais, mas eu acho que eles são o sexo mais fraco nessa história toda. O meu marido, por exemplo, nos primeiros anos que a minha filha estava desaparecida, ele me ajudou muito a procurar. Mas depois ele foi se entregando, se entregando, se entregando. Hoje ele vive num ponto, depois de uns três, quatro anos, ele já não queria mais se atrapalhar.

Ele se entregou de uma forma... Ele não gosta de conviver socialmente. Às vezes ele até me acompanha em algumas atividades da ONG, mas assim, quase que empurrando, você está entendendo? Porque ele acha que é muito sofrimento, não aguento não.

Então são essas questões. Eu acho que a mulher, pelo instinto de mãe e o instinto feminino, ela já é protetora, lutadora. Eu acho que ela é muito mais capaz dessa militância do que os homens. E voltando ainda um pouco para a Fabiana, ela tinha alguma melhor amiga?

Alguma amiga que ela gostava mais do que as outras? Ou amigos especiais? Ela só tinha uma amiga lá, que era minha vizinha, que se chamava Vanessa, mas nada assim muito... Na verdade, por eu ser do interior, eu sempre tive muito medo das amizades em São Paulo, porque São Paulo é meio complicado.

Então ela não tinha o hábito, por exemplo. Eu não fui criada com o hábito de frequentar a casa de amigo. Meus filhos também foram criados da mesma forma. Então eles não iam dormir na casa de um amigo.

Eles não saíam com mãe de um amigo. Se tivesse que sair, era com o pai e com a mãe. Você entendeu? A gente não tinha esse jeito de viver, que tem essa liberdade que você tem hoje.

Ah, faço minha mochila, vou dormir na casa da amiga e volto três dias depois. A gente não tinha esse hábito. Aliás, minha casa não tem esse hábito. Nem meus netos têm esse hábito.

Você entendeu? Talvez, por mais que agora, tudo isso que a gente passou, a gente fique mais preocupada. Ainda. Mais preocupada.

Ela tinha algum lazer, privilégio que gostava de ficar com o pai? Cinema. Não, cinema, música. Sempre muito ligada à arte.

É cinema, música. As coisas mesmo que era mais... Antigamente era bem mais restrito. Ela gostava de ir acompanhada da família.

Sempre acompanhada do pai, da mãe e do irmão. Às vezes ela viajava pra casa dos meus pais. Mas aí eu levava, deixava lá com a minha mãe e com o meu pai e vinha embora pra São Paulo pra trabalhar. Seus pais são de onde?

Você se lembra das últimas palavras que você trocou com ela? Não foi na manhã que ela tava dormindo, mas na noite anterior.

Qual foi o assunto? Eu não lembro muito sobre isso, porque eu acho que a gente chegava... Eu chegava da escola, sempre pedia pra ela me ajudar com os irmãos

menores, né? Chegava do trabalho, sempre pedia pra ela me ajudar com os irmãos menores.

Ela me ajudava a dar banho, cuidar dos irmãos menores. Fazia a janta, jantava e já ia dormir, né? Porque a vida quem mora em São Paulo é isso, né? Não tem muita conversa, né?

Não tinha. E vocês conversavam sobre o que? Todos. Todos os assuntos.

Ela contava tudo o que acontecia na escola. Você também compartilhava coisas do trabalho com ela? Sim. Como amigas, né?

Sim. Eu sempre fui muito amiga dos meus filhos. E na minha casa não tem... Embora eu fui criada com muitos tabus, na minha casa com meus filhos não tinha.

A gente sempre falou de tudo. De tudo, de tudo. Do dia a dia, de sexo, da violência, de tudo. Mesmo porque pra ter um pouco mais de cuidado.

Mas sabia eu que eu ia viver uma tragédia dessa, né, filha? Como você fez as buscas na época? Você pegou um carro, saiu e entrou ali. Como é que foi esse processo?

Você tinha dois filhos pequenos, né? Como que foi? Eu tinha dois filhos. Eu tenho meus filhos na época.

O meu filho... Minha filha, que se chama Fabíola e mora em Santo Pedro do Rio Preto, tinha 4 anos. E o meu filho, que se chama Luiz Paulo, tinha quase 2 anos. Aí eu deixei, eu mandei a minha filha pra casa da minha comadre, que mora lá pro lado de Parelheiros.

O meu menino, como ele era um pouco mais tranquilo, ficou na casa da vizinha. E eu saía cedo e começava a perambular pra todo lado. Os prudais, engueves, pra todo lado que eu pudesse ter algum tipo de informação. Eu ficava o dia inteiro na rua procurando, divulgando.

Naquele tempo, a gente fazia uns cartazinhos, né? De papel sulfite. Divulgando, colocando em todos os lugares, assim, de grande movimentação. Essas questões assim.

Quando elas desapareceram, então você parou de trabalhar? Eu parei de trabalhar nos primeiros 4 meses. Mas eu trabalhava numa empresa que era do meu ex-patrão, ele era muito boa gente, sabe? Então, às vezes eu ia pra lá e começava no desespero, ele falava, vai embora.

Então, depois de 4, 5 meses, eu comecei, voltei a trabalhar. Mas mesmo assim, um meio período para até poder buscar ainda, entendeu? Você comentou que nos

arredores da escola tinha mato por perto. Você chegou a fazer uma busca naquela região?

A gente sim, mas a polícia não. A gente sim, mas a polícia não. Você chegou a entrar? É, não tinha nada, não encontramos nada.

Como foi esse grupo de buscas? Foi você, familiar, vizinho? Ah, vizinho, familiar. Minha irmã veio lá de São Carlos, o pai, né?

E a gente juntava, ia buscar, procurava, perguntava pros vizinhos se tinha visto alguma coisa diferente. Perguntava pras pessoas que moravam próximo nesses lugares. Por exemplo, no Pico de Janardócio tinha visto alguma coisa diferente. Nesse dia, ou mesmo depois desse dia, eram essas questões que a gente colocava.

Coloquei inúmeros cartazes no Pico. Como o Pico é frequentado muito nos finais de semana, né? De repente alguém encontrou alguma coisa lá, sabe? Uma situação de violência, sei lá, um cadáver, alguma coisa, né?

Para chamar a polícia, que a gente estava procurando. Em que momento você percebeu que você tratava de um desaparecimento e não de outra coisa? No primeiro momento que a minha filha... Porque não depende até na questão de ter desencontrado ela, né?

Quando eu voltei pra minha casa e a minha filha não estava, eu já vi que tinha acontecido alguma coisa pior. Porque a minha filha não tinha o hábito de sair de casa, se atrasar. Ela saía às 19 horas da escola. Por volta das 19h15 ela já estava em casa.

Ela sempre seguia a rotina, ia certo. Não era uma coisa... Uma coisa, ah, um dia ela chega às 19h, outro dia chega às 19h30, outro dia chega às 20h. Ela seguia o horário certinho ao mesmo tempo.

Quando eu voltei pra casa e a filha não encontrei, eu já vi que ali já tinha uma situação que estava normal. A polícia chegou a dar uma devolutiva? Nunca. Pra falar, ah, a gente não encontrou outra?

Eles alertam que é um desaparecimento, como tantos outros, enigmático. Que não tem explicação. Nunca, talvez, foi encontrado. Nenhuma pessoa, as características dela foram localizadas.

Seja em óbito ou seja enterrada como inteligente. Nunca deram nenhuma... Nada. Nunca responderam nada.

Então, eles arquivam o processo. E, na verdade, desaparecimento não é um processo, né? É um boletim de ocorrência. Desaparecimento não é crime.

Então, só investiga se tiver indícios de crime. Como a gente nunca teve indício de crime nenhum, então não houve nenhum tipo de investigação. Então, não dá nem pra saber se teve uma conclusão. O processo nunca teve.

Não, nunca teve. Também não sabe o que eles fizeram. Não fizeram nada, eu acompanhei todo esse tempo, eles não fizeram nada. Eles ficavam alegando que a gente, como família, tem que ir lá dar informação pra eles.

Entendeu? Não é o delegado por uma equipe de investigação. É a família que tem que ir lá. Olha, fulano falou que talvez aconteceu isso.

Aí chama a pessoa pra conversar. Mas não daqui. Em meu caso, não tinha nada. E você vê que isso pode ter melhorado pelo menos 1% de todo aquele tempo pra agora nessa conduta da polícia?

Não, a gente teve algumas melhoras. Não vou dizer pra você que não teve melhoras. Tivemos melhoras. Temos um laboratório de artes flores, que faz envelhecimento digital a partir de 5 anos da pessoa desaparecida, que facilita.

A delegacia procura também, através dos órgãos dela, tentar localizar de alguma outra forma. O Estado, ele... É tudo vontade política, você tá entendendo? A gente já teve delegado muito participativo com familiares de pessoas desaparecidas.

Mas tem uns que não estão nem aí também. Os seus filhos também ajudaram que eles cresceram, né? Eles ajudaram também nas buscas? Meus filhos já cresceram na militância com desaparecidos, né?

Por eles serem pequenos, eles já começaram a frequentar muito cedo comigo a militância desaparecida. Hoje, que eles são adultos, eles já não querem mais militar. E ainda falam, mãe, você já tá cansado, deixa isso. A gente não conseguiu até agora, não vai conseguir.

Se for a vontade de Deus, um dia ela vai aparecer, mas a gente ainda não tem resposta. E meus filhos, eles passaram a vida toda através do atendimento psicológico, né? Porque é muito complicado você explicar para duas crianças que, de repente, do nada, o irmão sumiu e não tá mais no convívio social. Eles têm a capacidade humana?

Tem, tem. Eles têm. O meu filho, por exemplo, que é o mais caro, o Caçula, ele lembra muito dela, brincando com ele, sendo ele andando de bicicleta. Às vezes, a gente conversa muito sobre isso.

Toda a família passou por esse apoio psicológico? Não, só o meu filho e eu. Meu marido nunca aceitou. Por isso que ele hoje, ele tem os problemas dele lá.

Prisão, antissocial, essas coisas. Então, isso ajudou bastante? Esse atendimento psicológico ajudou você? Ajudou muitas crianças, porque eu cheguei a um tempo que eu até ia, né?

Para poder ajudar as crianças. Mas, depois, eu também fiquei muito desanimada. Falei, eu não vou não. Eu achava que eu ia falar com o psicólogo.

Ele tinha que falar um monte de coisa pra mim. Eu ia lá e não falava nada. É, você estava... E não dá a resposta, né?

Você está esperando a resposta. Aí, chegou um tempo que a gente não... Eu já não ia mais. E eu me fortaleci, assim, ajudando outras famílias, assim como eu.

Passo por isso mesmo. Lógico que tem dia que você tá bem... Tem mais vulnerável. Tem outros dias que você levanta melhor.

E não é porque faz 31 anos que perdeu... Perdeu a necessidade ou o sofrimento, a menos ou não. Os anos vão passando e quanto mais vai passando, você vai vendo que... Infelizmente, a gente não vai ter as costas, entendeu?

Eu tô vendo um pouquinho mais sobre a Fabiana. Como você descreveria a personalidade dela, o jeitinho dela? Ela tinha alguma mania? Não, eu não entendo o que ela tinha mania.

Minha filha era uma menina normal. 1,60m, meia gordinha, cabelo encaracolado, longos. Menina normal, sem vício. E ela puxou mais pra você ou pro pai dela?

Tanto fisicamente quanto de jeito, assim, você acha? Eu acho que ela... Ela era um pouco mais retraída do que eu. Eu sou um pouco mais...

Na verdade... Eu sou um pouco mais... Mas eu aprendi isso com o tempo. É que na verdade, naquele tempo, eu achava que...

O que interessava? Era minha casa, meus filhos e pronto. Meu mundinho era aquele, você tá entendendo? E quando eu comecei a passar por essa situação toda...

É que eu comecei a aprender que não era bem assim, né? Então, foi um longo processo. Mas minha filha era uma menina muito tranquila, muito tranquila mesmo. Tudo pra ela tava bom.

Ela não tinha vaidade. Mas é que nem eu falo pra vocês. Era uma época diferente, né? Não tinha questão de modinha.

Não tinha baladinha, assim, entendeu? Eu ia até perguntar do estilo dela, assim. Como que ela... Ela sempre gostava de uma camiseta, uma bermuda.

Uma bermudinha. Ela sempre gostou por ela ser um pouquinho mais cheinha, né? Ela sempre... Se vestia assim.

Calça de moletom, né? Pra ir pra escola. E quando saía, saía com uma roupa um pouquinho melhor, mas... No dia-a-dia era bermuda e camiseta.

Moletom e camiseta. Tênis. Coisa temática, assim, né? Se lançava da Xuxa, da Eliana.

Não, ela não tinha essa roupa tênis, não. Ela só tinha a mesma mania de assistir muito e colecionar algumas coisas dessa banda, New Kids on the Box. Então, de personalidade, ela parece mais com quem? Com o pai?

Eu acho que ela parece mais com o pai. E fisicamente? Comigo. O que ela gostava de comer?

Tinha um doce? A comida favorita? Ela comia de tudo. Por isso que ela era gordinha, fortinha.

Ela comia de tudo. Ela sempre foi bom prato, ela comia de tudo. Ela gostava de doces? Também.

E ela cozinhava? Ela já sabia? Não, ainda não cozinhava. Ela sabia, mas cozinhava muito.

Ela era... É. E agora, uma pergunta aqui. Após os desaparecimentos dela, poderia compartilhar com a gente como tem sido as datas comemorativas importantes, aniversário, Natal?

As datas, elas ficaram um bom tempo todas jogadas no fundo do balde. Depois de muito tempo, quando meus filhos se tornaram mais adultos, porque aí vem os filhos deles também, né? Aí foi que a gente voltou a comemorar Natal, aniversário, mas as datas, principalmente aniversário dela, Natal sem a presença dela, é sempre muito difícil pra gente. Mas a gente tem que superar, porque eu tenho quatro netos, né?

Então, não dá pra condenar eles numa situação que, na verdade, eles nem têm culpa e nem sabiam. Então, a gente tem que comemorar o Natal, o aniversário, né? A gente passa a tentar sobreviver normalmente, né? **Mas a gente só sobrevive, a gente não vive.**

E a mãe é sempre a que mais, né? Vive esse luto, né? Sem sepultura, né? Na verdade, é isso, é um luto sem sepultura.

Que dia foi ela nascer? Dia 12 de fevereiro de 92. Vocês não comemoravam nenhum aniversário, nem os eventos, as crianças, nada. Realmente foi...

Depois de um tempo, até a gente comemorava os aniversários deles, mas assim, só nós mesmo. A gente fez um bolinho, parabéns e pronto. Não fazia festa, não fazia nada. Você gostava de festas antes?

Desaparecimento? Tinha costume de fazer aniversário? Sim, sim, sempre comemorando. Fazia as festinhas das crianças, né?

Mas depois que ela desapareceu, a gente ficou bastante tempo sem comemorar. Isso só voltou a uns 18, 20 anos atrás, né? Porque quando tem as crianças, minha filha já teve bebê, meu filho já tem filho, e aí a gente vai tentando voltar à rotina, né? Ela gostava das comemorações também?

Gostava. Como você lida com essa dor há muitos anos? Você falou que é a mesma dor. Então, a gente não consegue, eu não consigo te explicar a dor, né?

Porque é uma dor que é como se você revivesse todo dia numa situação de desaparecimento. Eu tento sobreviver ajudando outras famílias que, como eu, têm filhos desaparecidos. Talvez hoje, por eu ter um pouco mais de experiência, saber lidar um pouquinho melhor com a dor, eu consiga amenizar o sofrimento dessas famílias. Na orientação, no carinho, no acolhimento.

Coisa que eu não tive no meu tempo. E com isso eu vou sobreviver, entendeu? Por isso que esses dias, meu filho falou pra mim, e eu disse, mãe, pelo amor de Deus, para. Eu estou dando um curso na Defensoria Pública de Direitos Humanos.

Eu não sei se vocês sabem, porque a Promotora das Legais Populares é um projeto da União de Mulheres do Estado de São Paulo que procura ensinar às mulheres um pouco de direito, um pouco de tudo. Direito, um pouco de democracia, um pouco de políticas públicas. Enfim, eu dou um curso desse. E esses dias, meu filho, mãe, para, chega disso, vai viver um pouco, vai viajar.

Tinha alguma pessoa que essa filha era bem apegada? Minha mãe.

Qual era o nome da sua avó? Lúcia. E qual o seu nome completo? Vela Lúcia da Silva Ranol agora.

Eu estou avisando tudo, porque caso de algum problema ali, a gente tem tudo aqui, não precisa ficar te ligando. Tem nada, mas eu fico com vontade. Desculpa ficar anotando bastante. Não, fica à vontade.

Só me desculpa realmente que hoje não está sendo um bom dia, porque ela conectava a voz. Que horrível, né? Eu acordei com o Rinite também, essa aqui não é a voz normal. Nossa, a namorada do meu neto, meu neto é um neto meio preto, mas ele faz tabudade aqui em São Paulo.

E aí a namorada dele veio no final de semana e ela já estava meio enjoadinha. Eu não sei se ela deixou uma virose lá na minha casa, na segunda-feira já levantei assim. Eu sou difícil de ficar doente, você está entendendo? E nem deveria ter dor de garganta, porque eu tirei minhas amígdalas, eu tinha o quê?

9 anos. Olha, nunca mais senti dor de garganta. Esquisito, hein? É, mas está muito difícil.

Eu não dormia a noite inteira. Você costuma fazer chá? Eu até fiz um monte de coisa lá, fiz um monte de coisa, eu levantei várias vezes a noite, passei no médico ontem à tarde, para poder, porque eu tenho um outro grupo de TCC que vinha falar comigo hoje, que eu fiquei até desmarcando. Eu só vou deixar elas, porque já tinha marcado.

Mas é complicado, fiz gargarejo, meu filho foi lá, comprou aquelas balinhas de... Pastilha? Aquelas balinhas de gengibre. Já tomei tudo que é remédio que apareceu aí, até agora não tomei nada.

E eu sou... E eu sou um horror para a doença. Eu enfrento tudo nesse mundo, mas quando se trata de doença, me afeta. Eu sou um horror, eu sou muito manhosa, para a doença você tem que me afetar.

Você é uma pessoa forte. Deve estar tudo bem você praticar a doença. Nossa Senhora, eu fico irritada de não poder fazer as coisas que eu tenho que fazer, entendeu? Você toca a ONG sozinha?

Não, a ONG é uma entidade sem fins lucrativos, então ela é com vários associados, às famílias, e tem uma diretoria. Mas são tudo voluntários, né? Normalmente, aqui, eu tenho uma ONG e eu tenho um trabalho profissional junto. Eu tinha uma outra sala vizinha aqui que era só a ONG, mas com o defeito da pandemia, a situação financeira, a gente perdeu muito parceiro, né?

Aí eu trouxe tudo para cá porque aí eu já posso fazer tudo de uma vez só. Eu atendo as famílias na parte da tarde, de manhã eu trabalho. Porque eu tenho uma empresa de material odontológico. Então, para poder sobreviver, né?

Então, é isso aí. Hoje, eu vou ficar com umas perguntas com vocês, se você vai lembrar quem é o sobrenome. Eu, pelo menos, não lembro muito o nome das pessoas. Mas eu queria saber se você se lembra do nome do vizinho que encontrou com a Fabiana no dia em que ela desapareceu.

Ele era um rapaz que tinha uma loja de material de móveis usados. A gente nem tinha amizade com ele. Só que era caminho. Lá no Jaraguá, por ser um bairro muito alto, né?

Porque o Jaraguá é um ponto mais alto, quase, de São Paulo. Tem muitas ruas que, assim, que dá subida por escadas, acesso por escada. E esse rapaz, por exemplo, ele tinha uma loja numa dessas vielas de escada. Ele era jovem?

Acho que ele tinha, na época, uns 18, 19 anos. Era jovem, eu não lembro. Eu ia perguntar também, você comentou que a sua irmã te ajudou bastante, né? Alguns vizinhos.

Você sabe o nome dessas pessoas? Minha irmã? Minha irmã se chama Veriane. E minha amiga se chama Marinalva, e a gente chama ela de Branca.

Apelido, né? Marinalva, apelido Branca.

Foi ela que cuidou do seu filho?

Foi.

E muitas vezes ela saiu comigo procurar, porque eu não dirigia na época e ela estava aprendendo a dirigir.

E aí o marido dela deu um fusquinha azul pra ela.

Você pensa nas aventuras que eu e ela vivemos nesse fosquinho azul em busca da minha filha, sabe?

Ela me ajudou demais na época.

Até alguns pais se relacionam com essa questão de trote.

Sim, muito.

Você chegou a passar por isso também?

Muito, muito.

Na época que a minha filha sumiu, eu quando eu vim pra São Paulo, eu vim morar aqui na Vila Madalena.

Que é uma área mais central, um poder aquisitivo um pouco mais alto.

E depois meu marido arrumou um emprego nessa empresa lá na lagoara.

Meu marido fazia plataforma de navio e plataforma de lixo.

E o cara tinha uma casa lá no Jaraguá.

Como aqui eu morava numa kitnet, aí meu marido conversou com ele e ele deixou a gente morar lá nessa casa, com emprestado, pra gente juntar um dinheiro pra comprar uma casa pra nós.

Quando minha filha sumiu, eu tinha condição de juntar, já tinha um bom dinheiro guardado pra dar entrada numa casa.

Eu gastei tudo.

Com advogado, com macombeiro, tudo que você imaginar eu já tinha feito.

Macombeiro, investigador, sabe?

Ah, eu preciso de tanto que vai achar, então vamos, vamos pagar.

Mas infelizmente não.

Detetive também?

Detetive, não.

Essa questão religiosa que você gastou dinheiro era pra fazer uma resta?

Não, não era pra ver, porque eu não disse que o povo assim que mexe com esses negócios tem o poder de ver do outro lado que a gente não vê.

Não é que eles falam.

Então eu também queria saber se tu conseguia achar.

Você deu uma informação?

Não, nunca, nunca.

Minha vida, tem uma outra mãe mesmo que ela comentou que ela foi pro centro espírita, parece que ela conseguiu um passe, ela falou com uma entidade e aí falaram que tava em uma cidade, ela foi até lá e não tinha nada aí.

Então, é justamente isso mesmo.

E aí as pessoas, quando você começa a divulgar, a pessoa, ah, eu vi, tá comigo, tá no teu endereço, aí você vai, chega lá, não era nada.

Olha, eu conheci fulano, chega pra lá, não era também nada.

E esses casos aí enganam a maldade?

Eu acho que às vezes tem um pouco de maldade, mas muitas vezes a pessoa tem tanta vontade de ajudar de verdade, que ela acaba confundindo as pessoas, né?

Tem umas pessoas que são parecidas com outras, não tem como não.

E às vezes a pessoa acaba se confundindo, mas muitas vezes é maldade mesmo.

E a sua comadre me pergunta que ela cuidou da sua filha, qual que é o nome dela?

Isolita.

E ela era de São Paulo mesmo?

Na verdade ela era da Bahia, mas ela morava, morava e mora lá na zona sul, no jardim São José.

Parelheiros, na verdade.

E ela cuida da sua filha pra você poder fazer as coisas?

É, não cuida muito, um mês, um mês e um pouquinho, sabe?

Depois a vida tem que voltar ao normal mesmo, né?

Anexo 4 - Entrevista Marina, mãe de Rogério Bispo do Nascimento - desapareceu no dia 02 de fevereiro de 1982

HISTÓRIA COMPLETA - ENTREVISTA 2

Eu queria começar, então. Onde era a sua banca? Você comentou que tinha uma banca no centro.

Onde ficava? Então. Você conhece ali a área da Santa Ifigênia? Já fui uma vez, eu não conheço tanto.

Então. Era bem... É bem na esquina da Santa Ifigênia com Gusmões. Ah, sim.

Entendeu? E a rodoviária, para onde ele foi, era só dois quarteirões. Sim. Você lembra o dia, se estava chovendo, qual roupa ele estava usando?

Uma quinta-feira? Você lembra a roupa que ele estava usando? Sim, sim. Sei.

Era o uniforme municipal de São Paulo, né? Você lembra o modelo da camisa? Ah, sim. Então, ele gostava de futebol?

Ele era... Mas meu marido, os dois, gostavam muito de futebol, de Santos, né? Meu marido é santista, então ele também curti sempre o Santos, né? Ah, sim.

E como era a rotina dele? Ele sempre te ajudava na banca? Ele estava de férias, como você comentou, né? É, porque ele estava de férias na época.

Mas só que ele era assim. Ele era muito apegado com a minha mãe. E a minha mãe morava longe daqui, da onde a gente morava. E ele falava que a minha mãe já era idosa, e minha mãe trabalhava ainda.

E ele dizia que ele ia trabalhar para poder tirar a minha mãe do emprego. Que a minha mãe já estava velhinha e não podia trabalhar mais, ele dizia. Sabe? Aí, ele ficava nessas banquinhas que ele ficava ajudando, essas banquinhas que vendem frutas na rua.

Sabe aqueles carrinhos que vendem frutas na rua? Não sei se você conhece. Ele ficava, tinha bastante gente ali na área que tinha esses carrinhos que vendiam frutas. Um vendia pedaços de abacaxi, outro vendia tamarindo, outro vendia doces, e assim por diante.

E ele tinha amizade com todo mundo ali, naquela área, desse pessoal. Aí, ele ficava ajudando numa banca, porque as pessoas, às vezes, queriam ir ao banheiro. Ele ficava olhando a banca. A pessoa dava um trocado para ele.

Sabe? Ficava assim. E esse dinheiro, ele guardava tudo e levava para minha mãe no fim de semana. Qual era o nome da sua mãe?

Maria Alves. Ela morava em São Paulo mesmo, perto de vocês? Sim, morava em Santa Maria. Ah, sim.

Então, quando ele não estava indo para a escola, ele estava fazendo esse serviço para ajudar a avó dele, né? Tava ajudando, e ele ficava na banca comigo. Mas, como ele ficava na banca direto, e a banca era pequena, não era grande, então, ele tinha espaço para ter liberdade, né? Aí, ele ia de um lado para outro, ficava, juntava o dinheirinho dele.

Tudo era juntado, e no fim de semana, ele levava para minha mãe. Então, ele era acostumado a fazer isso, já, passear pela região ali, né? Era acostumado. Era acostumado.

Estudava, morava, estudava ali, né? Então, ali, para ele, era a área mesmo. E qual horário que ele estudava? Jamais, jamais, jamais, eu poderia imaginar que, na hora que ele falou para mim, da banca de frutas, na rodoviária, que estava precisando de um menor, eu até, eu falei, ah, filho, ele chamou, vamos lá mais eu?

Eu falei, ah, filho, vai lá, se o homem quiser, meu filho vem aqui, que eu dou um jeito lá com você. Você vê? Jamais eu poderia imaginar que ele assumia, assim, dois quarteirões de casa, né? Uma área acostumado, já, né?

Não tinha como imaginar mesmo. Não, não, tinha perigo. Isso em 81, em 82, isso aí não tinha perigo dessas coisas, assim, de bandidagem, dessas coisas, era bem mais leve do que hoje. Com certeza, imagino.

E ele estudava de manhã ou à tarde? Ele estudava de manhã. Ah, sim. Ele fazia algum curso?

Ele estudava de manhã, ele estudava de manhã, e, né, ajudando o pessoal. Chegava, almoçava, né? Tirava a roupinha da escola e ficava na rua. Só que eu falava para ele, assim, ó, filho, às seis e meia eu fechava a banca.

Então eu falava, ó, você pode ficar por aí ajudando o pessoal, mas às seis e meia eu quero você aqui, que eu vou, fecho a banca, eu quero você aqui para nós irmos para casa. Era no outro quarteirão que eu morava, né? Aí, ele sempre fez isso. E naquele dia ele não veio.

Às seis horas, ele não tinha seis e meia, não chegou na banca. Aí eu pensei, ele deve estar na banca do meu marido, que era na outra rua também, no outro

quarteirão, na banca de jornal também. Aí, eu fui embora porque eu achei, né, ele está lá na banca, meu marido.

Aí, quando meu marido chegou em casa, eu falei, cadê o Rogério? Ele falou, como Rogério? Falei, ué, ele não veio para minha banca, então eu achei que ele estava com você. Ele falou, não, não chegou lá, não.

Naquela hora lá, porque quando ele foi para a rodoviária, ele passou lá na banca do Sebastião e falou. E que horas que era, mais ou menos? Olha, era mais ou menos a hora que ele saiu, era mais ou menos três, quatro horas da tarde, mais ou menos esse horário aí. Sim, e aí quando você percebeu que ele não chegou com o seu marido, o que que vocês fizeram?

Aí nós, na hora, na hora já saímos à procura. Pela região. Tava aquela noite, nós passamos a noite praticamente na rua andando, procurando ele. Aham.

Mas ninguém viu, ninguém sabe, sabe, até hoje é mistério. E aí no dia seguinte vocês foram fazer BO, como que foi? É, no outro dia eu fui registrar queixa, aquela época era depois de 48 horas. Sim.

Né, aí fui registrar queixa e ficou por aí, por aí, por aí, era no DEC, né, hoje tem delegacia desaparecida no DEC também, né, aí eu fui lá, registrei, fiquei indo lá várias vezes, indo, indo, indo, indo direto, quase todo dia, todo dia eu ia na delegacia lá do DEC, aí eles falavam pra mim, falavam pra mim assim, ó, se a senhora achar, a senhora vem aqui avisar pra nós. Então eles não procuravam, não. Naquela época lá eles não ligavam pra isso, não, falavam se de pobre, se de pobre fugia, entendeu? Se de rico era sequestrado, agora se de pobre era fugir, fugir.

É, eu imagino até hoje tem um pouco disso, né, Marina? É, até hoje, né, e eu ia, ele falava assim, olha mãe, ele deve ter saído com um colega por aí, logo ele aparecia, não, minha senhora, ele não fazia isso, não, meu filho era bem orientado, ele não saía assim, ele não tinha, praticamente ele não tinha colega, falava não, jamais ele iria sair com alguém sem me avisar, falava na hora que ele saiu, ele me chamou para ir junto com ele. Então como é que ele ia fugir? Não, não ia fugir, não.

E eles falavam, não mãe, é porque você não sabe, mas essas crianças hoje é assim mesmo, eles vão, eles arrumam um coleguinha de lá, de onde ele tava e ele foi pra algum lugar, pensando de voltar, logo ele tá em casa, não se preocupe não, era o que eles falavam, sabe? Sim. E o seu filho ele comentava com você que ele tinha algum sonho, que ele queria ser alguma profissão, assim? Não, a única coisa que ele falava é que ele queria trabalhar para tirar minha mãe do emprego.

Isso aí era uma coisa que ele sempre era o desejo dele do coração. Sim. E quantos anos mais ou menos sua mãe tinha? Na época.

Quantos anos? É, mais ou menos. A minha mãe naquela época ela devia ter, é, acho que uns 60 anos, por aí. Sim.

Qual que era o nome dela? Maria Alves. Maria Alves Souza. Sim.

E ele chamava ela de vó mesmo? Não tinha nenhum apelido? Chamava ela de manhinha. Ah, sim.

Vó é segunda mãe, né? É. E eu queria saber um pouco mais também das buscas, assim, a polícia não orientou para você procurar em hospital, alguma coisa assim? A única coisa que eles falaram foi que era para mim ir no jornal, Notícias Populares da época, né?

E mandar fazer uma reportagem. Aí eu fui e fez. Qual que era o jornal? O jornal, sempre que eu ia lá, a Folha de São Paulo, que é a Folha de São Paulo, né?

Sempre que eu ia lá eu era muito bem atendida, eles colocavam, né, no dia a... Calava dele, né? Mas até hoje é mistério. E na época que ele sumiu, no estado de São Paulo apareceu uma reportagem falando que estavam levando crianças de 14, 13, 11, 12, 13, até 14 anos, para fora do Brasil.

Para vender, né? Entendeu? Então, na época saiu isso aí, essa reportagem. Mesmo assim a polícia não fez nada, né?

Não. A polícia não fez nada. Até hoje, até hoje, até hoje ninguém fez nada. E por quanto tempo você teve a banca lá naquela região?

Naquela região depois de subir até 88. Depois aí a gente veio aqui para a Zona Leste, aí eu vendi lá e vim para cá, né? Foram quantos anos de banca? Foram quase 20 anos lá.

E depois você encontrou a Mães da Sé? Como que foi? Depois, a Mães da Sé foi bem depois de mim, né? Depois aí eu tentei na...

Ainda fui fiz umas pesquisas, mas eu não tinha estrutura para esse tipo de coisa, né? Muito abalada também não tive estrutura. Ela tinha mais estrutura porque ela conheceu outras pessoas que também orientaram ela, então mas aí, depois aí quando eu fiquei sabendo da Mães da Sé talvez na segunda reunião das Mães da Sé, eu já estava com elas. Ah, olha só.

E você não vai todo domingo, né? Você comentou comigo que você deu uma parada. Não, não vou. Em que ano mais ou menos você parou?

Não vou porque mexeu muito comigo isso aí, sabe? Mexeu muito com meus dedos, mexia muito aí, eu ficava mais doente cada vez que eu ia lá. Em que ano mais ou

menos você parou de ir? Eu tinha muita dor de cabeça porque é muito sol, você vê aquele dia sol, você viu?

Sim, muito quente. Então, é muito sol. E eu fiquei várias vezes indo, depois eu comecei a adoecer, adoecer, ficar, sabe?

Toda vez que eu ia lá, estava ruim. Aí, eu fui orientada a não ir. Não adiantava eu ir e passar mal, adoecer e quem ia procurar meu filho depois? É verdade.

Então, aí eu deixei de ir lá, mas não recomendo ninguém a deixar de ir, não. Sim. E faz mais ou menos quantos anos que você não vai mais? Assim, acho que já faz uns 10 mais ou menos.

E aí você fez as músicas, né? Em que ano que você fez as músicas e por que você teve essa ideia? Eu fiz a música quando tinha... A música fala quantos anos tinha que ele desapareceu, né?

Agora eu estou meio perdida agora. E fiz uma com 38 anos que ele tinha sumido. Eu mandei as músicas pra você, não mandei? Mandou, sim.

Eu queria saber como você teve essa ideia de fazer música se você já gostava de cantar. A música foi assim, eu estava um dia em casa, de repente sabe, me deu aquela ideia assim, e eu comecei a escrever assim, de repente eu comecei me deu, vivei na cabeça assim, e eu comecei a escrever. Aí eu comecei na segunda vez que eu comecei, da mesma hora assim. Fiz uma folha, depois tirei um pouco daquilo lá que estava escrito aí fiz de novo, né?

Fui refazendo. Aí saiu a música, achei por bem falar da... pedir ajuda que foi a primeira música é a do Rogério mesmo que eu falo dele. E fui fazendo assim aí graças a Deus, naquele dia foi tão legal assim, tão...

Deus me abençoou tanto, que aquele mesmo dia eu fiz a música, coloquei a melodia e gravei um amigo gravou no violão pra mim mesmo dia assim. Nossa, que legal. Depois eu gravei com o rapaz diferente. Mas foi mesmo depois de algum tempo 35 ele tinha 35 anos que ele tinha desaparecido quando eu fiz essa música a primeira música.

Depois eu fiz com 38 anos que ele tinha desaparecido que o nome da música é 38 anos também. E o último foi o livro, né? Depois eu gravei a outra, eu fiz Filhos e Filhas, né? Mas aí é para é para todos todos desaparecidos, né?

Sim. E o livro veio depois de tudo isso, né? Por último. É, o livro veio...

O livro já faz 10 anos que eu comecei a escrever esse livro mas eu tive muita dificuldade, sabe, pra escrever. Eu não sabia no computador, aí eu comecei a

escrever no caderno fui devagarzinho, devagarzinho devagarzinho, até depois ver o Neto também crescer porque eu criei o Neto também, ele foi crescendo Deus abençoou ele foi começando a aprender no computador, né? Aí foi passando pro computador devagarzinho, as coisas devagar aí começou a sair mas aí foi 10 anos pra eu fazer esse livro E ele foi lançado em que ano? Dez nove anos ao todo E o livro foi lançado em que ano?

É? O livro? Isso. Acho que faz uns quatro anos que foi lançado o livro Ah, sim.

E tem como a gente comprar? Eu e a Bianca a gente queria comprar um cada uma A única coisa é só se você é eu posso mandar pelo correio pra vocês Pode ser, a gente vai combinando então por mensagem a gente vê de fazer isso Então, porque é assim eu tô vendendo ele você pode pagar duas vezes do cartão mas aí teria que ter o cartão, né? Sim. Duas vezes do cartão ou à vista é 50 reais que eu tô vendendo porque aí já tá incluído o correio, né?

Ah, sim. Não, a gente combina, eu mando mensagem pra você a gente combina isso então. Tá bom. Aí você manda e aí eu mando pra vocês o correio.

Você comentou que você tem um neto, você tem quantos filhos? Eu tive quatro filhos, dois casais, né? Duas meninas e dois meninos Um menino morreu com três meses o Rogério sumiu com 11 anos e eu fiquei com duas meninas. depois Deus me deu uma filha adotiva, que eu adotei, hoje eu tô com minhas filhas também. Um ano que o Rogério sumiu, eu encontrei uma criança na rua ia fazer três meses, um bebezinho Aí eu tentei ajudar a mãe e é uma das minhas filhas adotivas. No livro tem tudo isso Você vai gostar do livro com certeza.

SOBRE POSSIBILIDADE DE SEQUESTRO

Olha, minha querida, tudo é possível, né? Meu filho sumiu de uma rodoviária. Ele foi na rodoviária, conversou com o rapaz, entrou por dentro da rodoviária e da rodoviária ele sumiu. Ele não saiu da rodoviária, tudo indica que não. Se ele saiu, saiu com alguém, né? Acredito até que alguém ofereceu trabalho para ele, e levou ele. Então, tu já pensou, porque maldade existe, da época existia também essas maldades, né, de pegar criança. Então, eu acredito que pode ser, pode ser.

Até hoje, eu do vez em quando eu coloco no Facebook, né? Eu vejo muito família, moços, às vezes moças, né, no Facebook, procurando família, né, familiares, ele foi adotado. Com o nome de mãe, né, procurando minha mãe chamar fulano de tal e tal, eu vejo muito isso, né, e até eu falo, né, puxa vida, eu não vejo a hora do meu filho de aparecer, né, alguém procurando, eu estou procurando minha mãe, Marina, eu inclusive eu pus, acho que eu postei, foi hoje ou foi ontem, não fez mais ou menos isso, né, porque eu tenho essa esperança, né, quem sabe, né, porque eu não encontrei ele morto aqui, não encontrei ele vivo aqui, de repente alguém levou ele para fora, né, e eu acredito que quem levou ele, se não fez algum mal para ele, né, ele está cuidando bem, ele está cuidando muito bem, porque ele era muito genioso assim, sabe, ele não ficaria assim se tivesse alguma.

Alguma coisa acontecendo assim, que não fosse do gosto dele. Então eu acredito que se alguém levou ele, cuida bem, hoje ele... Eu acredito até que construiu família, né? Eu penso mil coisas, sabe? Mil coisas. Eu só não penso de meu filho até estar morto. Isso não, eu só penso em coisas boas, que ele está vivo, em algum lugar nesse mundão de meu Deus. Só o que eu penso. Espero que Deus esteja, né? Com certeza Ele está me ouvindo e vai me abençoar um dia.

Eu falo assim que às vezes as pessoas eu ouço muito isso, mas 40 anos, você ainda tem esperança? Tenho, eu tenho esperança, eu tenho muita esperança, né? Porque se eu não encontrei ele morto, ele está vivo, né? É a esperança que eu tenho.

RESUMIDA - ENTREVISTA 1

Eu tinha banca de jornal na Gusmões, e morava próximo também. Um dia ele me chamou, tava de férias em fevereiro, me disse que tinha uma banca de frutas na rodoviária (tinha uma rodoviária antiga na Julio Prestes) que tava precisando de um menor, vamos lá comigo?

Falei pra ele: filho a mamãe não pode ir lá porque não posso fechar a banca agora.

Mas como ele era acostumado a ir, ele conhecia tudo. Eu falei: vai lá, se o homem te contratar, a mamãe dá um jeito de ir com você. Era dois quarteirões de onde estávamos.

Ele chegou lá, conversou com o moço, e o moço disse: olha eu to precisando de um menor, mas você é muito pequeno. Ele tinha 11 anos e era magrelinho.

Depois disso ele desapareceu na rodoviária.

As buscas foram todas por conta própria, porque a polícia nunca fez muito. Fiz tudo com meu marido, andávamos a noite, nas praças, colocamos no jornal. Foi tudo nas nossas possibilidades.

Não contratei detetive particular porque não tinha condições pra isso.

LIVRO: Diário de uma mãe

ANOTAÇÕES:

LIVRO: Diário de uma mãe

músicas:

Filhos e Filhas - fez para todos os desaparecidos

“descreve a rotina da espera pelo encontro. pede para não passar trote ‘pois a minha dor é pior que a dor da morte’.

deixamos emprego, casa e marido para procurar

Apelo pelo Rogério - conta a história dele, o que aconteceu

imagina como o filho. se ele é pai ou avó

sei que vivo ele está

ao ouvir a canção, compartilhem

fala com o filho - ‘filho querido, tanto tempo a te esperar. eu ainda não consigo te dizer adeus. meu tempo é curto, tenho medo de não te alcançar, pois já tenho 67 anos e 35 anos só de te procurar’

ela deseja que a canção chegue até o filho

deseja que ninguém passe por essa dor.

dói como caimbra no peito e é difícil de suportar

Trinta e oito anos - fez quando completou 38 anos (agora tem 40). falando sobre o desaparecimento do filho. fazendo o apelo para o pessoal sempre compartilhar. porque através do compartilhamento, a gente consegue chegar até ele, ou alguém que tenha o visto.

‘tenho a certeza de que vivo você está’

pede para Deus revelar em sonho onde o filho está

deseja ser um passarinho, para voar bem alto sem parar, ir até pertinho de Deus para poder pedir o fim dessa dor e mostrar onde o filho está

pede que as pessoas compartilhem e que sejam o passarinho, para voar até Deus. todos passarinhos juntos seerão mais fortes

Anexo 5 - Entrevista Lucélia, mãe de Patrícia Requena Gonçalves - desapareceu no dia 17 de junho de 1994

Aí, a gente vai conversando em cima disso. Eu não moro mais, mas ela desapareceu. Entendeu? Sim.

Ela desceu pra brincar com as coleguinhas no prédio, sexta-feira, nós, eu tinha convidado até que a gente ia pra fila, falei, daqui uns 15 minutos, a mãe desce, pra nós ir pra fila. Quando eu desci, ela não tava mais, as amiguinhas tinham subido pra tomar água, e falou pra mim que ela tinha ficado sentada na caixa d'água, né? Mas, quando eu desci pra chamar ela, ela não tava perguntando pras amiguinhas, ela falou, não, nós subimos pra buscar água sentadinha aqui. Aí, quando eu vi que ela não se encontrava em minha casa, nenhuma das amiguinhas ali do prédio, aí eu comecei a distribuir, comecei a fazer por frente, tomando uma alma na mão, pra colocar no bairro, pra ver se alguém encontrava, né?

Mas, não tive resumo de nada. Em que bairro foi? Na cidade Tiradentes. Ah, Tiradentes.

Cidade Tiradentes. Aí, eu liguei pras minhas famílias, meus parentes, pra falar o acontecido, né? E veio todos lá pra minha casa, pra ajudar a gente, né? Procurar.

Fechamos o bairro, sabe? Sim. Colocamos um carro lá, fechou o bairro, aí a polícia veio em cima de mim, que era pra me pedir pro povo liberar a passagem, porque o povo já queria fazer a tumulto, né? Sim.

Bagunça, sabe? Sim. Você sabe como é que é o povo, né? O povo adora essas coisas pra poder fazer madeira.

Sim, não pode dar uma movimentação. Aí eu tive que ir lá pra poder conversar com o pessoal, pro pessoal liberar, porque tinha ambulância pra passar e tudo, eles não queriam que eu passasse nada. Aí, eles liberaram a passagem, aí eu fui fazer o boletim de ocorrência, eles falaram que não podia fazer no mesmo dia, que era só após 48 horas, aí eu acabei discutindo com o delegado, ele acabou fazendo no mesmo dia, sabe? Sim.

Mas a minha vizinha fala que viu um carro vermelho sair cantando Peleu, mas não deu pra anotar a placa. Um outro amiguinho dela, que é da Casa C, falou que viu ela entrando num carro vermelho, cor de sangue, a gente não sabia falar vermelho, porque era pequenininho. Eu vi a Paty entrar num carro vermelho, cor de sangue, não, carro cor de sangue, né? Eu falei, cor de sangue é vermelho, né?

Aí a minha vizinha falou que também tinha visto um carro sair cantando Peleu, e era um carro vermelho. Nós já fomos em pessoas que eu suspeitava, né, que tinha carro vermelho e tudo, você não tem ideia o quanto que eu andei, minha filha, o tanto que eu andei, o tanto que eu viajei, o tanto que eu recebia de trote, o tanto que marcava um encontro comigo e eu ia no local, era tudo mentira. Chegava lá, não tinha medo, sabe? Sim.

Nesse dia eu não queria que ela descesse de jeito nenhum, ela insistiu muito pra descer. Pra brincar? Sabe quando a criança fica no seu pé, deixa, mãe, só um pouquinho, só um pouquinho. Sim.

Aí eu falei, só um pouquinho, então a mãe vai liberar só um pouquinho, daqui a pouco a mãe vai descer pra nós ir na feira. Fui até na feira procurar ela, que eu achei que ela pudesse ter ido pra feira com alguém, né? Sim. Mas nada, nisso já se passou 28 anos e até hoje não tem notícia nenhuma.

Já fui reconhecer crianças que eu jurava que era ela, em cidade, né, lá em Goiás, fui para a Saturna, fui para vários lugares que me ligavam. Já viajou ao Brasil, chegava. Chegava lá, não era ela, né? Sim.

Essa que eu fui de Baru, de Baru, eu fui até com, mentira, de Goiás, eu fui até com um advogado, o delegado de HPP falou, não, não precisa dela, não, eu vou pedir uma fita, uma gravação, o delegado de lá, o delegado me manda amanhã. Só que aí eu fiquei ansiosa, eu quis ir pessoalmente, sabe? Sim. Aí eu fui, chegou lá, a menina conta uma história que não tinha nada a ver, aí eu levantei a roupinha, fiquei numa sala sozinha com ela, levantei a roupinha dela, que a minha filha tem uma marca de nascença na barriga, que eu não contei para ninguém, nem para a polícia, para ninguém, que era uma coisa que seria só minha, se eu encontrasse ela, eu ia ver isso, entendeu?

Sim. E essa menininha não tinha isso, essa menina tinha cicatrizes na cabeça, essa menina contava que ela assistiu um assassinato na frente dela, a minha filha não assistiu nada disso, né? Caramba. Aí ela falou que ela fez, pegou carona, né, de caminhão, e para chegar até essa cidade, ela estava com uma família lá, provisória, até encontrar a mãe verdadeira dela, a família verdadeira, porque o delegado falou que se o que ela fala é verdade, ele ia prender a mãe dela, né, meu pai?

Sim. Aí eu falei, não, não tem nada a ver com a minha filha. O mesmo nome da minha filha, ela chupava os dois dedinhos, o malzinho da minha filha, só que ela não tinha a dente da frente da minha filha separado do outro, isso ela não tinha, entendeu? Sim.

Aí eu falei, não é minha filha não, imagina se ela me visse, visse o tio dela comigo, ela não ia, na hora de se manifestar, ela não tinha nada a ver. Sim, e... O cabelo da

menina era clarinho, aí eu falei para o delegado, apesar de cabelo você pode tingir, né? Sim.

Para modificar a criança, né, mas levei ela para essa sala, fiquei um bom tempinho com ela, fazendo várias perguntas, falei, ela não é minha filha não. E essa foi a única vez que chegou perto de poder ser ela? Ou já teve outras histórias assim? Não, teve, teve pessoas que me ligou falando que ela estava morta atrás do Carrefour, eu fui atrás.

Teve muito trote, teve uma pessoa lá da Vila Medeiros que passou trote, viu o panfleto dela na rua, aí tinha a raiva de um vizinho, aí viu todos os meus dados e quis prejudicar esse vizinho, falou que foi esse vizinho que tinha pego ela, foi com a polícia para cima. Caramba! Aí chegou lá, a polícia apertou, apertou ele, apertou, ele falou, mas eu não tenho amizade com ninguém aqui, por que eu iria fazer isso? Aí a mulher dele falou, só se foi fulano de tal, aí fomos atrás desse fulano de tal, aí nós percebemos, na hora que chegamos no lugar, tem uma pessoa lá em cima, rapidinho viu a polícia e entrou para dentro, né?

Aí é que a pessoa falava para mim, se você chegar lá com a polícia, eu vou saber, eu vou saber, que eu vou estar te vendo. Aí eu falei, na hora que eu chegar no lugar, eu vou saber e vou olhar tudo, né? Aí quando apertou o cara, o cara falou que foi ele que fez isso, que ele tinha a broca de um vizinho, aí afirmou que a filha dele tinha roubado a minha filha. A mãe dessa menina, a mãe da menina quase teve um enfarte.

Nossa, que horror, né? Quantidade de trote, todas as mães falam que passaram por muito trote. Nossa, eu passei por trote. Tenho que falar, marcou o encontro comigo, marcou o encontro comigo lá no centro da cidade, só que nesse dia tinha as polícias da CUT lá, elas marcaram para mim até o número 590 da Vermelheira, que lá encontraram ela, que ela estava num terreno baldio, com uma pessoa, mas que essa pessoa ia me entregar ela.

Aí nós fomos até lá, chegou lá, não existia nenhum terreno baldio nesse endereço. Aí a pessoa, quando eu chegava em casa, a pessoa falava, olha, eu mudei o local do nosso encontro, vai ser o Feito Teatro Municipal, eu vou descer do carro com uma rosa na mão, a hora que você vê eu com a rosa na mão, você vai saber que sou eu e sua filha vai estar comigo, eu vou te entregar ela. A noizia, mas lá tinha muita polícia, aí não tinha como, sabe? Sim.

Muita polícia que não tinha como saber, no meio de tanta gente, movimento. Tudo era, tudo trote, que não dava em nada, né? E isso foi em que ano o desaparecimento dela? 94, 17 de junho de 94.

Era uma sexta-feira, né? Você comentou, estava chovendo, estava ensolarado, como que estava? Não, estava um dia bem nublado. Nublado.

E assim, como que você se sentiu, seu sentimento mesmo, quando você percebeu que ela podia ter desaparecido? Não, isso nem passou pela minha mente, pela minha cabeça, quando eu senti mesmo que ela não estava em lugar nenhum, eu comecei a entrar em pânico, né? Sim. Aí eu queria por toda lei saber onde ela estava, coloquei carro para ficar com aquele microfone falando pelo bairro, né?

Sim. Mas, até hoje, meu filho, não deu em nada. Fui parar, já fui para um monte de lugar. Você comentou também que contratou até detetive particular, né?

Também. Mas... E também não conseguiu muita pista com ele? Não.

Mas coloquei porque eu sou separada do pai dela, e a polícia achava que ele poderia estar por trás, entendeu? Ah, sim, aí você contratou. Ah, eu não dei nada também, porque eu tenho contato com ele. Vira e mexe eu faço visita surpresa, sabe?

Sim. Fazia e até hoje eu faço, né? Se precisar eu faço visita surpresa, sabe? Sim.

Mas nunca peguei nada de errado com ele, com a família dele, entendeu? Sim, sim. E você comentou que não queriam fazer o BO na hora, né? Você teve que dar uma discutida para conseguir o BO, é outra coisa que as mães falam também que fizeram.

E depois disso a polícia te ajudou? Imagina, a polícia nunca me ajudou. A polícia fazia ela falar. Gente fome todo dia, fala pra mim.

Você vai ficar até quando cobrando da gente? Fome gente todo dia. Aí chegou uma hora que você largou mão, né? Nem quis tentar.

Ah, eu deixei, vou ficar. Se a própria lei você não pode contar com a lei, você vai contar com o quê? Exatamente. É?

É. Vamos torcer para as coisas mudarem, né? Aí eu parei, parei. No início a gente ia lá para aquela praça da sede aos domingos e ficava lá por horas com o cara atrás dela na mão para ver se alguém passava, ver se alguém falava que viu ela em algum lugar, sabe?

Aham. Mas é muito estressante, muito cansativo. Acaba com o seu dia, aquele solzão quente na mente, na cabeça, sem contar o seu sofrimento, né? A gente quer ficar toda hora mexendo na mesma ferida, né?

Não dá. Sim, é verdade. Mas eu distribuí para frente dela em vários lugares, até no Japão tem para frente dela. Eu tenho amigos lá que falam para mim, sabe?

Em outros países você também divulgou também. Também. E como que você se ocupa assim hoje em dia, né? Porque eu imagino que tem que se ocupar para não ficar pensando no assunto, né?

Exatamente. Eu me apego muito a serviço. É? Você trabalha bastante?

Na minha casa, minha filha. Na minha casa eu não preciso trabalhar nem fora. Ah, eu imagino. Sua casa é muito grande.

Eu não consigo nem trabalhar fora, eu não dou conta. Fazer a comida, na casa que eu odeio, pia cheia de louça, né? É, dá agonia mesmo. Eu estava viado.

Como será que você chega assim para desarmar a mala, para arrumar a zona de roupa? Hoje que eu coloquei em dia as roupas. Sim. Mas está lá os maldados, tudo pode depois passar.

Agora, no chão, nem mexi. Vou tentar ver se eu mexo amanhã. Porque o bode sobrado pesa. É, bem grande.

Pesa. Aí, minha filha, é quintal, meu quintal está lá em cima, para lavar também. Mas já vou fazer uma foco por dia, fazer o quê? Sim.

Qual que era o nome da sua filha? O completo? O nome? Patrícia...

Patrícia Requena Gonçalves da Silva. E o seu é? Lucélia... Lucélia Requena de Araújo.

De Araújo. Certo. Você tem outros filhos, Lucélia? Tenho.

Tenho meu filho mais velho, Thiago, que é casado, mora nas Guarulhos. Tenho meu filho Marcos também, que é casado, mora aqui na... Vila Silva, né? Aqui no Casarimba.

Sim. E tenho meu filho solteiro que mora comigo. Ah, então você mora com seu filho também. Então, ele te ajuda, né?

A ocupar a cabeça. Ah, sim. Isso mexeu muito com ele também, né? Ele ficou...

Só arrasou ele. Quando eu ia pros lugares que eu não... Ele era muito apegado com ela. Quando eu ia procurar dela, que ele via que eu chegava sem ela, ele entrou...

Ele entrou e... Ele ficou... Ele tem depressão, ele foi ao tratamento. Ela é a mais velha, então?

A caçula. Só tenho ela de menina. Ah, a caçula. Só tenho ela de menina.

Sim. Entendeu? E faz mais ou menos quanto tempo que você não vai lá no encontro das mães da Sê, né? Eu sei que o último você foi e que a gente se conheceu, mas antes disso, você falou que parou de ir.

Ah, nos encontros mesmo já temos. Você vê, o ano passado eu não fui, não. O ano retrasado eu fui. Quando ela avisa assim pra mim que ela fala que...

Que é prioridade eu ir, aí eu vou, sabe? Mas a última... A última gravação que eu fiz foi no programa da Eliana. Depois também eu não fui mais.

Sim. Eu já fiz muita gravação, sabe? Mas não dá em nada, né? Não dá em nada.

E você tem esperança? A esperança é a última que morre, né? Sim. Quem pode me dar essa alegria é só Deus.

Sim. Não tem ninguém nas mãos dEle porque só Ele, né? Ele sabe de todas as coisas. Ele sabe de tudo.

Só Ele me consola. E eu queria perguntar também... Você falou que ela estava brincando com as amiguinhas, né? Você sabe quantas amigas estavam brincando?

Se era pouca gente, bastante gente? Espera aí só um pouquinho, Carol. Três amiguinhas dela que ela sempre brincava. A mãe...

Sério? Com medo também? Com medo. Tentava levar o filho dela também.

Sério? É. Só não levaram porque o menino gritou no fundo do prédio e os moradores começaram a gritar. Então... Ela

Ela ficou em pânico e foi embora. Então você é suspeita de sequestro? Na época que eu andava atrás do aparecimento dela... Eu ia nos cartórios e os cartórios falam que lá tinha quadrilha de raptos, né?

De crianças. Na época. Década de 90, né? Tinha bastante disso.

Que tinha muita gente que... Muita gente por trás disso. Que rola dinheiro, né? Sim.

Isso é verdade. Entendeu? A gente sabe que rola, né? Tem...

Tem juiz que... Que manda crianças do Brasil pra fora do país com as famílias que não podem ter filho. E continua exercendo a profissão. É, tudo por baixo dos panos, né?

É. A gente vai falar o quê, caralho? É. Né?

E ela tinha 5 anos, né? 5 anos e 8 meses. Faltava 4 meses pra fazer 6 anos. 4, 6 anos.

Faltava 4 meses pra ela fazer 6 anos. Entendi. E... E ela era assim...

Não costumava, né? Tipo assim... Brincar no prédio é uma coisa comum. Você não imagina que...

Que vai acontecer, né? Não é igual brincar na rua. Com certeza, não. O que me chamou mais atenção na época, caralho...

Que eu comecei a... O diretor do sindicato dos metrolírios começou a me ajudar fazendo pofretos. Lá no metrô mesmo. Aí todos os dias eles me traziam.

4 mil, 5 mil pofretos, sabe? Sim. Aí eu comecei a distribuir no bairro. Colava nos prédios, colava nos...

Nos postes, né? Do bairro todinho, né? Saía colocando, colando. Passando cola e colando nos postes.

No outro dia, eu levantava de manhã... Quando você não quer o papel, o que você faz? Se camar, se joga fora, né? Não é?

Sim. No outro dia eu não encontrava nenhum pofreto. Vestígio de nenhum pofreto. Aí eu fui na polícia, falei pra eles o que estava acontecendo.

E a gente podia... Eu estava, sei lá, na polícia a trabalhar. Falei pra eles, pô, porque a gente não monta uma... uma emboscada pra pegar quem que está tirando na madrugada esses pofretos?

A gente se escoze dentro da lixeira do prédio, que a lixeira era grande, e fica ali aguardando. Quando a pessoa começar a retirar, a gente vai atrás pra saber qual é a intenção da pessoa, por que que não quer que... que essa criança seja encontrada, não é verdade? Sim.

Aí eles... não teve interesse em nada disso. Cada vez que eu ia lá, o carro estava furado o pneu, o carro da polícia estava quebrado, cada hora era uma desculpa, sabe? Aí você vai...

E até hoje não descobriu quem foi. Falei, vou te respeitar, porque eu sei sua dor, mas você está me desacatando. Eu falei, mas é lógico, vocês não fazem nada. Eu chego aqui, vocês só estão de boa, batendo papo.

É minha filha que está em jogo, não é de vocês. Fala. E até hoje não descobriu, né? Quem é que estava tirando os panfletos.

Não. Não, porque se ele tivesse agido da forma que eu falei, com certeza a gente teria chegado... Sim. Na pessoa que tinha interesse que ela não aparecesse, concorda, Carol?

Sim, a polícia realmente não fez nada. Não fez nada. Não fez e não faz. Eu tenho certeza disso.

Todas as mães que a gente conversa falam a mesma coisa. E é bem isso que a gente quer abordar no livro, viu? Não fez, não faz. Eu não acredito na polícia.

Eu não acredito. Entendeu? Sim, eu entendo o seu relato. É o que muitas mães falam.

Não confia, não acredita. Aí a Vera falou pra mim, por que você parou de vir pra cá? Você não veio mais nas delegacias? Eu falei, eu tenho meus motivos.

Que não são poucos. Então, eu não vou ficar toda hora se rastejando atrás desse povo que não tem interesse em ajudar a gente em nada. Eu não. Quando você vê que a pessoa tem interesse em te ajudar, é diferente, né, Carol?

Sim. O dia que teve lá o encontro, né, o pessoal tava falando muito de ir lá no comitê pra ver, tentar ajudar na causa. Eu tô acompanhando pra ver se vai rolar alguma coisa mesmo. Mas você acha que vai virar alguma proposta, alguma coisa pra ajudar na causa dos desaparecidos?

Ah, sei lá, você sabe, você vai assim nesses encontros, Carol, aí é mais pra, tipo assim, eu tiro um resumo como assim, é mais pra exaltar fulano, exaltar ciclano, exaltar bertano. Agora o caso mesmo real, eu não vejo quase, né? Sei lá, eu sinto firmeza. Sim.

Eu sinto firmeza na causa, não, eu não sinto. Então, eu achei interessante que nesse último encontro do dia 30, tinha uma antropóloga, né, falando, explicando as propostas que o governo ia... É, eu não vi porque eu cheguei, eu cheguei atrasada lá, Carol. Ah, sim.

Então, aí eu até pensei, né, olha, vou pegar esse telefone pra gente conversar depois, né? Mas realmente, na década de 90, a polícia não queria nem fazer BO, né? As mães estavam comentando. Poder fazer o BO?

Todas elas têm a mesma coisa. Um desinteresse total. Que é filho da gente, não é filho deles, né? É.

Quando acontece na casa da pessoa, ela se importa mais, né? É tipo assim, Carol, a dor sua é sua. Entendeu? É só quando você sente a mesma dor na pele, aí sim você vai saber o que o outro tá sentindo.

Mas enquanto você não sente, pra você é uma... Não. Pra gente, somente um dia. Capital é grande, todo dia some gente.

Eu quero saber de quem me traz, de quem vai virar pra mim. Virar o financeiro, né? Pessoa desaparecida vai me dar trabalho, não vai resolver nada. Queria dizer isso na minha cara, né?

Nossa. Já teve até escrivão falar pra mim, ai, pelo tempo que ela já sumiu, né? Ela pode ter ido errado, a mãe esquece, para de ficar atrás procurando, de ficar aqui perturbando, desse jeito. Nossa.

Aí eu saía de lá, olha, tão, tão assim, pequenininha, sabe? Sim. Porque você vai pra procurar ajuda, e essa ajuda não tem, nossa, muito triste. Aí eu parei de ir atrás.

Entendi. Não, mas acho que por hoje, já consegui tirar todas as dúvidas. Aí a gente entrega na mão de Deus, né? Que só Ele que pode fazer milagre na nossa vida, só Ele.

Isso é verdade. Então tem que ter esperança, né? Ah, sim, a esperança é a última que morre, com certeza. Sim.

Eu não desisto não, sou persistente. Tô torcendo. Até hoje, se alguém me dar qualquer pista que eu achar que eu posso virar o jogo, eu vou atrás. Torcendo muito por você.

Hã? Torço muito por vocês, né? As mães que a gente conversa, assim, pra fazer... contar as histórias e tudo mais.

Vocês são muito fortes, assim. Toda gente, né? É, acaba com o psicológico. Nossa, eu fiquei muito empilhada, fiquei muito nervosa.

Sim. Por isso que eu fui até fazer essa viagem pra esporecer um pouco, que é bom você esporecer um pouco, pra você focalizar a mente, senão você fica afim, todos os problemas se empilham. Sim, é bom passear. Nesses momentos, assim.

É verdade. Mas então tá bom, viu, Célia? Muito obrigada pela conversa, que finalmente deu certo. Qualquer coisa, eu mando por mensagem, aí acho que fica mais fácil, né?

Você responder a hora que você puder. Tá bom, filha, tá bom. Pode sim mandar. Tem uma moça de lá de...

Já ouviu o nome dessa cidade? Canoas. Que ela tá se formando psicóloga, né? Ela quer também fazer entrevista comigo, mas é pra ela, como é que é?

Pra TCC dela. Ela falou que a Vera que indicou eu, eu falei, ô minha filha, eu já fiz três TCC. Por que que ela indicou eu, que a minha vida é tão corrida, filha? Mas eu não tive tempo de retornar pra ela, não.

Ela vai me retornar, porque ela falou que quer saber da minha história, do meu caso, né? Sim. Mas eu já fiz já pra três estudantes, sabe? Então o meu é o quarto.

Não me indica não, Vera, a pessoa assim que é coisa demorada, porque ela pensa que a gente fica em casa sem fazer nada. Só quem tá aqui pessoalmente que sabe. Sim, tem muita coisa. Mesmo em casa, né?

Tem que fazer os afazeres da casa, né? Exatamente. Aí eu fui viajar, aí na segunda fiquei o tempo todinho batendo roupa. Hoje em dia que eu vim pôr as roupas em dia.

Aí ontem eu tive que ir no mercado pra poder abastecer fruta, legumes, verduras, essas coisas, porque ficou vazio, tudo vazio. Quando eu vou viajar, naquela semana, eu já deixo de ir no mercado pra poder usar o que tem, né? Sim. Aí eu não vou deixar a fruteira vazia, as coisas vazias.

Aí eu fui pro mercado. No mercado você perde tempo, filha, é filha pra tudo. Caramba. Né?

Sim. Aí você chega em casa e vai fazer comida. Hoje que eu fui fazer minha unha, eu falei, nossa, minha unha tá horrível. Naquela hora que você me ligou, eu tava lá na manicura com a banha, tinha acabado de fazer a unha.

Então, mas eu entendo que é corrido. Por isso que eu falo, né? O horário que você puder, se não puder agora, eu ligo depois. Não tem problema.

É porque se você não tirar um tempinho pra você, você não faz unha, você não faz um cabelo, você não faz nada. É verdade. Porque é só correr e corre, né? Só correria.

Mas você pode me ligar, sim. A hora que você quiser, você pode me ligar. Que aí a gente marca o horário e nós conversamos. Se você tiver dúvida, se você quiser saber, tá bom?

Tá bom, muito obrigada, viu? Eu fiz também a progressão da foto dela lá no DHPP. Aí a primeira foto eu não gostei. Aí o rapaz falou, você é carne de pescoço, hein?

Você quando cisma, eu falei, não é. Não é essa, eu acho que parece com ela. Quebrou essa, você fez. Aí fiz ele fazer uma modificação pra ficar mais ou menos parecido, sabe?

Sim. Aí ele, você acha que ela vai aparecer do jeito que ela sumiu? Ela não vai aparecer do jeito que ela sumiu. Ela agora é adulta.

Eu falei, eu sei disso. Você não precisa me falar que eu sei disso. Entendeu? São muitos estúpidos e folgados.

Aí não é por quê. É, mas eu não fico quieta não, viu? Ah, tá certo, né? É um direito seu ter essa ajuda, né?

É. Eles tinham que fazer direito. Com certeza. Aí eles fizeram a progressão da foto dela.

Nós já fizemos várias, várias reportagens. Meu filho ia comigo. Eu só, só eu. Nossa, muita...

E até aqui no Arena da Corinthians, aqui no Arena Itaquera. Sim. Fizemos reportagem ali, ficamos no meio do campo, sabe? Com os pó frito.

Sim. Foi muito bom também esse dia, foi bem divulgado, sabe? Sim. Mas tudo que dá pra ver, que a pessoa falar, e com antecedência, e dá pra participar, eu vou.

Agora, atrás de polícia, essas coisas eu vou, mas não. É, entendo. Negócio da Vera também, só quando ela me passa mensagem, vem, filha, faz o sorcinho pra você vir, ela é muito bacana, é uma pessoa muito amorosa, sabe? Sim.

Aí eu vou, sabe? Eu gosto muito dela, é uma pessoa muito bacana. A Vera é muito gente boa mesmo. É, e ela também tem essa...

A mesma situação, né? Ela evanise, mas eu me identifiquei mais com ela, né? Sim. Entendeu?

Eu acho ela mais dedicada. Aí, quando dá, ela sempre... Eu tenho ela no zap, né? A gente sempre tá em contato, entendeu?

Sim, eu conversei com a Vera também. Ela que me convidou pra ir lá no encontro. É, é muito amor de pessoa. Aí eu vou ver, eu quero ver também se eu marco no DHPP lá, porque tem que ser lá, né?

Sim. Pra poder fazer o novo teste pro banco de dados lá. Diz que esse banco de dados tá sendo divulgado mundialmente, que é uma chance bem grande de localizar ela, né? Sim.

Através das digitais, do cabelo, da saliva, né? Sei lá, vamos ver. Eu vou, tenho que ir lá. Tenho que marcar pra ir lá também.

Pra fazer, porque eu fiz já faz tempo.

Anexo 6 - Entrevista Ivanise, mãe de Fabiana Espiridião da Silva - desapareceu no dia 23 de dezembro de 1995

[00:00:00] Pessoa 1 Então, primeiro eu gostaria que você me explicasse como foi o dia do desaparecimento da sua filha, por favor.

[00:00:09] Pessoa 2 A minha filha, ela saiu de casa no dia 23 de dezembro, volta às 8 horas da manhã, volta às 8 horas da noite, às 20 horas, né? E ela foi na casa de uma colega que estava fazendo aniversário naquele dia,

[00:00:33] Pessoa 1 Só que não tinha festa.

[00:00:35] Pessoa 2 E ela não foi sozinha, ela foi acompanhada de uma colega que estava com ela, que morava a 300 metros de distância da nossa casa. Então, elas foram até a casa da amiga, deram um abraço de feliz aniversário, mas nem entraram, porque estava se formando um temporal. E aí, elas só deram um abraço de feliz aniversário na colega e voltaram. No caminho, elas se separaram, cada uma seguiu em direção à sua casa. É uma avenida muito movimentada que tem perto daqui, que chama Avenida Raimundo Pereira de Magalhães. É um caminho reto.

[00:01:24] Pessoa 1 E cada uma seguiu, eram direções opostas, cada uma seguiu em direção à sua casa.

[00:01:29] Pessoa 2 E de onde a menina disse que elas se separaram, não dá mais do que 120 metros de distância até a entrada da nossa rua. E eu morava logo na entrada da rua. E eu não estava em casa a hora que ela saiu. Eu tinha ido ao cabeleireiro. Quando eu cheguei em casa, eu percebi que ela não estava, perguntei para a minha outra filha, perguntei para a Fagner, cadê a Fabiana? Ela disse, mãe, ela foi na casa da Damares com a Luciana e ela já vem. E aí começou a chover. Começou aquele temporal, aquelas chuvas de verão, aquelas chuvas torrenciais. E aí eu pensei que ela estaria esperando a chuva passar para voltar para casa. Quando a chuva diminuiu, eu peguei e fui até a casa da menina. Peguei um guarda-chuva. Porque da minha casa até a casa da garota que saiu com ela, eu morava na altura número 8016 da avenida. E a menina morava no 8.324. Aí eu fui até lá. Chegando lá, eu bati palma e falei para ela,

[00:02:52] Pessoa 1 Eu vim buscar a Fabiana.

[00:02:54] Pessoa 2 Ela disse para mim, não, tia, a Fabiana já foi embora faz tempo. Falei, como ela não chegou em casa até agora? Foi quando ela me falou que elas tinham se separado em frente ao... Era um supermercado. Hoje não é mais.

[00:03:12] Pessoa 1 Ela falou, nós nos separamos em frente ao supermercado.

[00:03:18] Pessoa 2 E aí, na hora, a gente não pensa no pior, né? Eu trabalhava e eu tinha acabado de entrar na faculdade na metade do ano.

[00:03:31] Pessoa 1 Eu lembro que eu falei para a minha outra filha,

[00:03:33] Pessoa 2 Se você estiver escondendo alguma coisa de mim, mim, você vai apanhar também.

[00:03:39] Pessoa 1 Aí ela disse para mim, não, mãe, eu não estou escondendo nada de você. Por que eu ia esconder alguma coisa de você?

[00:03:49] Pessoa 2 Aí eu vim para casa. Logo em seguida, chegou a menina, a mãe e a irmã. E aí a gente começou a procurar. O primeiro lugar que eu fui me certificar foi na casa da amiga que estava fazendo aniversário. E aí a mãe da menina falou que elas tinham passado por lá, né?

[00:04:13] Pessoa 1 Mas elas nem chegaram a entrar por conta da chuva.

[00:04:18] Pessoa 2 E aí eu comecei a procurar nas ruas próximas da nossa casa, perguntando se alguém tinha visto alguém com as características da minha filha, se alguém tinha visto ela conversando com algo estranho, ou de repente sendo abordada por algum carro. E as pessoas falavam que não. Eu lembro que eu ia nos lugares e depois eu voltava em casa para ver se ela já tinha chegado. E aí, quando eu escutei todas as minhas buscas, isso já era mais de duas horas da manhã. Eu acordei o pai dela, porque até então ele não estava sabendo, ele estava dormindo. Eu acordei o pai dela e falei para ele que nós tínhamos que ir na delegacia e a Fabiana desapareceu.

[00:05:15] Pessoa 1 E aí a gente foi para a delegacia.

[00:05:19] Pessoa 2 Quando nós chegamos na delegacia, já era quase três horas da manhã, o delegado virou para mim e falou assim, ele falou assim, volta para casa, mãe.

[00:05:34] Pessoa 1 Isso é coisa de adolescente.

[00:05:36] Pessoa 2 Até o dia amanhecer a sua filha volta para casa. Ela já voltou. Ela deve estar com algum namoradinho por aí. Aí eu disse para ele que a minha filha não tinha namorado e que ela não tinha hábito de ficar na rua até tarde,

[00:05:54] Pessoa 1 Porque eu não permitia.

[00:05:56] Pessoa 2 Aí ele disse para mim que mãe não conhecia filhos e que eu voltasse para casa, que eu não ia preocupar, porque ele já estava acostumado com esse tipo de ocorrência. E por mais que eu argumentasse com aquele delegado, explicando para ele que a minha filha não costumava ficar na rua,

[00:06:19] Pessoa 1 Porque eu não permitia,

[00:06:21] Pessoa 2 Não houve acúmulo. Ele disse que mãe não conhecia filhos,

[00:06:27] Pessoa 1 Que os filhos na frente dos pais tinham um comportamento, quando os pais davam as costas, o comportamento estava completamente diferente. E aquilo acabou gerando uma discussão entre eu e o delegado. Eu perguntei para ele,

[00:06:45] Pessoa 2 E se fosse o filho dele esperar, ele falou assim, vai para casa, mãe.

[00:06:51] Pessoa 1 Se até amanhã a senhora não encontrar a sua filha,

[00:06:56] Pessoa 2 Aí a senhora volta aqui. Aí eu perguntei para ele por que eu tinha que esperar até o dia seguinte. Aí ele disse que eu tinha que esperar 24 horas,

[00:07:07] Pessoa 1 Porque de repente a minha filha estava na casa de algum namoradinho,

[00:07:13] Pessoa 2 Estava em uma baladinha,

[00:07:16] Pessoa 1 E ele não ia perder o tempo dele, e que eu tinha que esperar 24 horas.

[00:07:23] Pessoa 2 Aí eu saí dali e comecei a procurar ela nos hospitais da região e nas delegacias para saber se tinha dado entrada alguma ocorrência de atropelamento, entendeu? Ou alguma coisa com alguém com as características da minha filha. E não encontrei nenhuma informação. Quando eu voltei para casa, já era seis horas da manhã, no horário de verão,

[00:08:00] Pessoa 1 E era dia 24 de dezembro já,

[00:08:03] Pessoa 2 Porque ela desapareceu no dia 23 da noite,

[00:08:06] Pessoa 1 E aí eu fui perguntando para outras
pessoas,

[00:08:11] Pessoa 2 Se alguém tinha visto a minha filha, e as
pessoas falavam que não.

[00:08:16] Pessoa 1 E aí eu voltei na delegacia, dez e meia da
manhã, encontrei uma delegada,

[00:08:22] Pessoa 2 E ela foi assim, bem mais grossa do que
aquele delegado.

[00:08:27] Pessoa 1 Ela falou,

[00:08:28] Pessoa 2 Você não sabe que tem que esperar 24
horas? Eu falei para ela, não, doutor.

[00:08:32] Pessoa 1 Eu já ouvi esse argumento essa
madrugada,

[00:08:36] Pessoa 2 E eu só saio daqui quando a senhora me
atender.

[00:08:39] Pessoa 1 Por que a minha insistência? Porque eu
achava que a partir do momento em que fosse registrado a ocorrência da minha
filha, a polícia começava a procurar,

[00:08:53] Pessoa 2 E não é isso que acontece.

[00:08:55] Pessoa 1 Até o dia de hoje não é assim que as coisas
funcionam. E aí ela me deixou por mais de três horas lá, esperando. Quando ela
viu que eu não ia embora, ela me chamou, chamou o escrivão, pediu para ele fazer
a ocorrência, e me deu a minha via, e disse para mim,

[00:09:17] Pessoa 2 A partir de agora,

[00:09:19] Pessoa 1 Você procure a delegacia de pessoas
desaparecidas, que é a delegacia que vai investigar o desaparecimento da minha
filha. Era dia 24 de dezembro, a delegacia estava fechada, dia 25 também, e eu
continuei procurando,

[00:09:35] Pessoa 2 Nas delegacias, nos hospitais.

[00:09:41] Pessoa 1 Eu lembro que eu cheguei numa delegacia e o policial falou para mim, a senhora já foi no IML, mãe? Eu disse, fazer o que no IML, moço? Aí ele falou, olha, o IML é o último lugar que a família procura o seu desaparecido. Muitas vezes, quando a família chega no IML, o seu desaparecido já foi enterrado, como indigente. Aí eu fui no IML Central,

[00:10:11] Pessoa 2 E não tinha nenhuma...

[00:10:15] Pessoa 1 Ninguém com as características da minha filha,

[00:10:19] Pessoa 2 Que tinha dado entrada naquela
e me deram uma listagem de endereços
madrugada,

[00:10:28] Pessoa 1 E telefones de IML, e a partir daí eu
comecei uma busca incessante.

[00:10:36] Pessoa 2 Eu não vi passar Natal,

[00:10:38] Pessoa 1 Eu não vi passar Ano Novo, entendeu? E durante três meses eu procurei minha filha nesta cidade, assim, eu refirei esta cidade em todos os hospitais, em todos os IMLs, tanto da capital como da região metropolitana. E você fez isso? Eu ia para os hospitais e para os IMLs, e à noite eu ia para a rua, né? E aqui foi desgastando fisicamente e psicologicamente. Eu cheguei, assim, no limite da loucura, a ponto das pessoas falarem que eu estava louca, e talvez eu estivesse mesmo, porque nenhuma mãe está preparada para perder um filho dessa forma. E aí, aquilo, foi assim, eu perdi a vontade de viver, entendeu? A vida para mim não tinha mais sentido sem a minha filha. E aí um dia uma colega minha, uma amiga de faculdade, me deu o telefone de uma organização que tinha no Rio e se chamava Centro Brasileiro em Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Eles trabalhavam com todo tipo de violação de direitos da criança e do adolescente. E o desaparecimento era uma das causas que eles também trabalhavam. Aí eu cadastrei minha filha nessa organização, e eles ligavam toda semana para saber se tinha notícias dela. E um dia eles ligaram falando que a escritora Gloria Pérez ia colocar dentro da novela Explode Coração depoimentos de mães que tinham filhos desaparecidos, se eu gostaria de participar da novela.

[00:12:42] Pessoa 2 E na hora eu aceitei o convite.

[00:12:47] Pessoa 1 E aí eu fui na primeira semana. A gente não conseguiu gravar porque estava chovendo muito ali na Cinelândia. E aí na semana seguinte eu fui e aí foi comigo uma outra mãe, que é a Vera. E assim, por coincidência, a filha dela chama Fabiana e desapareceu com 13 anos. Tinha 3 anos que a Fabiana estava desaparecida. E a minha Fabiana fazia 3 meses. E nós fomos para o Rio.

[00:13:28] Pessoa 2 Gravamos a novela.

[00:13:31] Pessoa 1 Eu te confesso que eu achei que eu ia encontrar a minha filha quando fosse mostrado o meu depoimento na novela. Porque era um problema que a sociedade não tinha conhecimento desse fato. A sociedade só veio conhecer o fenômeno do desaparecimento através da novela Explode Coração, que eles colocavam todos os dias na novela depoimentos de mães que tinham filhos desaparecidos. E eles mostravam as mães nas escadarias da Cinelândia com os cartazes dos filhos. E aí eles criaram um personagem que era representado pela Dora Ribeiro. E ela sentava ali nas escadarias da Cinelândia com as mães com a foto do filho dela desaparecido. Então, essa novela estava com audiência muito grande por conta dessa novidade que a novela estava mostrando. E aí eu achei que eu ia encontrar a minha filha logo que fosse mostrado o meu depoimento.

[00:14:57] Pessoa 2 Eu gravei a novela uma semana.

[00:14:59] Pessoa 1 Na semana seguinte, foi mostrado o meu depoimento. Você contava o seu depoimento e, no final, você fazia um apelo para alguém que, se alguém tivesse visto, ou até mesmo a pessoa se tivesse vendo, voltasse, desse para a notícia. E aí a novela foi ao ar numa quinta-feira.

[00:15:30] Pessoa 2 Eu não assistia. Eu nunca me vi na novela.

[00:15:34] Pessoa 1 Porque quando passou a primeira vez, eu estava na faculdade.

[00:15:38] Pessoa 2 Ela já foi reprisada não sei quantas vezes,

[00:15:40] Pessoa 1 Mas eu nunca tive a oportunidade de assistir. E aí, no dia seguinte, eu fui procurada por duas jornalistas de dois grandes jornais aqui de São Paulo. E elas me perguntaram como foi que eu fui parar na novela Explode Coração. E aí eu falei que todas aquelas mães que estavam aparecendo na novela eram mães que tinham seus filhos cadastrados no Centro Brasileiro. Tanto que, no final, quando apareciam os créditos, apareciam as fotos das pessoas desaparecidas e o número do telefone do Centro Brasileiro. E aí tem aquela oportunidade e eu fiz um... Eu contei daqueles três meses de busca solitária nessa cidade, da negligência, da ausência, da falta de amparo da própria polícia. E no final da minha entrevista... Até então, eu não conhecia ninguém. Eu só conheci a Vera, que foi comigo gravar a novela. Eu não conhecia outra pessoa. Eu coloquei que se alguém estivesse passando pela mesma situação que eu e quisesse me ligar, deixei o telefone à disposição. E, para a minha surpresa, eu acordei no dia seguinte, era um sábado, com o telefone tocando. Eram mães, eram pais, eram filhos, eram familiares de pessoas desaparecidas querendo me perguntar quando e

onde me encontrar. E aí também começou a chover ligações de produção de TV, de rádio, de jornais, de revistas. E aí, naquela época, nos anos 90, a Praça da Sé era o palco das grandes manifestações da sociedade civil. Era lá que aconteciam os grandes atos e manifestações. E como as mãos do rio gravavam nas escadarias da Cinelândia, eu e a Vera combinamos de nos encontrar com aquelas pessoas nas escadarias da Catedral da Sé. Aí, eu marquei para me encontrar com aquelas pessoas no próximo domingo, que era o último domingo do mês. No dia 31 de março, quando eu cheguei na Praça da Sé, por volta das nove horas, já tinha mais de cem pessoas ali. Então, foi um choque de realidade que eu não conhecia. Eu não sabia que tinha tanta gente desaparecida nessa cidade. E todos os órgãos de imprensa estavam lá. Porque a imprensa trabalha com factual. E, naquela ocasião, nós éramos factual. Aí, a partir daquele dia, eu transformei a minha dor numa luta. E eu não parei mais. Mas eu continuei achando que eu ia encontrar a minha filha. Porque agora não era só uma emissora.

[00:19:39] Pessoa 2 Eram várias emissoras que estavam falando

[00:19:42] Pessoa 1 Sobre o desaparecimento de uma forma global. E todos os programas de televisão queriam entrevistar as mães da Sé. Então, eu continuei alimentando a esperança de que eu ia encontrar a minha filha logo. Aí, a gente foi encontrando um, dois, três... E já se passaram 27 anos e nove meses e eu não encontrei a minha filha até hoje. E como vocês trabalham para encontrar as pessoas? É com divulgação? Até que você comentou do caso recente das meninas suíças. A divulgação é a nossa ferramenta de trabalho. A divulgação que a gente consegue encontrar e identificar essas pessoas. Quando a gente começou esse trabalho, há 27 anos, as empresas divulgavam as empalagens de seus produtos. Aí depois veio a internet e as empresas também se atualizaram. Começaram a fazer a divulgação do seu produto através dos sites, através de campanhas publicitárias, através das redes sociais. E aí, essa divulgação, essas parcerias com as empresas, elas praticamente não existem mais. Então, hoje, a nossa ferramenta de trabalho e que tem uma eficácia muito grande é as redes sociais. Das mães da Sé, né?

[00:21:28] Pessoa 2 É. No caso das meninas da Suíça,

[00:21:34] Pessoa 1 No dia que eu publiquei a foto delas com o pai,

[00:21:40] Pessoa 2 15 minutos depois que eu fiz a publicação,

[00:21:42] Pessoa 1 Eu recebi uma denúncia de uma pessoa que disse ter visto aquele homem no portão de embarque da Gol às 10h23 da manhã, com as crianças. Isso foi no dia 5. Aí, no dia 7, a mãe chegou da Suíça.

- [00:22:06] Pessoa 2 Uma das mães, né?
- [00:22:07] Pessoa 1 Aí, porque eram duas crianças de mães diferentes. E aí, a que veio foi a mãe da bebê.
- [00:22:19] Pessoa 2 Ela desembarcou no dia 7 à noite.
- [00:22:24] Pessoa 1 Na sexta-feira, dia 8, ela veio aqui. Aí, eu contei para ela, entendeu? Eu expliquei para ela a denúncia e a pessoa não fez uma denúncia anônima. Ela se propôs a falar com a mãe, se fosse preciso. Aí, eu mandei uma mensagem, porque ela me mandou uma mensagem no Instagram
- [00:22:48] Pessoa 2 E eu mandei uma mensagem para ela
- [00:22:50] Pessoa 1 Falando que eu precisava falar com ela que a mãe de uma das mães estava aqui e se ela podia fazer uma chamada de vídeo. Aí, ela fez e ela conversou com a mãe. E aí, a mãe foi perguntando algumas coisas para ela e ela foi falando. Inclusive, a cor do canguru, que ela falou que ele estava com a bebê no canguru. Ela falou a cor do canguru, batia. Ela falou a cor do bichinho de pelúcia que a criança estava carregando e batia. Ela falou o bichinho e a cor e batia.
- [00:23:32] Pessoa 2 Tudo batia, entendeu?
- [00:23:35] Pessoa 1 E aí, a partir daí, a gente começou um trabalho junto com a polícia
- [00:23:43] Pessoa 2 A tentar rastrear ele.
- [00:23:48] Pessoa 1 Só que ele tentou burlar, né? Ele tinha um bilhete que ele tinha comprado para ele embarcar no dia 12. À noite, fazer um voo São Paulo-Recife e no dia 13, Recife-Salvador. Para depois ele pegar um outro voo para Madri. Só que na terça-feira,
- [00:24:18] Pessoa 2 Quando a advogada da associação estava com a mãe
- [00:24:22] Pessoa 1 Na polícia federal, eles receberam uma ligação que ele tinha sido preso lá em Florianópolis. E ele foi preso porque ele estava gritando com as crianças.
- [00:24:42] Pessoa 2 Ele estava em um hotel
- [00:24:44] Pessoa 1 E ele estava gritando com as crianças

- [00:24:46] Pessoa 2 E as crianças estavam chorando.
- [00:24:48] Pessoa 1 E aí, a segurança do hotel foi chamada.
Eles chamaram a polícia, entendeu?
- [00:25:01] Pessoa 2 Aí ele foi preso.
- [00:25:06] Pessoa 1 Demorou muito resolver esse caso. Eu recebi esse caso no dia 25 de agosto. Por que demorou muito prender? Ele não foi preso, não, viu? Ele só respondeu, assinou um termo circunstanciado e ficou solto. Porque a Interpol da Suíça não colocou ele no alerta vermelho, entendeu? Se eles tivessem colocado ele no alerta vermelho, ele não tinha ficado um mês passeando com essas crianças para subir e para baixo.
- [00:25:51] Pessoa 2 Mas o próprio país dele não colaborou.
- [00:26:03] Pessoa 1 Houve toda uma dificuldade.
- [00:26:06] Pessoa 2 Eu acionei todas as autoridades. Ministério Público, professoria,
- [00:26:15] Pessoa 1 Autoridade Central de Brasília,
- [00:26:17] Pessoa 2 Que só trata...
- [00:26:19] Pessoa 1 O Ministério da Justiça tem um departamento que só trata de sequestro, de criança sequestrada, entendeu?
- [00:00:01] Pessoa 2 Ah, então tá bom. Mas se precisar parar alguma coisa, você me avisa que daí a gente tenta outro dia, tá? Então, ela não tinha o costume de andar sozinha, né? Você não deixava?
- [00:00:13] Pessoa 1 Não, minha filha não tinha o costume de andar sozinha. E assim, ó, ela sempre saía... eu tenho ela e eu tenho duas, né? Tenho a Fabiana, que é a mais velha, tem a Pagna e a Caçula. Elas têm 11 meses de diferença de uma pra outra. Elas nunca saíram de casa sozinhas. Por exemplo, elas iam no shopping. Eu morava numa casa, que a dona morava em cima e eu morava na casa de baixo. Então, quando elas iam no shopping, ela sempre ia com o filho da dona da casa, que tinha a mesma idade que elas. Eram três adolescentes. E, na maioria das vezes, o pai dele ia buscá-las, entendeu? Buscá-los, né? Se ela ia fazer trabalho daquela época, trabalhos escolares... Como a gente não tinha internet, né? Eu lembro que eu comprei... eu tinha umas três enciclopédias que eu comprava, entendeu? E eu ajudava a minha filha, ajudava as minhas filhas a fazer os trabalhos escolares. As amigas iam para a minha casa para poder eu ajudá-las a fazer os trabalhos escolares. Então, eu não tive dificuldade de sair sozinha. E eu

sempre falava para a minha filha, olha minha filha, pelo amor de Deus, você toma muito cuidado. Porque eu não gostava que ela usasse... usava shorts. Porque ela tinha um corpo muito bonito. Minha filha, na época, ela tinha 13 anos, ela ia fazer 14 anos. Eu tenho mais de 50. Eu batia no ombro dela.

[00:02:33] Pessoa 2 Nossa, ela era...

[00:02:35] Pessoa 1 Porque a família do avô dela por parte de pai e os tios são todos altos, entendeu? Então, ela puxou a família do pai até a cor. Ela era bem branquinha, bem branquinha, entendeu? E no dia que ela saiu de shorts, ela desapareceu. Não era um shortinho assim lá em cima, era um short normal, entendeu? Mais ou menos um palmo acima do joelho. Ela estava de shorts, de camiseta regata, um chinelinho Raider. Eu estava com um relógio que ela tinha ganhado do pai de presente. Já era a semana do Natal e ele tinha dado um relógio de presente para ela. Ela estava com aquele relógio e um brinco e uma correntinha de ouro mesmo no pescoço.

[00:03:46] Pessoa 2 Então, ela é vaidosa, assim.

[00:03:49] Pessoa 1 Nossa, minha filha, ela já levantava de manhã. Ela puxou a mim. Ela levantava de manhã, tomava café, escovava os dentes. Ela adorava passar batom vermelho. Passava batom, sabe? E quando ela desapareceu... Naquela época não existia o método de escova progressiva, né? Ela tinha o cabelo bem ondulado, mas ela queria que o cabelo ficasse liso. Eu tinha uma vizinha e ela era capeleireira. E a minha vizinha fez relaxamento no cabelo dela. O cabelo dela ficou bem liso, entendeu? Só que eu não tinha uma foto da minha filha recente.

[00:04:46] Pessoa 2 Com o cabelo liso, já.

[00:04:49] Pessoa 1 Não tinha. Não tinha uma foto dela recente. Eu não tinha hábito de tirar foto. Quando ela desapareceu... A minha vizinha tinha levado as duas para passar um final de semana na praia. E a única foto que tinha dela... Era uma foto que ela estava com a irmã. E a outra foto que foi a foto que saiu na novela. Ela com o bebezinho da sobrinha da minha vizinha no colo. E como naquela época... Não existia aquela... A gente não tinha acesso ao computador para cortar a foto, para sair só a foto dela, né? Então, era tudo muito difícil. Minha filha não tinha NG. Ela não tinha tirado nenhum documento ainda. Porque ela ia fazer 14 anos em janeiro. E naquela época os adolescentes podiam trabalhar com 14 anos. Então eu tinha combinado com ela... que quando ela fizesse 14 anos... a gente ia tirar os documentos... para ela trabalhar. E aí, no dia 23 de dezembro, aconteceu isso.

[00:06:18] Pessoa 2 E como era a rotina dela? Ia para a escola? Você pode descrever um pouquinho?

[00:06:23] Pessoa 1 Ela estudava de manhã. A minha filha sempre foi muito grudada comigo. Para você ter uma ideia, ela não acostumou a dormir no beijo. Ela tinha muita cólera quando ela era bebê. E aí ela... dormia comigo. Aí logo eu engravidei da Fagna. Quando ela tinha quatro meses, eu descobri que ela era grávida. Entendeu? E aí ela nasceu em janeiro... e a Fagna nasceu em dezembro do mesmo ano. E aí quem aproveitou o berço dela foi a Fagna. Ela continuou dormindo comigo... e o pai. Aí quando ela estava maiorzinha... quando ela tinha dois anos, três anos... aí eu comprei uma cama para elas. Mas todos os dias... antes do pai delas... quando o pai dela saía para trabalhar... parecia que ela adivinhava a hora. Ela corria para a minha cama. Isso foi até o dia em que ela desapareceu. Todos os dias. Todos os dias. O pai saía e ela corria para a minha cama... para dormir comigo.

[00:07:49] Pessoa 2 O pai saía de madrugada?

[00:07:52] Pessoa 1 O pai dela saía quatro horas da manhã para trabalhar... porque ele era motorista de ônibus. E aí ele saía quatro horas... porque ele pegava o ônibus quatro e vinte. E aí o pai saía e ela dormia. Ela ia dormir comigo. Como ela acordava seis e quinze... seis e meia para ir para a escola... porque ela estava na escola sete... a escola era perto de casa. Aí ela dormia aquelas duas horinhas comigo. Entendeu? E quando eu... Eu entrei na faculdade na metade do ano. Então, quando ela não conseguia me esperar... porque eu chegava da faculdade e estudava em Guarulhos... e eu morava em Pirituba... eu chegava da faculdade muito tarde. Eu chegava da faculdade quase uma hora da manhã. Entendeu? Eu saía da faculdade... dez e quarenta... até pegar o ônibus... até o metrô Armênia... depois pegar o metrô... descer na Sé... fazer baldeação... descer na Barra Fundo... pegar outro ônibus para chegar em casa... era uma viagem. Aí, às vezes, quando ela não aguentava... não esperava... porque ela tinha que acordar cedo para ir para a escola... ela deixava os bilhetinhos... colados na estante da sala. Mãe, fui dormir... dormi com Deus... eu te amo... e aqueles coraçãozinhos. Então, quando minha filha desapareceu... o meu mundo... caiu. Às vezes, eu estava de folga... eu trabalhava na CIA... de operadora de carro. Às vezes, eu estava de folga... durante a semana... aí eu saía de casa a quatro horas para a faculdade... e ela falava assim... mesmo que tivesse calor... Mãe, leva uma blusa, mãe... leva uma blusa... porque a hora que você voltar... vai estar frio... você vai passar frio... leva uma blusa, mãe... leva uma blusa. E ela ia comigo... ela me levava até o portão... e assim... eu criei as minhas filhas... do jeito... da mesma forma que eu fui criada. As minhas filhas me davam... me davam a bênção... na hora de dormir... na hora que eu levantava... na hora que eu ia sair... ou que elas iam sair... você entendeu? Essa mãe vai com Deus. Foi assim que elas foram criadas. Então, quando a minha filha desapareceu... eu não aceitava... eu não aceitava... sabe... eu... eu... eu... eu não queria viver sem a minha filha. Conviver com essa dor... é pior que a morte... entendeu? O tempo... ele passa muito rápido.

[00:11:01] Pessoa 2 Você chegou a fazer algum acompanhamento psicológico? Você falou que estava à beira da loucura nessa época.

[00:11:07] Pessoa 1 Não... eu já fazia... eu já fazia há dois anos... quando eu perdi meu pai... e eu fiz mais... depois que ela desapareceu... eu fiz mais oito anos. E aí... em 2020... com a pandemia... eu fiquei longe das minhas mães por um ano e dez meses. E aí eu comecei a ter crises de... de depressão. E aí... a partir de 2020... eu voltei a fazer terapia. E eu passo... eu passo também... eu passo por um psiquiatra a cada dois meses... porque eu tomo medicação. Eu tomo cetralina... de cinquenta... miligramas... e tomo... para dormir... eu tomo clopanazepam... e tomo melatonina. Entendeu?

[00:12:06] Pessoa 2 Agora... voltando um pouquinho lá atrás... você fazia faculdade do que?

[00:12:11] Pessoa 1 Direito.

[00:12:13] Pessoa 2 E aí você chegou a se formar?

[00:12:16] Pessoa 1 Não... eu não me formei porque... eu tinha bolsa de estudo. E aí... em 2001... quando ela desapareceu... eu parei a faculdade. Depois eu voltei de novo. E aí... em 2003... eu enfartei... eu tive o primeiro infarto. Em 2004... no dia que fez um ano que eu enfartei... eu voltei de novo. E a minha faculdade... ela fica lá em Guarulhos... e o prédio do curso de Direito fica na parte de terra. Então... para descer... eu não tinha nenhum problema para descer... as escadas. O meu problema era na hora de subir. Porque eram muitos degraus... entendeu? E aí eu já chegava na porta da faculdade sem ar. E aí eu fui... aí eu fui... mas eu cursei até o sétimo semestre de Direito.

[00:13:24] Pessoa 2 Estava quase no finalzinho...

[00:13:27] Pessoa 1 Eu estava três semestre para terminar.

[00:13:29] Pessoa 2 Esse problema no coração... você já tinha antes... ou tem alguma relação mesmo com o estado em que você ficou após o desaparecimento?

[00:13:38] Pessoa 1 Não... eu não sabia que eu tinha problema cardíaco. Eu acredito... que esse problema... ele veio... ele se acarretou... em função do meu... da dor... desse luto... Eu já perdi 23 mães... e a maioria delas morre com o mesmo problema... comparado ao cardíaco é um infarto fulminante. O coração é o órgão que mais afeta... que mais mata a mãe... e desaparecido é o problema cardíaco e o trânsito.

[00:14:21] Pessoa 2 Uma tristeza muito grande... perder as mães assim.

[00:14:25] Pessoa 1 É... nossa... assim... quando eu venho com a mãe... o ano passado eu perdi duas mães. Uma morreu de câncer... e a outra morreu com problema cardíaco. Eu fico muito... muito... muito avalada... porque quando elas morrem... elas levam junto com elas a busca pelos seus filhos. Sim. E isso acaba nos afetando... porque eu sei que o dia que eu morrer... a minha busca vai junto comigo. Entendeu?

[00:15:05] Pessoa 2 A sua outra filha... ela também é engajada na luta? Como ela lida com isso?

[00:15:11] Pessoa 1 Ela não é engajada na causa, não. Essa luta... essa dor... essa luta... essa busca... ela é só nossa. Entendeu? É só das mães. Filho não... é só das mães. Filho... ele não... ele não vai pra praça da Sé... ele não participa de nada. Entendeu?

[00:15:39] Pessoa 2 Você imagina o porquê?

[00:15:41] Pessoa 1 Por quê? Porque o amor de mãe é diferente de todo mundo. As outras pessoas se acostumam a viver sem... a minha filha já acostumou a viver sem a irmã. Eu sou a única pessoa que nunca vou acostumar a viver sem a minha filha. Entendeu? Eu nunca vou acostumar a viver sem ela.

[00:16:10] Pessoa 2 Quando você se deu conta que era um desaparecimento... qual foi a sensação que você teve nesse momento?

[00:16:16] Pessoa 1 É uma sensação muito ruim. É uma sensação de... de desespero... sabe... de... você quer encontrar... uma explicação... para aquilo que está acontecendo e você não acha. E eu me pergunto... até hoje... como que pode alguém desaparecer tão perto de casa... e não ter sido vista?

[00:16:48] Pessoa 2 Ela não foi vista por ninguém.

[00:16:51] Pessoa 1 Só que naquela época... ela desapareceu de uma avenida muito movimentada... mas não existia câmara... nem nos semáforos... nem nas casas... não existia circuito de câmeras... que pudesse... que pudesse... a gente obter alguma imagem... para colocar na hora, entendeu?

[00:17:21] Pessoa 2 E quais são as características dela? Você pode escrever um pouquinho?

[00:17:26] Pessoa 1 Ela é branca... Quando desapareceu... ela

tinha... ela ia fazer 14 anos... ela tinha mais ou menos 1 metro e 65 centímetros... ou 1 metro e 70 centímetros de altura... porque ela era bem alta... Ela tem... três... três pintinhas... uma embaixo da outra... do lado esquerdo da face... Ela tem cabelos... castanhos claros... e olhos claros... olhos castanhos claros... Ela é uma pessoa extremamente... organizada... detesta bagunça... entendeu? Ela é extremamente educada... é... tem uma caligrafia linda... linda, linda... inteligentíssima... Essas são as lembranças... muito carinhosa... entendeu? Muito educada... Para entrar na sua casa... ela pede licença... entendeu? O filho também tinha a mesma idade... elas estavam sempre lá... elas estavam sempre lá... de sábado, principalmente... Ela fazia pizza... Ela dizia... Fabiana e Fagna... eu fiz pizza... vem comer... Ela lavava a louça... não, não precisa... precisa sim, tia... precisa sim... Ela brigava com a Fagna... porque a Fagna... é a desorganização em pessoa... entendeu? E ela é totalmente o contrário...

[00:19:10] Pessoa 2 Muito bem educada...

[00:19:17] Pessoa 1 E... carinhosa... muito beijeira... e assim... a Fagna não... a Fagna não é... não que ela não seja carinhosa... mas ela não tem o hábito... quem tem o hábito de ficar assim comigo... é a minha neta. Entendeu? A minha neta... a neta parece muito com a minha Fabiana... o cabelo... o jeito carinhoso... sabe? De tratar... de me tratar... Ela tem quatro anos... ela fala assim para mim... ela engole o R ou L... ela fala assim para mim... Vovó, você é maravilhosa... Adoro dormir com você... adoro dormir com você...

[00:20:04] Pessoa 2 Ela dorme com você?

[00:20:06] Pessoa 1 Todo final de semana ela dorme comigo... mas ela dorme sete de sábado... porque como ela estuda... ela fica o dia inteiro na escola... aí de sábado... como ela não vai para a escola... aí a peruja deixa ela aqui... aí ela dorme com a vovó... e aí ela fala... Vovó, adoro dormir com você... adoro. E ela é grandona... ela tem quatro anos... mas ela é grandona... engraçado que sábado a gente ia sair... aí ela disse assim... Vovó... olha como eu estou grande... eu estou quase do seu tamanho. Olha só... E ela tem ciúmes... se outra criança chegar... e eu começar a fazer carinho... ela fica com ciúmes...

[00:20:50] Pessoa 2 Você enxerga um pouquinho da Fabiana nela?

[00:20:56] Pessoa 1 É... eu vejo um pouco da minha Fabiana na Eva.

[00:20:59] Pessoa 2 A Eva... que nome bonito... A Fabiana tinha algum sonho... alguma coisa que ela gostava muito também?

[00:21:07] Pessoa 1 Olha... ela era muito vaidosa... Eu

costumo dizer que a minha filha puxou a mim... porque eu sempre me considero uma pessoa vaidosa. Ela era vaidosa... entendeu... mas... ela pensava assim... ela queria trabalhar... fazer faculdade... trabalhar... e eu acho que era o sonho... nós tínhamos vários projetos de vida... tínhamos vários sonhos... e todos aqueles sonhos que nós tínhamos... pararam no dia 23 de dezembro de 1995.

[00:21:51] Pessoa 2 E eram sonhos de viagens...

[00:21:53] Pessoa 1 Com a família... Não... a gente nem tinha condição de viajar... porque o pai era motorista de ônibus... Eu trabalhava... para pagar a minha faculdade... E aí... depois... depois que eu ganhei uma bolsa de estudo... depois... em 2000 e... acho que foi em 2002 que eu ganhei a bolsa de estudo... foi... em 2002... quando a gente estava fazendo... quando a gente estava fazendo... a gente estava fazendo uma campanha em um programa de televisão... entendeu... aí eu ganhei a bolsa.

[00:22:46] Pessoa 2 E ela falava que tinha uma profissão que ela queria seguir... alguma coisa?

[00:22:53] Pessoa 1 Não... ela não... como ela ainda era muito nova... ela não... não tinha... pensado ainda em uma profissão... porque quando ela desapareceu... ela tinha terminado a sétima série. Ela ia para a oitava série.

[00:23:15] Pessoa 2 Entendi. E quando você estava descrevendo as características dela... quando você fez a progressão... qual foi o sentimento que você teve?

[00:23:25] Pessoa 1 A última progressão agora... parece muito com ela... entendeu? Ficou muito parecida... mas... eu olho para aquela foto... e é como se fosse uma pessoa estranha... porque... a minha memória afetiva... na minha lembrança... eu tenho... assim... guardada... o rosto de quando a Fabiana desapareceu. Eu fico imaginando... como a minha filha está hoje com 41 anos... mas... na minha memória afetiva... o que eu lembro... o que ficou gravado... é a Fabiana... com 13 anos.

[00:24:18] Pessoa 2 Com aquelas características...

[00:24:20] Pessoa 1 Com aquelas características... Entendeu?

[00:24:25] Pessoa 2 E ela gostava de Natal... das festas... você voltou a celebrar essas datas importantes?

[00:24:31] Pessoa 1 Não. Não, não.

[00:24:33] Pessoa 2 Nunca mais celebrou o Natal?

[00:24:35] Pessoa 1 Nunca mais. Eu não vou em festa de casamento... porque a minha filha foi dama de honra... entendeu? Então, eu não vou em festa de casamento. Eu não comemoro o Natal... eu não comemoro o Ano Novo.

[00:24:55] Pessoa 2 E aniversário... você também faz alguma coisa?

[00:25:01] Pessoa 1 Agora... de uns anos para cá... no meu aniversário... a minha filha sempre faz um almoço... com as mães... com as mães da cena. Entendeu? Eu comemoro com as mães da cena. Mas nada de barulho... coisa simples... entendeu? Um almoço só, né? É... só almoço.

[00:25:27] Pessoa 2 Ela gostava dessas comemorações?

[00:25:31] Pessoa 1 Ela gostava.

[00:25:33] Pessoa 2 Pelo visto ela ajudava também a programar tudo, né?

[00:25:37] Pessoa 1 Sim. Quando ela desapareceu... a gente estava se programando para comemorar o Natal, né? Nós tínhamos limpado a casa... nós tínhamos que limpar a casa... no dia 23... cada uma fazendo uma tarefa... e aí... quando foi a noite ela desapareceu.

[00:26:02] Pessoa 2 E as buscas que você fez... você fez sozinha? Você ia de metrô, trem para a cidade toda?

[00:26:09] Pessoa 1 Sim... de trem, de metrô, de ônibus... entendeu?

[00:26:15] Pessoa 2 Tudo sozinha.

[00:26:18] Pessoa 1 Ô gata... olha... você ainda tem muita coisa para me perguntar... que eu tenho um médico. Várias vezes.

[00:26:41] Pessoa 2 E nunca dá para saber se é verdade ou mentira... e tem que acabar indo, né? Isso que as mães dizem.

[00:26:46] Pessoa 1 É... não. É mentira. Não sei o que que leva alguém a fazer isso, né? Só pode ser... eu classifico quando a pessoa desce como doente.

[00:26:56] Pessoa 2 Uma maldade sem tamanho. E a última

pergunta que vocês tinham falado aqui... você perdeu o chão, né? Quando aconteceu o desaparecimento. A ONG, de certa forma, ela te ajuda a... buscar um sentido?

[00:27:11] Pessoa 1 Sim. Sim, porque quando você compartilha a mesma dor... com outras pessoas... você aprende a conviver com essa dor... de uma forma mais amena, né? Entendi.

[00:27:27] Pessoa 2 Bom, era isso, Ivaniza.

[00:27:30] Pessoa 1 Oi? Oi, estou te ouvindo.

[00:27:32] Pessoa 2 Ah, é que fez um barulho...

Você participa da ONG há quanto tempo? Como que surgiu a ideia de fundar uma ONG? Se você puder me contar um pouco da sua história.

Três meses eu procurei a minha filha sozinha nessa cidade, que naquela época ninguém falava sobre pessoas desaparecidas, né? Esse assunto era um assunto totalmente desconhecido na sociedade. E aí, três meses depois do desaparecimento dela, eu conheci uma ONG no Rio que trabalhava com mães de crianças desaparecidas, e eu cadastrei minha filha nessa instituição. E passadas algumas semanas, eu fui chamada para participar da novela Explode Coração, da Glória Teves, que ia colocar dentro da novela depoimentos de mães que tinham filhos desaparecidos.

E aí eu fui.

E quando chegando lá, eu conheci um grupo de mães que já estavam organizadas, que chamavam as mães da Cinelândia.

Eram essas mães que apareciam na novela.

E aí, numa pergunta informal com aquelas mães, porque elas já estavam organizadas há algum tempo, eu perguntei para elas como foi que elas me falaram.

E quando eu fui gravar a novela, foi assim que eu ia encontrar numa novela, porque ela tinha que ter mostrado a foto e o meu apelo numa novela, que era uma novela da audiência muito grande, na maior emissora de televisão, a gente que imediata.

E aí eu gravei a novela, no final de semana, e na outra semana seguinte foi ao ar o meu depoimento, mas não veio nenhuma informação sobre...

A filha não recebeu nenhuma denúncia.

O entrevistado mesmo não recebeu nenhuma denúncia.

E aí, no dia seguinte à minha aparição na novela, eu fui procurada por duas jornalistas de dois grandes jornais aqui de São Paulo.

E aí eu aproveitei aquele momento e eu fiz um desabafo daqueles três meses de busca solitária que eu estava fazendo, procurando pela minha filha aqui nessa cidade, em hospitais, em IML, nas ruas.

E no último parágrafo da minha entrevista, eu coloquei que se alguém estivesse passando pela mesma situação que eu e quisesse me ligar, deixei um telefone à disposição, porque eu não conheci ninguém que procurasse um parente desaparecido.

E para a minha surpresa, no dia seguinte o telefone começou a tocar.

Eram pais, eram mães, eram filhos, eram irmãos.

E aí começou também a me ligar produção de rádio, de TV, de jornais, de revistas.

E as pessoas me perguntavam quando e onde me encontraram.

E eu sempre vi a Praça da Sé como tendo palco de grandes atos e reivindicações da sociedade civil.

Nos anos 90, era na Praça da Sé que tinha as grandes manifestações.

E aí eu marquei com aquelas pessoas de no próximo domingo nos encontrarmos nas escadarias da Catedral da Sé.

E no dia 31 de março de 96, eu cheguei na Praça da Sé, que volta às 9 horas da manhã, e já tinha mais de 100 pessoas ali. Eram mães, eram pais, eram parentes. Eram pessoas que estavam procurando por um parente desaparecido. E assim, pra mim foi uma surpresa muito grande, porque eu não tinha noção da quantidade de pessoas que tinham desaparecido nessa cidade.

A partir daquele dia, eu transformei a minha dor numa luta.

E aí eu não parei mais. E já se passaram 27 anos, agora no dia 31.

Nossa, entendi. Então, você disponibilizou seu telefone, combinou e tinha mais de 100 pessoas lá no dia. E foi assim que surgiu a ideia de criar a ONG. E qual que é a importância desse projeto pra você hoje?

Olha, esse projeto faz parte da minha vida. Eu não vivi fazendo outra coisa, a não ser esse trabalho. Eu dedico a minha vida 100% a esse trabalho, a essa causa. Nós somos uma família, irmanadas, pela mesma dor que é a dor da perda, pelo mesmo objetivo que é encontrar os nossos filhos, e pelo mesmo amor que é o amor de mãe, que é diferente de todo mundo.

Eu vi no site que vocês já ajudaram a encontrar 5 mil pessoas.

É, a gente já tem mais de 5.500 pessoas encontradas.

Como que foi?

Como que funciona isso?

A divulgação, esse trabalho, há 27 anos atrás, nós tínhamos uma quantidade muito grande de empresas que começaram a divulgar nas fotos dos nossos desaparecidos as embalagens de seus produtos. Com o passar do tempo e com a vinda em massa da internet, essas empresas não fazem mais esse trabalho de divulgação das embalagens de seus produtos. Até porque toda grande empresa tem um site para divulgar o seu produto, né?

Sim.

Então, hoje, a nossa ferramenta, esses carros de buscas que nós temos, é as redes sociais, que têm nos ajudado muito. E nesses casos em que houve o desfecho, geralmente quais eram as causas do desaparecimento? A gente encontra os casos da criança fugir de casa, em que a pessoa é contador de algum tipo de deficiência mental, pessoas que foram encontradas em hospitais, pessoas que foram encontradas sem vidas, entendeu?

Entendi.

Agora, quando se trata de um desaparecimento de fato, o que é um desaparecimento de fato?

É aquele caso familiar... Aquela criança que desaparece brincando na porta de sua casa, indo ou vindo da escola, brincando no quintal de casa. Então, esse tipo de desaparecimento é muito difícil você localizar.

Porque eles envolvem os crimes, né?

Os crimes de tráfico de pessoas, os crimes de tráfico de órgãos, de adoção ilegal.

E quanto maior o tempo do desaparecimento, menor é a chance de a gente encontrar uma pessoa que está desaparecida muito cedo. A minha filha desapareceu com 13 anos. Hoje ela já tem 41 anos.

Anexo 7 - Entrevista Isabel Cristina Silva, mãe de Tiago Rodrigo da Silva - desapareceu no dia 09 de agosto de 1996

Você pode contar pra mim um pouquinho como é que foi o dia do desaparecimento do seu filho?

Sim. Então, é... Eu tava trabalhando aí junto aí, né? Eu fazia faxina, né?

E tava morando em Francisco Moura. Eu, meu pai e meu outro filho, Douglas. E aí, eu cheguei à tarde em casa, né? A noitinha já, aí meu pai falou, ó, o Tiago saiu pra dar uma volta.

E falou, ó, fala pra Bel não se preocupar, né? Que é eu, no caso, Isabel. Eles me chamam de Bel. Os meus dois meninos me chamam de Bel, né?

Aí, ele foi e... Deu tarde da noite, não voltou, não voltou no outro dia. Aí, como ele trabalhava de marreteiro, a gente pedia no trem, tinha bastantes amigos. De vez em quando, ele vinha na casa de algum amigo.

Mas conhecido, né? Assim, né? Bem conhecido. Ele não dava pra vir, porque ficava tarde.

Aí, só que nesse dia, ele foi e não voltou mais. E você tinha comentado comigo que ele costumava andar de trem, né? Você acredita que ele tenha desaparecido? Não, a gente vendia...

É, a gente vendia no trem, né?

A gente vendia refrigerante. Ah, sim. Chocolate. Ah, sim.

A gente vendia isso daí, né? Água. Entendeu?

Cerveja. De primeiro era liberado venda no trem, mas liberado nunca foi, né? Mas podia vender mais, né?

Agora não tá. Agora tá difícil. Mas era o nosso trabalho, era esse. O trabalho dele, né?

Era. Eu não. Às vezes eu ia, mas era raro. Mas era ele mesmo.

E quais eram os horários que ele costumava fazer essas vendas? Ah, eu não tinha horário. Mas na parte da tarde mesmo. Das duas às seis dias de manhã.

Mas era mais difícil de manhã, né? Mais na tarde, por causa do horário de pico de serviço, né? Que a turma sai do serviço, né? Sim.

Então ele gostava mais de fazer esse horário. Na parte da... Da tarde, né? E aí era na linha Francisco Morato Jundiaí mesmo.

É, Jundiaí. Aí ia pra todo lugar, né? Pegava, ia pra Barra Funda. Fazia, né?

Sim, a linha toda. É, fazia a linha toda, é. E quantos anos ele tinha? Quinze anos.

Quinze anos, né? E aí ele ia pra escola no período da manhã. Como que era a rotina dele? Não, não estava estudando mais.

Não estava estudando mais. Tinha parado, não estava estudando mais. Só trabalhando mesmo. Só trabalhando, é.

E você se lembra qual foi a última coisa que você conversou com ele antes dele desaparecer? O básico. Boa tarde, boa noite. Estava tudo bem, entendeu?

É um papo de família, assim mesmo. Quando ele chegou, oi, tudo bem? Como foi o trabalho? Assim, entendeu?

Nada que eu ficasse preocupada. Não tinha briga. Não tinha nada, estava tudo tranquilo. Era rotina.

Um desaparecimento assim. Ele foi pro lado da estação. Aquele dia nem foi vender. Ele foi dar uma volta, entendeu?

Não tinha nem marcadoria pra vender, entendeu? Sim. Não foi nem vender. Não tinha nem...

Saiu de casa a um passeio. Foi dar uma volta, entendeu? Sim. E ele não falou que ia encontrar ninguém?

Nenhum amigo, conhecido? Não. Não, não. Só falou que ia dar uma volta.

Pra não se preocupar que... Claro, ia chegar no serviço e ele ia estar lá, né? Em casa, né? Sim, como rotina, né?

Isso. Entendi. E quando você percebeu que ele estava desaparecido, o que você fez? Você foi pra delegacia?

Você procurou por contato? Foi, sim. É... Aí eu falei, não...

Não. Procurei. A princípio eu procurei. Perguntando pros amigos.

Tá, tá, tá. Aí eu fui na delegacia. Abriram lá. Falaram, a gente nem fica com o menor aqui em Morato.

Em Franco, né? A gente nem fica com o menor. Fui no juizado de menor também. Não tinha nada.

Aí... Fiquei procurando de boca. Nenhum falava que viu ali, viu lá. Em algum lugar, mas era tudo...

Notícia falsa. E foi passando o tempo. Foi passando o tempo e... Aí depois...

Eu nem sabia que tinha as Mães da Sé. Porque eu nunca tinha passado por uma situação assim, né? Em que ano que ele desapareceu? Em 96.

Já faz muito tempo, né? Só Deus, né? E você conseguiu fazer o BO do desaparecimento dele? Como que foi?

Então, quando a gente vai... Quando fui, não fizeram. Pra mim tinham feito, né? Mas não fizeram.

Aí depois, através da evanícia... Evanícia, nossa... Porque eles não dão muito, né? Agora tá mais, entendeu?

Sim. Eles acham que foi dar uma volta, não vai voltar. Tem muitas coisas que eles falam pra gente, né? Pra não ir à busca, entendeu?

Sim. A realidade é essa. E... Mas não tava em nada.

Em lugar nenhum. Delegacia, essas coisas, nada. Hospital também, procurei. Fui em Franco da Rocha.

Ah, fui em hospitais, assim, né? Ajudaram eu também. Através da delegacia. Depois, quando eu fui no programa de HPP.

Também depois de muitos anos. Aí um rapaz chamado Tavares, que até se aposenta. Um rapaz. Ainda ele procurando um monte de hospital.

Um monte de coisa pra mim, entendeu? Um monte de foto. Esse rapaz, sim. Porque do resto, né, filha?

Nem... Se a gente vai na delegacia, as pessoas... Nem dava mínimo, entendeu? Não todas, né?

Não todas, mas... Em todas as cidades aqui, né? Você procurou pelas suas cidades? Ah, fui pra cá, né?

Porque onde eu pude achar eles um dia aí. Barra fundo, esses lugares, né? Perguntando. Porque daí você...

É, pergunta, porque se informando. Mostrando foto, né? E ele desapareceu em qual mês de 96? Agosto, agosto.

Mês de agosto. É, mês de agosto. E você demorou pra encontrar mães da Sé? Como que foi?

Nossa, demorei bastante. Eu tava no ônibus um dia, vindo trabalhando. E aí uma moça... Oi, tudo bem?

E você? Como que tá? Daí eu falei... Eu falei...

E ela ficou triste. Daí ela falou assim... Eu nem sabia disso. Nem sabia, né?

Que tinha as mães da Sé. Sim. Aí eu fui lá. Aí eu fui lá, foi aonde que abriu as portas pra mim.

E você lembra em que ano foi isso? É, eu acredito que seja em 2015. Nossa, demorou pra você saber. E o B.O.

Dele foi feito em que ano? Nossa! Foi a Ivanice, a Carvalho e a Ivanice. Que ela discutiu lá pra fazer um boletim.

Nossa, ela mandou num DHPP. Cheguei lá na tal de... Aí, Denise. Uma moça ainda não me tratou bem.

Aí eu voltei lá nas mães da Sé. Ela ligou lá muito brava. Falou, mandei a mãe daqui, aqui. É um boletim.

Aí já não fazia mais boletim lá. Tinha que fazer em morato. Não tinha lá. Não tem. Aí eu fui lá em Morato.

Aí a moça fez o boletim lá. Que eu já tinha tudo, né? Através das mães da Sé, graças a Deus.

Que fizeram... E... Mas aí, o boletim você fez, mas as investigações, você sentiu que andaram ou...

Nunca andou, né? Não, não. Nunca andou, não. Até hoje, você não tem notícias dele?

Não. Como que você lida com essa situação, com essa incerteza? É difícil, né? Não é fácil pra gente.

Lidar com... Às vezes, a gente vê, né? Coisas que mexem, né? Com a gente. Mas Deus é maior.

Deus é grande. Não, não desisto, né? Não desisto, não. Tenho que ter fé.

E força. É difícil, né? Porque às vezes, a gente pensa, né? Eu pelo menos penso.

Ah, será que... Será que já... Não. Eu acredito em Deus. Deus que vai resolver tudo.

E assim, né? A gente é que tem que dar força pra ele. Não pode ficar, né? Tem que dar força pra ele.

Muitas vezes, a gente pensa, né? Que Deus está lá, no céu. Não, né? Ele está aqui. Tem que dar força pra ele.

Sim. É isso aí. E o que você gostaria de dizer pra outras pessoas que passam por essa situação, de ter um ente querido desaparecido?

Pra elas, eu só digo assim... Que não pode desistir. Não desista. Tem que ter fé.

Porque, no tempo certo, Deus vai... Vai, assim, mandar um sinal, né? E ele vai aparecer. Tem que ter fé.

Que Deus é maior. E a fé, a fé é o que a gente tem que ter, né? Porque sem fé, né?

Não dá pra acreditar, né? Deus é maior. Deus é grande.

Sim. Muito obrigado por compartilhar a sua história e a sua experiência conosco. E eu desejo muita força e fé pra você.

Pra que você possa encontrar o seu filho. E que Deus esteja com você nessa jornada. Muito obrigado.

Muito obrigado a você. E que você tenha muita força e fé também, pra continuar buscando.

Sim, obrigado. Muito obrigado.

Anexo 8 - Entrevista Ana Paula Velloso, antropóloga forense

Pode explicar um pouco mais sobre o que você faz?

Antropologia forense. Antropologia forense é uma ciência, tá?

Então tudo que é forense vem de fórum, né? Vem de justiça.

Então são ciências que atuam para fins de justiça, né? Para fins da justiça, que ajudam o juiz a interpretar as situações com mais clareza, para poder tomar as decisões com mais assertividade, né? E antropologia forense é uma dessas ciências.

A antropologia forense, quando a gente fala de antropologia, existem dois tipos, antropologia física, que estuda o homem na sua composição física, e antropologia social, que estuda o comportamento do homem na sociedade e tudo mais. No caso da antropologia forense, o que nós fazemos? Nós usamos dados da antropologia física para fins forense, ou seja, basicamente nós estudamos esqueletos, atuamos com esqueletos de pessoas desaparecidas.

Então, toda vez que a gente encontra um esqueleto, toda vez que a polícia encontra um corpo esqueletizado ou em avançado estado de putrefação, fica difícil da família reconhecer. Reconhecer significa ver de novo, né? Então, o que nós fazemos? Nós temos protocolos de análises que fazemos nesse esqueleto para determinação do que nós chamamos de perfil bioantropológico.

Então, nós vamos traçar um perfil deste esqueleto para ajudar no processo de reconhecimento pela família. Então, o que analisa? Estatura, idade, o sexo, até destreza manual a gente consegue saber se essa pessoa teve fratura em vida ou se ela fraturou na hora da morte. Às vezes dá para a gente saber a causa da morte. Então, tudo isso são respostas que a antropologia consegue trazer para nós de um corpo esqueletizado. E isso ajuda bastante, por exemplo, em grandes catástrofes. Acidentes aéreos, corpos jogados no mato, vítimas de violência, tudo isso são processos, explosões, são processos que são situações que a antropologia forense ajuda a resolver, tá bom?

E como é feito o reconhecimento de um corpo?

primeira coisa que a gente precisa saber, o que é reconhecimento e o que é identificação, tá? Reconhecimento e identificação são duas coisas que podem se complementar, mas são diferentes. Por exemplo, reconhecimento. Reconhecimento é reconhecer, ver de novo. Você só pode reconhecer uma pessoa se você já viu pelo menos uma vez. E mesmo assim, vendo uma vez, você pode não reconhecer, pode ter passado muito tempo, né? Você pode não lembrar. Portanto, nós dizemos que processos de reconhecimento são processos subjetivos, tá? Por exemplo, uma vítima de assalto, que é chamada delegacia para reconhecer. Reconhecer o ladrão,

né? Ela vai lá reconhecer, ver se ela identifica aquele ladrão, reconhece aquele ladrão, como sendo o que furtou ali, né? O bem dela, tá? O pai que vai no IML reconhecer o filho que foi encontrado morto, tá? Mas veja bem, reconhecimento é um processo subjetivo, pode ter erros, tá? Uma pessoa pode reconhecer uma outra que não é, tá? Ou por boa fé ou por má fé, né? Ah, eu vou reconhecer esse cara aqui como sendo o ladrão porque eu não gosto dele, entendeu? Então é um processo subjetivo, tá? Reconhecimento. Processo de reconhecimento dentro da política.

Exista o reconhecimento visual, né, que é aquele, como eu falei, que a vítima vai lá e reconhece, né, existe reconhecimento por, reconhecimento por, como falar, retrato falado, né, por, são os artistas florentes, aqueles que desenhavam o rosto de uma pessoa procurada ou de um ladrão através através do relato da vítima, né, então existem esses processos, tá, existe reconhecimento por sistema Horos da Polícia Federal, que é um sistema que coloca ali o rosto, né, de uma pessoa procurada, com várias características diferentes, de chapéu, sem chapéu, de óculos, careca, com cabelo, com barba, tá, para proporcionar reconhecimento, então assim, existem vários processos, né, que faz.

Fazem reconhecimento dentro da polícia. Processos de identificação. Identificação é processo científico, não admite erro, tá? Portanto, tem que ser um protocolo de identificação, ele tem que ser muito, muito apurado, tá? Por exemplo, impressões digitais. Impressão digital é um processo de identificação, tá? Ele não admite erro, né? Antropologia forense, odontologia forense são mecanismos de identificação, não admitem erro. Exames de DNA para fins de identificação de pessoas, não admite erro, são processos.

Como vocês chamam a família para falar sobre esse assunto?

Bom, sobre chamar a família para falar esse assunto, muitas vezes o que acontece as famílias é que procuram as delegacias, né? E, infelizmente, as delegacias elas não têm um psicólogo, né? Que deveria ter um psicólogo assistente social para atender essas famílias de pessoas desaparecidas. E isso seria o ideal. Então, nós não temos um sistema humanizado ainda, né? Para atender essas famílias quando elas buscam informações sobre o seu parente desaparecido, tá? Então, isso ainda é um erro muito grave cometido pela polícia. No nosso caso, no Centro de Antropologia de Forense e Arqueologia ali da UNIFESP. Nós trabalhamos com desaparecimento forçado político da época da ditadura militar. Então, por enquanto, nós ali estamos trabalhando com pessoas desaparecidas da época da ditadura militar.

O nosso contexto ali é a vala clandestina do cemitério de Perus. Vocês podem buscar sobre a vala no YouTube. Tem a reportagem lá do Caco Barcelos, na ocasião, na década de 90, que ele denuncia a presença dessa vala. Lá no cemitério de Perus, o que foi essa vala? Policiais que estavam escondendo corpos dentro de uma vala, enterrando corpos vítimas de violência no cemitério. E um dia, o cemitério fez uma grande exumação. Tirou todos esses corpos e mais corpos de outras pessoas, jogou

dentro de uma vala, tampou e plantou grama em cima, enfim. Para vocês entenderem, cemitérios podem ter ossuários, regiões onde eles fazem exumações de desconhecidos e não reclamados para liberar espaço no cemitério? Pode, desde que esse local seja cadastrado e informado no cemitério, que tem lá um ossuário onde as pessoas são exumadas e colocadas lá, para liberar espaço quando as pessoas não têm terreno no cemitério. Pode, desde que tenha uma identificação desse local. A vala clandestina, por isso chama-se clandestina, no cemitério de Perus ela não tinha nada disso, tá bom? Então, por isso que é clandestina. Por isso que é criminosa. De lá foram retirados 1047 ossadas que estão, 1049 perdão, que estão conosco no laboratório e todas elas já foram analisadas e agora estão em fase de identificação por DNA. Nós temos contato com muitas famílias que procuram os seus parentes desde essa época e essas famílias, na verdade, doaram muitas delas o seu material genético para que seja feita a cariação. E esses exames são feitos lá na Holanda, num laboratório chamado SMP. Porque lá é feito o exame de DNA em larga escala e é bem mais barato.

Pode falar um pouco sobre o procedimento e o prazo para se enterrar uma pessoa como indigente?

essa questão aqui, ela é muito importante, inclusive é um tema do meu doutorado, uma parte do tema do meu doutorado. O que acontece, Carol, é o seguinte, cada IML tem, vamos dizer assim, uma estrutura, e o que é o indigente? Essa palavra é muito ruim, a gente não gosta, mas a gente sabe que a polícia usa. O indigente, que é o corpo não reclamado, é aquela pessoa que é encontrada morta em algum local, ela é encontrada morta com um documento no bolso, sabe-se quem ela é, tem nome, tem RG, tem tudo ali, o nome dela, e é mandada para o IML, porque qualquer pessoa que é encontrada morta, via pública, ela tem que ser mandada morta. Foi mandada para o IML.

Então, ela é mandada para o IML para se identificar a causa da morte, é feita a necrópsia e de lá ela fica aguardando a família buscar, tá? Não é feito uma investigação, ninguém pega o telefone e liga para a família, ó, é seu marido que tá aqui, ou é seu filho que tá aqui, vocês podem vir buscar, a polícia não faz isso, tá? Então, esse corpo fica lá, ele é chamado de indigente, corpo não reclamado, tá bom? Dependendo da estrutura do IML ou dependendo do estado desse corpo, por exemplo, se esse corpo tiver bem preservado, né, não tiver em putrefação e tiver geladeira, esse corpo pode ficar ali alguns dias, cinco dias, oito dias, depois ele é mandado para algum cemitério municipal onde ele entra. Ser enterrado, tá? E com um número ali de uma lápide, com o nome dele tudo direitinho, né? Mas ele vai ser enterrado, tá? Mas se ele tiver em putrefação, como os IMLs não têm estrutura, o cheiro, né, a contaminação é muito importante, provavelmente ele vai ser enterrado um ou dois dias depois, ou no mesmo dia, tá? Com o número do BO, o nome dele, tem nome, né, lembrando, eles têm nome, né? Vai ser enterrado.

O problema disso, se essa pessoa, né, se esse corpo não reclamado, foi sequestrado em São Paulo, foi levado até uma cidade próxima, Campinas, ou onde quer que seja, tá? Foi assassinado no interior de São Paulo. Essa pessoa vai ser enterrada no cemitério no interior. Enquanto a família tá procurando em São Paulo, ele vai estar já em. Em outra cidade enterrado, então a família vai ter que procurar, sei lá, sozinha aonde foi enterrado essa pessoa, tá, então isso é um problema muito, muito sério. Para essa pessoa que tem nome, vocês imaginam a pessoa que não tem nome, que é o chamado desconhecido, ela é encontrada morta, sem documento, sem nada, vai para o IML, não é feito uma investigação adequada, essa pessoa depois vai ser enterrada e aí, se a família não foi buscar no IML, ele vai ser, não para fazer o reconhecimento, ele vai se perder para sempre, tá bom, então isso é um grave problema, grave.

Como se envolveu com a causa de desaparecidos? Tem alguma história marcante pra você?

eu sou biomédica de formação, né, depois eu mando uma parte do meu currículo pra você, mas eu fiz biomedicina e na faculdade eu comecei a fazer estágio muito de material biológico, eu vi as pessoas sofrendo, morrendo, isso pra mim era muito difícil, sofrimento, né, e a gente via que não podia fazer nada, né, então isso pra mim começou a me deprimir muito e foi uma fase que eu quis desistir, inclusive, da faculdade, mas eu era até estudiosa, né, porque eu fiz a faculdade do Colégio Particular e não podia me dar o luxo. De pegar uma dependência, né, chamada DP, porque meu pai pagava, meu pai tinha um barzinho que me mantinha e era um sacrifício, né, para me manter na faculdade. Então, um professor meu de farmacologia, que era perito, ele, a gente conversou, ele falou, ah, não, eu falei que eu queria largar o curso, talvez ir para veterinária, e ele falou assim, ó, deixa eu te apresentar a área da perícia, espera até o terceiro ano, vamos ver se você gosta. No terceiro ano eu tive toxicologia na farmácia, comecei a conhecer a parte da perícia criminal, comecei a gostar. Então, quando eu terminei a faculdade, esse mesmo professor me apresentou para o doutor Marco Aurélio Guimarães, lá na USP de Ribeirão, na Faculdade de Medicina. Medicina da USP de Ribeirão.

O doutor Marco Aurélio, ele já trabalhava com esqueletos, com antropologia forense, e fazia lá muitas identificações de pessoas desaparecidas pelo esqueleto. E eu fui apresentada a ele e ele me disse, ó, se você aguentar, ficar aqui no IML, assistir nas necrópsias e assistir três vezes o meu curso de medicina legal, ou seja, o estágio de um ano, eu aceito você como aluna de mestrado. E eu fiquei, fui aprendendo, né, desse um ano, estudando, acompanhei as três turmas de medicina legal nesse ano, né, que passou. Estudei muito medicina legal, que as três turmas da faculdade de medicina mesmo, né, e fiquei, e terminei meu mestrado lá com ele, né. Inclusive, até hoje nós somos parceiros aí na Perícia. Trabalhamos juntos em alguns casos, diversos casos, na verdade. Então foi mais ou menos isso, eu comecei a ver mais sentido trabalhando com pessoas mortas. Eu entendi que eu era a última pessoa a poder falar por aquela pessoa morta, o que houve com ela, contar a história dela

através do conhecimento da antropologia, da medicina legal, e eu comecei a ver bastante sentido, ver a importância da necrópsia, a importância de fazer um trabalho bem feito depois da pessoa morta, para trazer justiça para ela, para ela e para a família dela. Então, é isso.

Quais políticas públicas você acredita que podem auxiliar nas buscas e identificação dessas pessoas? Quais já foram implantadas e quais ainda não mas estão no radar?

Bem, políticas públicas. Muita coisa precisa melhorar, né?

Uma das primeiras coisas, humanização nos IMLs, né? Precisaria ter um assistente social, um psicólogo para poder atender as pessoas, né? Nas delegacias, porque as pessoas são vítimas de violência, vão para as delegacias e não... As pessoas muitas vezes já estão assustadas, né? Nos casos de estupro, por exemplo, né? E não tem um profissional adequado para atender essas pessoas, tá? Principalmente nos casos de desaparecimento, onde as famílias estão muito fragilizadas.

Precisaria ter um psicólogo, um assistente social para ajudar essa pessoa a saber o que fazer, né? A polícia precisaria ser mais humanizada, menos truculenta, né? A polícia civil precisaria se colocar no lugar dessas pessoas e entender o desespero que é uma pessoa que está desaparecida até 24 horas, ou pouco mais de 24 horas, né? Para poder dar uma atenção, né? Começar uma investigação, né? Acho que é isso, essa é uma das coisas. Segunda coisa, existem alguns, vamos dizer, o PLID, né? Que é o Programa de Pessoas Aparecidas do Ministério Público. Existem algumas políticas para ajudar a identificar pessoas desaparecidas, como a gente vê no metrô às vezes, né?

Que aparecem fotos das pessoas que estão desaparecidas. Isso é muito bom, né? Mas veja, não existe um sistema para cruzamento de dados de pessoas mortas, de indigentes e desconhecidos dentro das polícias, tá?

As polícias precisariam ter uma sistemática de fotografar esses corpos, montar um arquivo com essas pessoas mortas que passam pelos IMLs, que depois são enterradas, para que essas famílias possam encontrar os seus entes queridos. Através de fotos, reconhecer, né? Vou contar, os assuntos são complexos. Mas, veja, vou contar uma história breve.

No Centro de Medicina Legal da USP, onde eu fui praticamente criada, onde eu estudei tudo que eu sei há 20 anos na parte de medicina legal. Lá, a doutora Carmen Sinira, que era diretora, estipulou um processo muito simples para ajudar as famílias. Todo o corpo de desconhecido indigente que chegava lá, ela pedia para a técnica da USP fotografar pertences, fotografava tudo daquele corpo, tatuagem, roupa, tudo.

Montava uma pastinha, né? Aonde ele foi encontrado, a pastinha era o computador, aonde ele foi encontrado, o número do boletim de ocorrência, a causa da morte, tudo certinho, porque depois essa pessoa, lembra, ela vai ser enterrada, né? E ela colocava uma folha de rosto num livro, uns plásticos, assim, com uma folhinha de rosto ali daquela pessoa. Esse livro ficou conhecido lá no SEMEL como o livro dos mortos. Então, tinha a pastinha com os dados dele do computador e uma outra pasta, né, com esses plásticos, onde a gente colocava ali a imagem, né, um resuminho.

Quando a família tinha alguém desaparecido na família, essa técnica da USP, a Cristina, ela recebia esse familiar e falava, olha, nós temos um livro aqui onde foram encontrados corpos de pessoas, né, e que é muito triste, óbvio, né, mas, de repente, você possa olhar, né, e vocês não acreditam a quantidade de identificações que foram feitas nesse livro durante aproximadamente mais de 15 anos, né? As famílias iam ali, nossa, meu pai, nossa, meu familiar, tá falecido, mas a gente sabia onde ele tava, né, no cemitério tal, no lugar tal, direitinho, a família podia retirar dali, eu podia visitar, levar para o seu túmulo, né, de família. Então, veja, um trabalho simples, né, que foi feito em Ribeirão Preto, que deu muito certo, né, e que poderia ser feito nos IMLs por aí, em todos, e, além disso, fazer uma intranet nesses IMLs para que essas informações de pessoas mortas fossem trocadas, né, porque é muito triste receber a informação de que o familiar está morto, mas acaba a busca, acaba essa angústia, esse desespero, né?

Então, é isso. Praticamente zero de políticas públicas que são feitas para essa condução de pessoas mortas, tá? Então, continua sendo muito ineficiente, né, a polícia, muito ineficiente, e isso é uma infelicidade.

Anexo 9 - Entrevista Talita, pesquisadora do Fórum Brasileira de Segurança Pública

Eu queria entender como vocês coletam todos esses dados para fazer aquele compilado no anuário. Como é todo esse processo? Tudo que a gente faz para o anuário, a gente pede por lá, pela Lei de Acesso à Informação.

Então, a gente solicita aos 27 UFs. Normalmente, a comunicação é feita com a Secretaria de Segurança Pública, embora haja alguns estados em que a Polícia Civil fornece esses dados. No entanto, a coleta de informações é realizada por meio da Lei de Acesso à Informação.

Eu não estou ouvindo você. Ah, desculpa, eu tinha desativado o microfone para que você pudesse responder. E quanto tempo você trabalhou na análise desses dados para fazer esse compilado?

Quanto tempo levou para montar tudo? Você está se referindo ao anuário ou ao mapa? Ambos. Se você puder fornecer informações sobre cada um, por favor.

O anuário é um processo que se estende ao longo do ano inteiro, em essência. Portanto, solicitamos os dados e eles têm 20 dias para responder. Esse prazo pode ser estendido por mais 10 dias.

Assim, eles têm aproximadamente um mês e pouco para fornecer os dados. Em seguida, revisamos os dados para garantir que estejam coerentes com os números do ano anterior. O Fórum tem produzido o anuário desde 2006 ou 2007.

Muita coisa mudou desde então, e os dados melhoraram consideravelmente, embora ainda haja alguns obstáculos. Portanto, trabalhamos em todo o processo ao longo do ano, já que começamos a planejar o próximo desde o ano anterior.

Precisamos considerar o que solicitaremos no ano seguinte, levando em conta as perspectivas políticas e o cenário. O que faz sentido incluir e o que faz sentido remover? Portanto, são cerca de um ano de preparação no total. No entanto, entre a solicitação dos dados, a obtenção dos dados e a análise, são necessários aproximadamente 4 a 6 meses.

Quanto ao mapa, como era focado principalmente em pessoas desaparecidas, requer menos tempo, pois estávamos analisando apenas um tipo de informação. Enquanto o anuário aborda várias outras questões. Portanto, o tempo necessário para o mapa foi menor.

No entanto, o procedimento foi semelhante em ambos os casos. Ah, entendi. O mapa ficou muito bom mesmo, com mais detalhes e visualmente mais atraente.

Gostei bastante. Eu também queria saber se você acha que esses números realmente representam a realidade. Você está acompanhando todo o processo de revisão. Não.

Pelos que vemos, os números estão subnotificados. Primeiro, não conseguimos determinar quantas das pessoas desaparecidas foram localizadas, porque as polícias não relacionam o boletim de ocorrência com a localização do desaparecimento, com exceção do Distrito Federal.

Portanto, não sabemos quantas das pessoas desaparecidas foram localizadas. Não podemos afirmar isso com precisão. Além disso, quando falamos sobre pessoas desaparecidas, não estamos contando indivíduos, mas sim registros. Portanto, uma pessoa pode ser registrada como desaparecida mais de uma vez, por diferentes pessoas.

Isso torna difícil determinar com exatidão quantas pessoas estão desaparecidas. Além disso, em algumas regiões do Norte e Nordeste, as pessoas que desaparecem em áreas remotas, como no Amazonas, raramente relatam o desaparecimento. Nessas áreas, as famílias geralmente não percorrem longas distâncias de barco para registrar um desaparecimento em uma delegacia, especialmente se não houver uma delegacia especializada nas proximidades.

Por exemplo, no Amazonas, há apenas uma delegacia especializada em Manaus, a capital. Portanto, o deslocamento para registrar um desaparecimento é extremamente difícil. Além disso, nem todas as delegacias permitem o registro de desaparecimentos via internet, como é o caso em São Paulo. Portanto, existem muitos fatores envolvidos no problema do desaparecimento. Desde a falta de notificação até o fato de que, em algumas áreas, as pessoas desaparecidas raramente são relatadas.

Você mencionou que houve uma melhora considerável nos dados desde que o Fórum começou a produzir o anuário em 2006 ou 2007, mas ainda há desafios significativos. Para o futuro, você acha que há políticas públicas em andamento ou planejadas que podem melhorar a coleta e a precisão desses dados? Há alguma iniciativa do governo para abordar essa questão?

Em relação à questão de quantas pessoas foram localizadas, temos os números, mas não podemos vincular as pessoas localizadas aos números de pessoas desaparecidas. Portanto, não podemos dizer com certeza quantas pessoas ainda estão desaparecidas. Exceto no Distrito Federal, onde essa relação é estabelecida. Até que lei temos disponível?

Temos a Lei Nacional de Busca de Pessoas Aparecidas (Lei nº 13.812), de 2019, que foi uma colaboração entre o antigo Ministério da Mulher e o Ministério da Justiça. Essa lei representa um avanço importante no que diz respeito à definição de

desaparecidos, pois, até 2019, não havia uma definição legal abrangente sobre o que constituía uma pessoa desaparecida.

Antes disso, as leis abordavam o desaparecimento apenas de crianças e adolescentes. A nova lei estabelece um Banco Nacional e um Cadastro Nacional de Pessoas Aparecidas, que é um amplo banco de dados que reúne informações sobre pessoas desaparecidas e localizadas. Esse banco de dados é compartilhado entre as polícias e o Ministério Público, facilitando a comunicação e o compartilhamento de informações.

No entanto, até agora, temos apenas o Sinalid, que é uma iniciativa do Ministério Público. Não é uma política pública nacional, e muitas vezes é subutilizado. As polícias também reclamam que o preenchimento das informações no Sinalid demanda muito tempo, o que é um recurso escasso. Além disso, há um déficit significativo de policiais civis em alguns estados, como São Paulo, o que dificulta ainda mais o preenchimento correto dessas informações.

Em relação ao futuro, esperamos que a nova gestão e o Sistema Único de Segurança Pública (SUSP) possam avançar nas políticas de busca de pessoas desaparecidas. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito, e a lei precisa ser efetivamente implementada para que haja uma melhoria significativa na coleta e na precisão dos dados sobre desaparecimentos.

Anexo 10 - Entrevista Rui Pegolo, delegado

Mas aqui a primeira pergunta é se existe algum tempo definido que a família deve aguardar antes de fazer o boletim de ocorrência em caso de desaparecimento.

Não, isso não tem.

Existe um costume de falar 24 horas.

Não.

Não existe um prazo legal.

Se é uma pessoa arregrada.

Vamos pensar.

É uma pessoa arregrada que trabalha, que tem um emprego fixo, que nunca desapareceu.

Uma professora, por exemplo, ela chega em casa todo dia de segunda a sexta, cinco da tarde.

Por quê?

Porque ela sai do trabalho às quatro e meia, ela vai caminhando.

Deu sete horas da noite, ela não chegou, por algum motivo ninguém consegue contato com ela, ela está desaparecida.

Entendeu?

Duas horas é o suficiente para fazer um boletim de ocorrência.

E vai caber a pessoa, o policial que vai investigar, que vai registrar esse fato, aquilatar isso aí.

Mas duas horas, às vezes, para determinadas pessoas, já é o suficiente para estar desaparecida.

Agora, vamos mudar de exemplo.

O cara que gosta de ir para a boteca, que bebe, que não tem emprego fixo, que já desapareceu em outras oportunidades, que é viciado em droga, um filho problema.

Esse garoto, por exemplo, ele chega em casa todo dia às oito.

Não chegou às quatro da manhã.

Bom, será que ele está desaparecido?

Você vai começar a estudar o histórico dele, você percebe que ele é dependente de droga, já foi preso alguma vez, já se envolveu com coisa e disse.

Então, juridicamente falando, não existe um prazo.

Vai depender do caso em concreto.

Essa é a resposta mais que eu posso te aproximar.

E essas particularidades acabam atrapalhando as investigações, porque depende muito da pessoa, né?

Não, cada caso é um caso.

Não existe um desaparecimento igual ao outro.

Cada crime tem a sua característica, as suas circunstâncias, tá?

Por exemplo, eu estou com o desaparecimento de um homem aqui, de um guincheiro.

Ele nunca entrou numa delegacia de polícia, ele nunca teve antecedentes criminais, ele nunca se envolveu com nada errado, até onde a gente sabe.

Ele está desaparecido faz um ano.

Um mês antes dele desaparecer, ele solicitou a aposentadoria dele, junto ao INSS, ele tem 66 anos.

E ele sacou a primeira aposentadoria dele, e depois ele usufruiu.

Depois de uma briga com a esposa, com a companheira, ele sumiu.

Ele não faz contato com a companheira, ele não faz contato, ele não tem filho.

Ele tinha enteados, né?

É um caso que foge um pouco da curva, porque ele não tinha vícios.

Então esse caso, o que nós fizemos?

A polícia instaura, que a gente chama, um PID, um instaura inquieto.

Bom, mas aí não é outra pergunta, né?

Então, dentro desse caso em concreto, a polícia instaura um PID.

O que é um PID?

É um procedimento de investigação de pessoas desaparecidas.

Quer ver?

Me dá esse aqui, por exemplo.

Então assim, é um PID, Procedimento de Investigação e Desaparecimento de Pessoas.

Tem o número, tem a data que a gente registra, a natureza do desaparecimento, o nome do desaparecido.

Essa aqui é aquela mãe e filha, né?

Um exemplo.

Mãe que desapareceu com o outro filho.

Ela registrou o encontro.

Elas foram para outro estado, fugiram do marido?

Não, essa é a outra casa.

Tá, mas já encontrada.

Já encontrada.

Então, é.

Foram encontradas, nós estamos dando baixa no registro desse PID aqui.

Então não existe um caso igual ao outro.

As pessoas têm N motivações para desaparecer.

N.

Uma desilusão na vida.

Uma...

Uma desilusão.

Alguma coisa envolvida com droga.

A pessoa passa a viver na rua.

A pessoa fica viciada.

1% dos desaparecimentos, a gente tinha uma estatística, as pessoas desapareciam porque elas foram mortas.

E o corpo não foi achado.

Então de cada 100 desaparecidos por ano, vamos imaginar, não é essa a estatística, por ano desaparecem em média 60 por mês, vezes 12, vai dar 1.200, 1.300 e...

Bom, 70% é encontrada logo após.

2, 3 dias após.

A pessoa desapareceu, foi para um motel, ficou lá 3 dias no motel, se drogou.

Enfim, N motivos.

1% das pessoas que desaparecem foram vítimas de homicídio.

Que a família não imaginava, então registra o B.O.

De desaparecimento.

Depois a gente passa a investigar o fato e percebe que a vítima foi...

Ou foi vítima da atuação do crime organizado, do famigerado PCC.

Muitos casos nós temos aqui de vítimas desaparecidas cujos corpos são ocultados em locais incertos, cemitérios clandestinos.

Porque essas pessoas tiveram um envolvimento anterior.

A maioria das vezes é por abuso sexual.

Pessoas pedófilas.

Então, assim, se tem muitos casos que chegam na periferia, né?

Somente na periferia onde tem a atuação do crime organizado.

Então, não é incomum alguém ser acusado de ter abusado sexualmente alguma criança.

Essa pessoa, ela é arrebatada pelo crime organizado.

Ela é julgada pelo crime organizado.

E ela é decretada a morte dela.

Essa pessoa, ela é morta, ocultada, enterrada e a polícia...

Diante desses casos a gente consegue instaurar inquérito policial porque são fortes as evidências de que ela foi morta.

Muito embora não tenha um corpo.

Então isso não é incomum acontecer hoje em dia.

É muito frequente isso, pelo contrário.

Então, quando a gente tem...

Mas esse, por exemplo, vamos pegar esse senhor aí do...

Do guincheiro.

66 anos.

Não tem nada que fale que ele...

Porque eu suspeito que ele pode ter abusado de alguém.

Pode ter caído na boca da criminalidade.

Foram lá, pegaram ele.

Fizeram um tribunal do crime.

O que é o tribunal?

Eles chamam as pessoas.

Família da vítima, em tese a família da criança, o pai e a mãe da criança.

Eles pegam o depoimento desses familiares.

Que confirmam que a criança falou, que mexeu, que enfim, não sei o quê.

Eles obtêm a confissão, mediante tortura, do acusado, do suspeito.

E eles matam.

Matam, filma.

Enfim, é muito trágico isso.

Mas ocorre, entendeu?

Nós já pegamos filmagens de gente sendo mortas.

A golpes de picareta sendo enterradas, entendeu?

Filmagens em celulares de bandidos, é.

Celulares deles sendo julgados, sendo mortos, ao vivo.

Eles gravam tudo, porque eles precisam mandar para os superiores hierárquicos do crime organizado, que foi feito a decretação da sentença, enfim.

Então, essa pessoa fica desaparecida.

Porque a gente não acha o corpo.

Ninguém confessa que, ah, eu fui eu que enterrei.

Tá lá na mata da estrada.

Ninguém confessa.

É muito difícil a gente achar um cemitério com esse tipo.

Mas as pessoas respondem pelo crime, entendeu?

Então, assim, quer ver outras perguntas?

Vou ler aqui, então.

Então, você disse que não tem tempo.

Eu ia perguntar se essa espera não atrapalha as buscas.

Então, não existe esse protocolo.

Não existe, não existe.

Se a pessoa virar e olhar e falar, não, espera 24 horas.

Eu falo, não, eu não quero esperar.

Para mim, o meu pai, minha mãe, meu filho, para mim eles já estão desaparecidos.

A vida inteira eu ligo no celular deles e eles sempre atendem, entendeu?

Cada caso é um caso.

Muito praticado.

É.

E quais as informações que são colhidas pela polícia sobre desaparecimento?

Então, a gente...

E quais os instrumentos?

É, a gente tenta buscar, né, junto aos sistemas policiais.

Primeiro, se aquela pessoa tem um histórico de desaparecimento, se tem um histórico policial de envolvimento com droga, a gente vai tentar individualizar, porque a gente não conhece as pessoas desaparecidas, né?

Então, assim, se é uma pessoa do bem, com trabalho, carteira assinada, que nunca se envolveu em nada ilícito, nas consultas, a gente cruza dados, nós temos umas fontes de pesquisa, né?

Nós temos as fontes abertas e fontes fechadas.

O que são fontes fechadas?

São fontes da polícia civil, que só a polícia civil tem acesso.

Boletins de ocorrência, o estrato detecta, enfim.

E temos as fontes abertas.

O que são fontes abertas de investigação?

As mídias sociais, as redes sociais.

Facebook, Instagram, enfim.

Nós fazemos uma coleta de dados, né?

Para entender qual é o perfil dessa pessoa, entendeu?

E tem uma equipe especializada para isso?

Não, não.

Não temos uma equipe.

Via de regra, temos uma equipe que registra esses fatos.

Há um déficit muito grande de servidores para trabalhar nesses casos.

Deveria ter uma equipe só para esse tipo de caso.

Não temos.

Há um déficit muito grande de servidores na polícia civil hoje.

É notório isso, entendeu?

Então a gente vai fazendo o que dá, né?

Então a mesma pessoa que registrou o homicídio está registrando o desaparecimento.

Isso.

E como se investiga um desaparecimento?

Primeira coisa, é isso que eu falei.

Primeiro é tentar identificar o perfil da pessoa.

Segundo, se está com o celular e se não está com o celular.

Se se manifesta em rede social, se não se manifesta.

Tentar rastrear esse aparelho de alguma forma, com medida judicial, entendeu?

Então são vários os tipos.

Oitiva dos familiares.

A gente vai ouvir a mãe, ouvir o pai.

Detectar se tem algum problema, se não tem.

Se é a primeira vez, se não é.

Então cada caso é um caso.

Certo.

Por quanto tempo as postas são realizadas?

Não tem tempo, não tem tempo.

O que tem é a falta de funcionário, o que tem é, né?

Que acaba enterrando um pouco.

Mas assim, nós aqui damos prioridade.

Para quê?

Para menores de idade quando desaparecem, para mulheres.

Então assim, desapareceram 30 no mês, esses 30 anos.

Dos 30 que desapareceram, 7 não voltaram.

Então a gente vai, espera aí, vamos dar prioridade aqui.

Tem mulher na fila?

Tem.

Opa.

Qual é o primeiro passo?

Como desaparece uma mulher?

Quando o próprio marido, namorado, companheiro faz a declaração de desaparecimento na delegacia.

Nós vamos investigar esse cara.

A gente já foca nele.

É, já.

Não raras, né Roberto?

Pelo menos eu estou aqui há 14 anos, já pegamos uns 5, 6 casos desses, entendeu?

De maridos, companheiros que fazem o registro e eles estão por trás da morte.

Entendeu?

Existe alguma equipe para lidar com a família dessas pessoas?

Não.

Não, infelizmente não.

Nós atendemos todo mundo aqui.

Não existe uma equipe específica para isso.

Existe algum protocolo para seguir nessas ruas?

Sim, é o que eu digo.

Porque são singulares, né?

Mas existe alguma...

O protocolo existe, existe.

Nós temos um método de investigação, de onde a gente parte e onde a gente quer chegar.

Por exemplo, esgotamos a questão do telefone celular, a pessoa tem dinheiro, opa, vamos oficializar o banco para saber se está tendo saque, se não está tendo saque.

Às vezes a pessoa brigou com a mulher, não quer voltar nunca mais, mas está lá sacando a aposentadoria, enfim.

Está tendo um movimento na conta, né?

E a pessoa não quer aparecer.

Teve alguma desilusão familiar, enfim.

É um desaparecido, mas às vezes a gente se lida com a situação que o próprio desaparecido está indo lá no banco sacar o dinheiro captado pela câmera.

A equipe faz busca em campo e depois quando encontra, né, para devolver à família.

Porque às vezes, como eu disse, às vezes desaparece por uma desilusão.

Não é difícil retornar à família?

A pessoa sumiu, talvez ela não queira voltar mais.

É muito difícil.

Pegamos um caso recente aqui de um estudante da UNICAMP, ele estava fazendo pós-graduação na UNICAMP e ele desapareceu durante três dias.

A UNICAMP inteira se manifestou, a reitoria da UNICAMP, ele estava, enfim, estava tendo saque do dinheiro, do celular dele.

Nós apuramos que ele estava aqui na região central de Campinas, naquelas pousadas aqui, que é um antro de promiscuidade e tudo.

E ele estava ali, ele não queria voltar mais.

Ele já tinha arrumado um companheiro, os pais da Bahia já estavam pegando um voo para vir para cá e ele encontrou os pais aqui.

Ele não queria voltar com os pais, enfim, ele tinha entrado na droga, na dependência do álcool.

Então são situações complexas, complexas que a polícia não tem uma estrutura para lidar com isso.

A função da polícia é localizar o ser humano.

Localizou, entrega para a família e daí para frente a família tem que buscar, por recurso próprio, não é?

Um direcionamento para aquela pessoa.

O que seria uma equipe ideal para lidar com esses casos?

Você acha que a polícia deveria também dar esse apoio psicológico?

Eu acho que sim.

Eu acho que sim.

Como há na DDM, na Delegacia da Mulher, quando as mulheres são vítimas de maridapém, enfim, há toda uma rede ali para atender aquela mulher, para absorver aquela questão de feminicídio, enfim, de agressão, para dar apoio para ela.

Aqui, por exemplo, a polícia não tem esse mecanismo.

Nós, aqui, policiais, acabamos nos virando, nos 30 que a gente fala, para tentar recompor esse dano psicológico aí da pessoa.

Mas não tem, realmente seria ideal que tivesse.

E no Manual de Segurança Pública a gente percebeu pouco detalhamento do perfil das pessoas desaparecidas.

Esse número total que aparece lá no manual, eles contabilizam os B.O.s.

E um boletim pode incluir mais de uma pessoa desaparecida, que foi o caso que você falou, que tem uma mãe e uma filha.

É, mas é um registro só.

É um fato, é um registro só.

Então, eles contabilizam um...

Um fato só.

Ah, certo.

E por que os dados são trabalhados dessa forma?

O ideal seria que tivesse mais detalhamento, que ele fosse, assim, realmente contabilizado certinho?

É, eu não consigo te responder essa pergunta, assim.

Não consigo, porque há um desenvolvimento do boletim de ocorrência, a forma pela qual ele é feito.

Por exemplo, esse caso aí era uma mãe com os filhos, né?

E qual que foi a situação desse caso?

Eu não estou me recordando desse caso.

Ele teve dois filhos e tinha muitos filhos, por isso.

Ah, tá.

Antigo.

Um caso relativamente antigo, né?

Essa falta de detalhamento não interfere no trabalho da polícia?

Não, não, acaba não.

Não acaba interferindo.

Você trabalha mais com o factual, né?

Sim.

Você chegou...

Sim.

É, isso é uma dúvida de uma outra coisa que você tinha comentado, que vocês priorizam mulheres e menores.

Menores.

Os menores, por que eles dependem dos pais?

Tem alguma questão além disso?

A questão do menor, o que que é?

É pelo próprio estatuto da criança e adolescente, né?

Que tem que ser priorizado, né?

E hoje em dia com essas mídias sociais, essas redes sociais, as meninas, meninos de 14, 15 anos, já arrumam um relacionamento à distância e de repente resolvem mudar para o Rio Grande do Sul, como acontece.

Se encontrar com uma pessoa que ele vem conversando há seis meses e não dá satisfação para a família, ou entra num ônibus, num caminhão e vai, entendeu?

Então, assim, priorizamos pela condição de ser menor de idade, né?

Por isso que essa é a prioridade da tentar, vamos lá, tentar localizar do mais rápido possível, né?

Não sei se foi a sua pergunta.

É, isso mesmo.

Entendeu?

E só uma dúvida, você comentou sobre o PID.

Então, todos os desaparecidos fazem o PID?

É, nem todos.

Quando uma pessoa volta, a gente deixa o desaparecimento estande em baixa, em pouquinho, em dois, três dias.

Porque, via de regra, as pessoas retornam.

A regra é o retorno.

A regra é o encontro.

A ponto fora da curva é quando passa muito tempo e aquela pessoa não tem histórico de desaparecimento, não regressa, entendeu?

Então, não dá para estourar PID em todos os casos, né?

Por exemplo, aquela professora que eu falei lá, ela justificou, ela foi no shopping, acabou a bateria do celular, enfim, ela passou fazendo um negócio, ela demorou duas horas a mais, naquele dia, exatamente, ela atrasou.

Enfim, eu não vou estourar um PID, né?

A família vai ter o registro, mas a gente aguarda.

Pô, vamos aguardar um pouco.

Então, assim, depende do caso, entendeu?

Não é porque não estouramos o PID que não está sendo investigado, né?

Um simples telefoneio, às vezes, resolve a coisa.

E esse PID, então, é só para...

É um procedimento interno da polícia, que ele é submetido a...

Ele é submetido a um controle interno da polícia.

O Poder Judiciário não tem conhecimento do andamento dele.

Mas quando há correição, porque a polícia civil, ela passa por correição de juiz a cada seis meses, certo?

Para saber se tudo aqui está sendo feito corretamente.

Então, todos os...

Os atos aqui de polícia judiciária são objeto de...

De uma correição senestral.

Então, tem um livro, é um registro, para mostrar um controle interno sobre isso, entendeu?

Ele não se torna público.

Ele é diferente do inquérito policial, que é instaurado para apurar crime.

Porque desaparecimento não é um crime.

Em tese, não é chamado como crime.

Não existe um fato típico.

Diferente do furto, roubo, estupro, homicídio, infanticídio, latrocínio.

Ele é um fato penalmente atípico, mas é um fato policial.

Alguém desapareceu por algum motivo.

Existe um desaparecimento imotivado.

Tem um motivo por trás disso.

Então, o que gera o registro do boletim de ocorrência?

Gera o cancelamento do RG, o documento é cancelado.

Se a pessoa for exibir o documento para algum policial, por exemplo, numa abordagem, vamos imaginar, o policial militar está na rua, fazendo uma abordagem dentro de um bar, e tem cinco pessoas ali jogando uma sinuca.

Ele desconfia das pessoas.

Ele vai fazer uma busca.

O documento está aqui.

Ele vai pesquisar o documento e vai ver que tem um bloqueio lá.

Bloqueio por desaparecimento.

Eu não tinha falado nisso.

O policial, em tese, vai entrevistar aquela pessoa.

O que aconteceu?

O policial conduz aquela pessoa, convida ele.

Ele não está praticando nenhum crime, certo?

Ele conduz, ele entra na delegacia, faz tempo para fazer contato com os familiares.

Entendeu?

Então, esse PID, eu tinha uma dúvida sobre isso, ele é para as investigações mais demoradas?

Isso.

Então, ele é para orientar mesmo?

Para notar?

Isso.

O PID é um procedimento que vai dar corpo ao protocolo que nós vamos atuar num caso de aparecimento.

Então, por exemplo, eles pediam um ofício para o banco.

A pessoa, a família, tem desconfiança que o filho está desaparecido, mas o banco está sendo movimentado.

Então, tudo isso vai ser instruído no PID, entendeu?

Esse PID só vai ser arquivado em tese ao encontro da pessoa.

Se essa pessoa não for encontrada, o PID vai ficar aberto até onde a gente conseguir apurar.

Não tem uma data para finalizar, entendeu?

Não tem uma data para encerrar o caso?

Não, não tem.

Não tem.

Enquanto esse corpo não for encontrado, essa vítima, viva ou morta, não for encontrada, o PID vai ficar aberto.

Entendeu?

Entendi.

Era isso.

Anexo 11 - Entrevista Eliane, mãe de Ailton Botelho - desapareceu no dia 03 de março de 1999

Quando eu fiquei grávida do Ailton... eu tinha 16 anos. Sim. Aí, casei com o pai dele.. Só que antes... aí, tudo bem, casei, né? Aí, quando eu estava com 7 meses de gravidez, eu lavando o chão da minha cozinha e eu caí. Aí, naquele impacto no chão, eu caí bem de lado, né? Sim. A barriga ficou... na hora a barriga ficou dura, mas... A minha sogra me levou no hospital, me socorreu, mas estava tudo bem, fez os exames e ficou bem. Estava mexendo, o coração estava batendo... e aí... ele nasceu. Quando ele nasceu, ele nasceu com a moleirinha bem... bem... bem baixa... né?

Aí, eu falei pro médico, nossa, não vai ter problema, mas ele falou assim, não, esse problema aí é o seguinte, quando... é... mais ou menos crescendo, não sei, tudo vai formar, vai tampar... vai criando pele, vai criando cabelo e tampa tudo. Realmente, tampou...

O Ailton deu trabalho, viu? O Ailton era difícil pra dormir. Ele demorou pra andar. Ele foi andar com mais de dois anos e meio que ele começou a andar. E ele engatinhava, sabe como? Ele engatinhava com a bunda, ele não colocava a mão no chão. Colocava a bunda no chão e arrastava. Eu achava engraçado. Ai, meu Deus. Aí... Mas era engraçado, mas ao mesmo tempo não era, né, era algum atraso que ele tinha na mente. E aí ele foi crescendo. O Ailton foi crescendo... fez três anos e meio, fez quatro...

Aí o Ailton estava com cinco anos. Eu já morava no interior da cidade de Bebedouro, que a minha sogra vendeu a casa em São Paulo e a gente mudou pra lá. Lá, quando ele estava com cinco anos, foi a primeira coisa que ele fez na vida do Ailton, que assim que eu achei... meu Deus, eu fiquei louquinha da vida.

Porque o meu marido, você olha ele aí... eu só tinha ele, não tinha a menina ainda, não.

Ah, você tem outro filho?

Tem uma filha,. Sim, a minha filha era pequena. A Leila.

Ele tinha cinco e ela já tinha um ano, porque ele é quatro anos mais velho. E eu falei, fica com as coisas que eu vou fazer a compra, pegar a bicicleta, porque no interior tinha muita bicicleta, né. E fui fazer essa compra e ele ficou com as crianças. Ele, a minha sogra, tudo ali. E eu fui fazer a compra. Quando eu cheguei no mercado, o mercado era longe. Falar sério, eu não sei como o Ailton conseguiu chegar onde eu estava. Ele foi até você? Foi até nesse mercado onde eu estava. O mercado era longe.

E você de bicicleta? Sim.

E eu fui de bicicleta. Encostei a bicicleta, tranquei, entrei no mercado, estou fazendo a compra. Eu estou vendo aquele menino puxando minha roupa. Eu estou crente que esse menino deve ser de outra pessoa, né.Né. Alguma criança que estava ali no mercado com a mãe. E quando eu olhei assim, eu vi o Ailton. Eu achei que o pai dele tinha vindo atrás de mim para poder a gente levar a compra, porque lá no mercado eles levavam. Isso eu fazia e eles entregavam, né. E aí eu falei assim, O Ailton, com quem que você veio? Ele falou assim, mamãe, eu vim sozinho. Eu vim andando. Nossa.

Cinco anos, você veio? Eu cheguei bem onde eu estava, era longe de carro. Não sei carro para lá, carro para cá, era uma rodovia que passava carro toda hora. Olha, eu naquela hora não briguei com ele, não falei nada, peguei na mão dele, comecei a comprar as coisas, mas assim, estou transtornada, né. Quando eu cheguei em casa, o pai dele estava procurando ele de todo jeito, não achava também. E ele saiu sem o pai vir. Nossa. E aí, chegando lá, eu cheguei com ele, né, pus a bicicleta e foi para casa. Aí eu cheguei para o meu marido e falei assim, olha, está aqui o Ailton, está lá no mercado mais eu. E isso foi a primeira. Passou, o Ailton já estava com oito anos. E o Ailton na escola era péssimo na escola.

Ele não conseguiu passar, nem fazer uma letra no primeiro ano. Já estava com oito anos no primeiro ano ainda. Nessa época as escolas não eram preparadas, né. A escola naquela época, lá em noventa e pouco, aí deu oitenta e pouco, né, oitenta e pouco, era muito atrasado, né. Para a professora identificar quem era bom, quem não era, quem tinha raciocínio, quem não tinha. Aí eu recebi muita reclamação do Ailton. Primeiramente, o que ele fez? Na hora do recreio, ele senta na porta da escola, da classe dele, todo mundo vai pegar o lanche e ele não vai. Ele fica ali esperando. Aí a professora precisa pegar na mão dele e leva ele lá para pegar, senão ele não vai. E tinha essa timidez com ele, né. Na escola, ele divulgava a cabeça na carteira e dormia.

Todo mundo estudando e ele dormia. Sendo que ele dormia a noite toda. A professora me chamava. O Ailton dorme bem à noite? Eu falei, dorme. Ela achava que ele não dormia à noite, eu falei, dorme. Eu falei, nossa, chega que o Ailton dorme pra caramba. E aí eu ponho a cabeça no... E eu deixo, porque eu não sei o que ele tem. O que ele tem, se está com sono, o que não está. Eu falei, não, ele dormiu a noite toda. Aí eu passava a mão na cabeça dele, passava a coisa.

Aí um dia, o Ailton começou a fazer cocô na calça lá na escola. Grandão. Mais de oito anos pagando na roupa. Eu falei, meu Deus. Chegava em casa e a professora mandava, porque tinha fazendo cocô na roupa. E alguém ia levar ele. Outro dia, eles esqueceram o portão da escola aberto e ele chegou em casa. Fora de hora de sair, porque o que eles buscaram, né?

Sim, caramba. Três horas, o que você está fazendo aqui? Quem trouxe você?

Eu vim sozinho, o portão estava aberto e eu saí. Mas não pode. Porque lá é responsável a professora, a diretora. Ainda bem que eu estava em casa quando eu cheguei naquela hora, mas eu trabalhava.

E a escola era longe da sua casa? É a distância um pouco, mas não era tanto. Ah, sim. A escola era como se eu estivesse na praça da Sé e eu descia aquela rua a 25 de março todinho. A escola era essa distância. E ele foi muito pequeno. Não era muito...

Ele não tinha oito anos ainda, não. Aí quando pensa que eu estou em casa, a professora chega atrás, porque todo mundo entrou e ele não entrou. E cadê esse menino? Porque eu estou procurando ele na escola e não achava ele. Aí ele foi em casa. Chegou lá e ele estava em casa.

Quer dizer que ele já estava saindo sozinho, não é? Sim.

Aí ele passou, passou, passou... Tudo bem. Quando foi, um belo dia, o pai dele comprou uma bicicleta. Ele falou assim... Vou comprar uma bicicleta para o Ailton porque todos os meninos aqui têm bicicletas e ele não tem. Ele só ficou olhando. Ele falou assim... será que ele vai aprender? Porque na escola ele não está indo bem, imagina na bicicleta. Mas não é que ele aprendeu, ele montou na bicicleta, e saiu torto pedalando e foi. E não caiu. Tem uma coisa ruim para a escola, a mente rompeu a escola, mas montou a mente nas pernas e foi bem.

No esporte ele era bem, né? Não caiu. O equilíbrio foi bom e foi entortando, mas foi, mas não caiu. E ali ele aprendeu.

Nem entortava, nem entortava, mas um dia eu cheguei do serviço, 5 horas da tarde eu cheguei, e o meu esposo falou assim... Era um sábado, e ele falou assim... Olha, o Ailton saiu faz uma hora e a gente está procurando, e até agora a gente não achou. E ele saiu com a bicicleta. Meu Deus do céu. O Ailton já estava lá para os seus 9 anos. E eu falei... Meu Deus, e o Ailton cadê?

E o Ailton não é que saiu, só era dali, do meio. Aí eu peguei minha bicicleta e fui rodar, mas a gente de mão leva a gente em cima, você sabe? Sim. E não é que eu fui...

Ah, onde o Ailton estava? Aí eu passei perto da rodoviária, eu subi, aí eu vi um morro lá em cima do morro, e ele estava na rodovia lá embaixo. Lá em cima eu vi um menino, bem pretinho, moreninho, porque o Ailton era bem moreno, né? Aí eu olhei e falei assim... Meu Deus, será que aquele é o Ailton? Aí dei a volta por trás, toda aquela rodovia, dei a volta por trás, para ele não me ver. Ele estava na ribanceira, olhando os carros lá embaixo. Caramba! Se eu for de frente, vai ficar pior, então é melhor ir por trás. Aí eu fui por trás. Chegando por trás, eu grudei já na blusa dele,

para ele não correr, não cair lá embaixo. Aí grudei na brusa dele, abracei ele com carinho e falei...

O que você está fazendo aqui, meu filho? Não, mãe, eu vim der uma volta, fui na rodoviária, ó, fui na rodoviária e peguei um monte de papel, porque naquela época o povo não era educado. Jogava os papéis dos bilhetes que comprava a passagem, tudo no chão. Antigamente, naquela época, não tinha as lixeiras para a gente jogar, igual a gente é hoje. Hoje a gente não joga nem o papel de bala no chão. A gente tem a consciência que vai sujar, né? E aquilo dá enchente depois, vai para o esgoto. E naquele tempo era assim, as pessoas compraram a passagem e jogavam o bilhete já no chão. Então era muito papel no chão na rodoviária. Ele saía catando todo aquele papel, tava com um bolo de papel na mão. Caramba.

Falei você tá fazendo o que aqui? Não mãe, eu tô vendo os carros passando, os caminhões passando, e eu tô gostando, depois eu pego essa bicicleta e vou pra casa. Aí ele subiu o morro, mas eu peguei a bicicleta e ele foi embora. Aí eu cheguei em casa e falei, mais nunca tu vai pra lá. Lá é perigoso, lá tem um homem que pega criança, que leva as crianças embora. Eu fui passando medo nele, né? Não, mãe, eu não vou mais lá, não. E nunca mais fez isso.

Aí passou, passou, passou. Um dia, eu cheguei do serviço de novo, cadê o meu marido procurando o Ailton de novo? Mas menina, era meia-noite, nós procurando o Ailton. Sabe onde o Ailton tava?

Debaixo da mesa. De casa? Dentro de casa. A toalha tampou ele e ninguém achava.

A gente procurava, entrava dentro de casa, a gente reclamava, falava alto. Eu falei, meu Deus, eu já vou chamar a polícia, porque não vai dar certo. E o menino não aparece, nós já rodou a cidade toda. E de noite, ele com a bicicleta do vizinho e eu peguei a minha. E os vizinhos tudo procurando esse menino. Moleque debaixo da mesa e não dava nem uma respiração. Nenhum barulho fazia pra gente ver que tava ali. E a toalha tampou. Tampou ele e a gente não via. E ele saiu, o belo e formoso, dando risada. Eu falei assim, ah, esse menino tem problema. Ele não vai. Brigava com ele. Eu percebi que ele não era certo fazer essas coisas, não era correto, né? Sim. Aí passou.

Eu me separei do pai dele, minha sogra faleceu, meu sogro faleceu, nós não já vivíamos bem, eu vim embora pra casa da minha mãe, com as minhas crianças, peguei os dois e fui embora. Peguei a minha filha e o meu filho e nós íamos embora. E aí, nesse de vir embora, nós ficamos separados um tempão. Eu e o pai dele, né?

Ele pra lá e eu cá. Aí logo meu ex marido arrumou uma pessoa e eu comecei a trabalhar. Aí ele já estava com 12 pra 13 anos, quando nós nos separamos. A minha filha beirando uns 8 anos. Era 4 anos mais nova, né? Aí meu esposo veio, roubou os meninos na casa da minha mãe e levou embora. E eu estava trabalhando. E levou

pra casa de uma cunhada minha em Carapicuíba, que eu nunca, nunca fui na casa dela. Em Carapicuíba não tinha endereço, eu não sentia nada deles.

Ninguém da família queria me dar um endereço. Pra não tirar os meninos dele. Aí eu procurei a polícia, fiz o B.O. Mas ele é o pai.

A polícia disse: Deixa ele sofrer um pouco. Seus filhos vão crescer. E eles vão te procurar. Procurei advogado, foi a mesma coisa.

Hoje é diferente, né? A polícia não era em cima. Aquele tempo não ia, não. Eles não queriam nem saber. Ele é pai, pai que cuida. Era assim. É o pai que pegou, então tudo bem, deixa ele cuidar. Aí arrumei advogado, o advogado falou a mesma coisa pra mim. Caramba. Ele falou assim, deixa ele cuidar, ele é o pai, seus filhos vão crescer. Eu falei assim, sim, mas eu sou a mãe. Eu que sou a mãe.

Ele levou os dois. Ela falou assim, não, deixa o tempo passar. O tempo passou mesmo, eu deixei. Eu não podia fazer nada. Eu sabia onde ele recebia, a aposentadoria dele, sabia tudo. Falei pro advogado, falei pra polícia, não teve jeito. Então eu fiz o que eles quiseram. Não quiseram me ajudar. Aí eu deixei. Esses meninos. Aí um belo dia ele trouxe a minha filha pra casa da minha mãe pra passear. Passar a férias da escola. E aí deixou aquele mês.

Não trouxe o Ailton e trouxe ela. Só com o Ailton ele levou de volta. Só deixou ela. E eu já não estava mais em São Paulo, tava trabalhando em Limeira, que eu já morava em Limeira, na casa da minha prima, fui pra lá e tava trabalhando lá. Aí minha irmã ligou, Eliane, vem pra cá que a sua filha tá aqui. Ele trouxe a sua filha. Ele só trouxe porque... Aí eu laguei lá, não sei se voltei, peguei ela, deixei esse mês todinho, mas eu tava com com sentimento ruim, porque o Ailton não tava. Aí eu trouxe ela pra Limeira. Ela falou assim, ó, ele vai vir buscar ela tal dia. Aí se tal dia ela tem que estar aqui pra não dar confusão.

Falei, tudo bem. Aí eu trouxe ela pra Limeira e fui conversando. Menina, a menina tá cheia de ferida na cabeça, a menina tava cheia de piolho. Caramba. Aí tive que cortar o cabelo dela, levar no médico pra pôr o remédio na cabeça que tava cheio de ferida. Matou uma de ferida, sabe? E maltratada, porque a mãe não tava, a minha cunhada trabalhava, tinha um monte de filho, um monte de criança também, aí virou aquela bagunça, ó. Aí eu falei, Lei, pra me dar pra mamãe, o endereço da tia, cê sabe?

Aí ela começou a chorar, porque o pai falou que não era pra dar, né? Pra ninguém. Mesmo chorando, aí eu falei assim, ó, eu vou lá na cidade, nós vamos comprar roupa, vou comprar sandália pra você, sapato, e tirar essas roupas que tavam muito feias, me fomei, comprei sorvete. Ela esqueceu, pegou e me deu o endereço.

Aí eu levei ela de volta, deixei, daí ele levou embora. Aí eu, deixei passar uns três meses, sete meses, aí eu conheci uma pessoa. Aí a pessoa falou assim, olha, aí

passou um ano e um mês, eu indo namorando com ele, mas meu marido sempre trazendo as crianças pra minha mãe, e eu sempre vendo. Aí ele falou assim, agora você vai mudar pra Santo André, e eu vou te ajudar, nós vamos pegar todos os seus filhos de volta. Os dois. Nós vamos caçar a lei, vamos caçar o direito, você vai divorciar dele e tudo vai encaixar agora. Aí tudo bem, meu marido me ajudou, né? Isso que eu arrumei.

Aí eu divorciei judicialmente, ele veio marcar o divórcio, aí no divórcio os filhos ficou comigo. Que aí eu contei lá pro advogado, aí já, a lei já mudou, né? Já tava tudo grande os meninos, já tava tudo grandão. Aí a lei... Aí os meninos veio pra mim, aí eu não quis a pensão, não quis que ele pagasse pensão não, porque ele era um homem que tinha problema. Efeito físico, né? Já recebia só um salário, se eu tirasse ele ia passar fome, e eu tinha condições de trabalhar, eu tinha meu esposo, eu fiquei... Só quero meus filhos, não quero...

Mas também, eu não tirei o direito dele ver os filhos não, mas também nunca mais veio ver os filhos. Desde quando eu tirei, não veio mais as crianças. E os meninos cresceram, esses meninos ficaram grandes, ficou rapaz, Leila ficou mocinha, e o Ailton, com 18 anos, comecei a levar pra fazer o... Ah, comecei a tratar da cabeça dele, passava no psicólogo, ele tomava remédio, comecei a fazer os exames, os exames deu que ele tinha a mente atrasada, é um distúrbio que ele tinha, tinha depressão, é distúrbio, depressão, e a mente atrasada.

Aí o médico falava pra mim que tudo nele ia acontecer. Mijar na cama, ele mijava ainda. Com 16 anos. Mas você olha, ele vai parar de fazer xixi na cama lá com seus 16 anos.

E o Ailton ainda estava com 14 já. Quando eu peguei ele do pai, tirei, estava com 14 anos. E aí eu comecei a tratar dele, tomar os remédios, levar no psicólogo, o Ailton foi chupando, passando o tempo, e o Ailton ficou com 18 anos. Tirei o documento que era naquela época, só tirava os documentos do URG, só com 18 anos, né?

Fui lá, tirei o RG dele, fiz a reservista lá do negócio de tiro de guerra, ele foi dispensado. Nesse dia do tiro de guerra, eu levei ele que estava com 18 anos. Aí foi mais eu que disse, mãe, eu não quero marchar. Marchar quer dizer levantar os pés. Não, o que eles mandaram você fazer, você faz, porque tem que fazer alguma coisa. Tudo o que os meninos mandaram você fazer, você faz também. Ele falou assim, nossa, eu não queria fazer isso. Chegou lá e não sabia nem assinar o nome. Sabe como que teve que fazer? Eu escrevi o nome dele e ele copiar. Pra ele assinar um. Aí ele conseguiu fazer, copiar todos aqueles nomes que eu fiz dele e ele conseguiu assinar.

Daquele jeito. E aí ele deu vontade de ir no banheiro. Eu disse assim, mãe, você não quer ir lá no banheiro mais eu? Ele falou assim, olha, você tem 18 anos meu filho, vai lá no banheiro que eu estou aqui na porta te esperando. Não, mas eu tenho medo

de ir lá no banheiro. Não, mas não tem nada não. Aí naquilo entrou um menino, vai no banheiro, igual ele também, doente, com problema. Ele falou isso, vai com esse menininho lá no banheiro. Aí ele foi. Foi lá já voltou dando risada, conversando com o menino que ele fazia amizade fácil. Aí ele falou assim, mãe, eu quero tomar um lanche e meu amiguinho também quer. Você compra pra nós? Aí eu comprei o lanche. Foi lá e comprou o lanche pra ele e pro menino e ali ele fez amizade. Aí não deu trabalho não. Ele jurou a bandeira eu falei, como você canta do jeito que você sabe lá?

Ele fez tudo certinho. Mas ele tinha esses problemas. Você acha que um rapaz de 18 anos queria que a mãe a levasse? Não ia, né? Pra entrar no banheiro. Era tudo assim. Era ele agiu como se ele fosse uma criança na mente dele. Era atrasado, mas eu já estava adequada. Tinha carta do médico, foi dispensado. E tudo bem.

Vou te contar o caso. Ailton fez 19 anos e a minha filha fez 15 anos.

Fizemos uma festa. Uma festa bonita, boa, lá na casa da minha mãe. Porque a casa da minha mãe era grande, né? Aí nós saímos de Santo André, fizemos toda essa festa lá, meu irmão fez o bolo, nós levamos as coisas. Fomos no festão. Os amigos deles vieram lá de Carapicuíba. A tia dele veio os primos e fez aquela festa. E na metade da festa, ele vai vira assim pra mim : Mãe, amanhã é domingo. A minha tia vai dormir aqui na minha avó. Quando a minha tia for embora, você deixa eu ir com ela. Eu vou ficar só essa semana lá na casa da minha mãe.

Essa tia é a que mora com o pai que mora em Carapicuíba, né? Mas a tia. E aí, quando essa festa acabar, a gente vai dormir, tomar café. Amanhã a gente acorda cedo e vamos. Na semana que vem, a senhora me busca? Porque ele não ia sozinho, nem pegava o ônibus, não sabia nada. Aí eu falava pra ele, tá bom, então você vai quando for sábado que vem nós vamos te buscar, porque aí você quer estudar. Eu vou fazer a sua matrícula. Eu cheguei a fazer a matrícula dele na escola.

Perto da minha casa, eu fiz a matrícula, ele queria estudar. Eu fiz aquela matrícula, que é uma pessoa que nunca estudou. Sabe aquelas pessoas que nunca estudou? Ele tinha que fazer assim também, porque ele já tinha 19 anos.

É o Eja, né?

É isso mesmo. E aí eu fiz essa matrícula pra ele e eu falei, quando ele vier ia pra escola.

Aí tudo bem, passou, passou, olha, passou o domingo, ele foi. Ficou o domingo, ah não, mas antes dele ir teve uma hora que ele tava tristonho lá no canto, lá na festa e eu olhei pra ele e ele tava quietinho, todo mundo dançando, brincando, usando tudo, dançando e ele dançou também, mas depois ele ficou quieto. Aí ele falou assim, mãe, eu posso te pedir uma coisa? Quando tocar um forró, a senhora dança comigo?

Eu fui e danço. Realmente, aí o forró veio aí ele pegou e veio dançar mais eu, dançou dançou ali na sala, lá no quintal, o quintal tá tudo arrumado pra todo mundo dançar e dançou mais eu. Depois ele sentou lá no cantinho e ficou quietinho e ali acabou, só falou como que ia ir pra casa da tia e foi no domingo assim, eu e meu esposo iam embora, minha cunhada levou ele e aí domingo, segunda e terça. Quando foi na terça, ficou domingo, o resto do domingo, segunda terça, na quarta-feira, dia 3 ele levantou, tomou café, se arrumou ele pôs a camiseta, uma bermuda, um chinelo e um boné boné na cabeça, ele tava com o boné na cabeça e um Walkman no ouvido uma blusa preta e forte verde.

E saiu e falou pra prima que ele voltava já. E o Ailton não voltou. E a última coisa que você falou com ele foi pra dançar o forró? É, ele falou que queria dançar comigo aquela música, era um forró, aí nós dançamos.

Você lembra qual que era a música? A música era a música dos Luiz Gonzaga Você lembra como que ela era? Lembra, Asa Branca Ah, sim Asa Branca E aquele tempo, né, tocava essas músicas, era tudo tempo atingo, assim. E aí tocou o forró, nós dançamos e ele ficou no cantinho dele lá triste, não sei, bateu uma tristeza nele ele tinha isso mesmo, tinha hora que ele tava alegre tinha hora que ele ficava quieto, amado lá no canto dele ele não era rebelde, ele não maltratava ninguém ele não falava palavrão o Ailton não tinha tatuagem o Ailton não tinha, tem nada assim no corpo também, sabe, ele não tinha e tinha hora que ele ficava assim, enroendo a unha, sabe ele ficava mordendo as unhas do dedo e eu falava, Ailton, não pode tinha hora que ele fazia isso e rasgava os dentes E sobre o dia da festa ele desapareceu no dia seguinte, então você lembra qual era a data? o dia seguinte não a festa foi no sábado no final do mês de fevereiro último dia de fevereiro da mesma festa foi bem no sábado aí no domingo a tia levou ele embora pra casa dela o resto da semana que ele queria aí ele ficou, o resto do domingo segunda, terça e quarta quarta-feira, 10 horas da manhã porque ele saiu já tinha tomado café, uma bermuda uma bermuda verde uma camiseta preta chinelo de dedo pois o okimeno, ouvi que naquela época usavam okimeno, era celular essas coisas, né e o boné saiu e foi esse dia, 3 de março 3 de março, né 3 de março de 1999 foi essa última vez que ele teve lá na casa da minha coelha, da minha coelha da minha avó e aí ele saiu e não voltou e como que foram as buscas depois disso?

Sim, aí eu nessa hora que ele saiu, ele também não sabia que tinha desaparecido ele saiu, achava que ele ia voltar aí deu a hora do almoço não veio, da tarde não quando foi no outro dia cedo, a minha sobrinha ligou no meu trabalho ó tia, eu tô ligando pra senhora hoje porque ontem eu pensava que ia ter chance do Ailton voltar aí o Ailton saiu, tia, ontem, 10 horas e até agora não voltou. Eu tava esperando ele voltar pra depois falar pra senhora, mas ele não voltou eu tenho que comunicar sim.

Aí eu já parei o trabalho, já liguei com meu esposo nós fomos pra Carapicuíba fizemos o B.O.

Primeiro primeiro eu fui na casa da minha cunhada, tirei a informação aí minha cunhada falou aí nós fomos fazer o B.O. a gente já começou a andar nos hospitais por ali andar na cidade de Carapicuíba andamos tudo ficamos o dia inteiro lá andando mas fala sério, não achei nada do Ailton, caramba, o que ele fez que sumiu o que deu na cabeça dele que ele sumiu porque ele tinha essa mania de ir atrás da gente e voltar, né?

Na história que eu te contei antigamente quando era menos sim mas ele saiu da casa da minha cunhada não voltou, porque ele era acostumado ali, porque ele foi criado ali, aquele tempo que o pai me roubaram ele o pai roubou eles dois.

Ficamos umas três semanas procurando aí meu marido todo dia de tarde nós íamos procurar ele eu logo de cara já perdi o emprego porque eu já pedi a conta e saí. Aí meu esposo não podia pedir conta ele tinha que seguir a vida dele, sim aí eu fiquei em casa então e eu que saia. Eu saia para os albergues meu marido trabalhava das duas às dez da noite e eu mentia para ele às vezes eu saia no horário que eles iam entrar lá no albergue que tem um horário que eles têm que entrar, entre sete e sete e pouco, eles têm que estar lá todo mundo no albergue né, essa hora eu já estava na porta do albergue olhando as caras das pessoas que entravam ficava lá observando vários albergues, eu fui quatro albergues em São Paulo, mas não não consegui encontrar.

Eu andava em São Paulo sozinha.

E como foi o trabalho da polícia eles ajudaram também nas buscas em Carapicuíba? Não, a polícia só fez o BO, até hoje eles nunca me deram resposta de nada aí eu estive lá para depois reformar o BO do Ailton, que já estava apagando, estava ficando feio eu tinha que reformar aquele BO. Aí eu fui lá levar para eles arrumarem para mim, eles arrumaram não me deram nenhuma notícia até hoje. nunca me falou nada para mim sobre o desaparecimento dele.

Aí o que eu fiz, eu fui no DHPP onde tem aquela delegacia dos desaparecidos lá né, aí lá fizeram fez a ficha do Ailton também deixaram a foto do Ailton lá. Aí lá eles fizeram as buscas em cadeia, em hospitais eles também não conseguiam achar não, aí eu ia sempre no IML né eu ia sempre no IML. Eu fui no IML de São Caetano, de Santo André, fui no IML de São Paulo, das clínicas, e cada seis meses eu ia para me ver as fotos.

Até um dia tinha um rapaz que foi atropelado lá em São Paulo, o rapaz era moreno disse que acharam o rapaz jogado aí levaram para o hospital e ele estava passando no rádio era no programa do Paulo Lopes naquela época, e aí eu fui, eu ouvi pelo rádio e fui lá nesse hospital ver esse rapaz mas chegando lá eu entrei mas chegando lá não era o Ailton era tudo que tinha para ser o Ailton era alto né tinha um metro e pouco um metro e setenta e quatro o Ailton era bem altão aí eu fui lá ver mas não

era o Ailton eu sempre ouvia as notícias no rádio eu ficava ligada na televisão no rádio porque era um caminho de eu saber de alguma coisa sabe mas falar sério eu nunca soube nada nem uma historinha dele eu nunca soube e você entrou na Mães da Sé né quando que foi isso

Ah nas Mães da Sé eu entrei rápido eu não demorei muito não dentro de um mês eu procurei a Evanise porque eu já estava cansada de andar em São Paulo ficar atrás eu mentia pro meu marido que estava em casa às vezes ele me ligava bem, você está bem? eu falava que estou a gente tinha um telefone residencial na época né não tinha celular e ele sempre me ligava às vezes eu ligo o telefone, não sei se não atende mas é porque eu não estava em casa aí eu fui na casa da minha amiga ali porque ele não queria que eu fosse em São Paulo ficar andando à toa porque era perigoso.

Você mora onde mesmo? aqui em Santo André mesmo, eu morava em Limeira e vim morar aqui em Santo André. Ah, e também no dia que eu trouxe meus filhos de Carapicuíba, da casa da tia, pra morar comigo em Santo André ele sumiu na minha casa. Eu não sei o que aconteceu, mas chegamos por volta de 18h30 da tarde e 19h, o Ailton jantou olhou a casa, o quarto deles. Depois ele me disse que iria ficar um pouco no portão, e ele sumiu. Apareceu em casa, no mesmo lugar e dando risada.

Tinha uma vizinha que morava na frente, nós morávamos no fundo. A vizinha me disse: olha seu filho chegou e nem apertou a campainha, ele pulou o muro. Como é seu filho e você me disse que ele tinha problema, nem liguei.

E ele chegou rindo, como se nada tivesse acontecido, isso foi em 1997. Procuramos ele a madrugada toda, e a polícia não deixou fazer b.o, disse que era melhor esperar 24 horas.

Depois disso, comecei a levar ele pra psicóloga, e ele disse pra ela que uma voz dizia pra ele que ele deveria sair, e a hora que ele deveria voltar. Por isso ele não se perdia em lugares que ele não conhecia. Mas depois de 97 ele nunca mais fez isso, só fez quando sumiu em 99.

Anexo 12 - Termo de autorização de uso de imagem - Zeni Souza**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Zeni Souza do Carmo, nacionalidade brasileira, estado civil divorciada, portador da Cédula de identidade RG nº. 143599434, inscrito no CPF sob nº 03577080833, residente à Av./Rua Rua Cebipira - Jardim o Campo, Guaianases, nº. 09, município de São Paulo. AUTORIZO o uso de minha imagem e relatos em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **livro**, intitulado **“Desaparecidos - histórias que só existem quando contadas: um retrato das mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil”** e também nas peças de comunicação que será veiculada posteriormente nas redes sociais das autoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) mídia impressa (jornais, revistas, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e relatos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 30 de outubro de 2023.

X



(Assinatura)



Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -03:00 Brasília
Última atualização em 06 nov 2023 às 18:03:49
Identificação: #fac1fc5805261cd510a1961e7c2b98ad4c9a6fba4ddf7bc2

Página de assinaturas



Zeni Carmo
035.770.808-33
Signatário

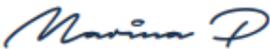
Anexo 13 - Termo de autorização de uso de imagem - Marina Ferreira**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Marina Ferreira Souza de Paula, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº 8.796.451-x, inscrito no CPF sob nº 759.353.508-82, residente à Av./Rua Rua Beijami de Tudela - Jardim Santa Adélia, nº. 91 - bloco 20 - apto. 11, município de São Paulo - SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e relatos em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **livro**, intitulado **“Desaparecidos - histórias que só existem quando contadas: um retrato das mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil”** e também nas peças de comunicação que será veiculada posteriormente nas redes sociais das autoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) mídia impressa (jornais, revistas, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e relatos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 30 de outubro de 2023.

X  _____

(Assinatura)

autentique

Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -03:00 Brasília
Última atualização em 06 nov 2023 às 17:33:25
Identificação: #f80655bae5f41da3d027bcbf5edcd5f910ad801cda7699726

Página de assinaturas



Marina Paula
759.353.508-82
Signatário

Anexo 14 - Termo de autorização de uso de imagem - Lucélia Requena**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Lucélia Requena de Araujo, nacionalidade brasileira, estado civil viúva, portador da Cédula de identidade RG nº. 13969315, inscrito no CPF sob nº 0351398816, residente à Av./Rua Rua Itamerendiba - Jardim Camargo Novo, nº. 1a, município de São Paulo - SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e relatos em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **livro**, intitulado “**Desaparecidos: um retrato das mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil**” e também nas peças de comunicação que será veiculada posteriormente nas redes sociais das autoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) mídia impressa (jornais, revistas, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e relatos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 30 de outubro de 2023.

X  _____

(Assinatura)

autentique

Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -03:00 Brasília
Última atualização em 07 nov 2023 às 14:34:36
Identificação: #9ddfbb081a75263df7606f52b4f45541efe994c4923d8f4f7

Página de assinaturas



Lucelia Requena
035.013.988-16
Signatário

Anexo 15 - Termo de autorização de uso de imagem - Isabel da Silva**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Isabel Cristina da Silva, nacionalidade brasileira, estado civil viúva, portador da Cédula de identidade RG nº. 19.063.271-9, inscrito no CPF sob nº 151.951.528-61, residente à Av./Rua Rua Gonçalo Silveiro Da Rosa - Jardim Vitória, nº. 280, município de Campo Limpo Paulista. AUTORIZO o uso de minha imagem e relatos em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **livro**, intitulado **“Desaparecidos - histórias que só existem quando contadas: um retrato das mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil”** e também nas peças de comunicação que será veiculada posteriormente nas redes sociais das autoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) mídia impressa (jornais, revistas, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e relatos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 30 de outubro de 2023.

X  _____

(Assinatura)

autentique

Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -03:00 Brasília
Última atualização em 13 nov 2023 às 23:08:33
Identificação: #545860fd17d85e4b04f16020519afb9baf36fa8d7dd2f449

Página de assinaturas



Isabel Silva
151.951.528-61
Signatário

Anexo 16 - Termo de autorização de uso de imagem - Vera Ranu**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Vera Lucia da Silva Ranu, nacionalidade brasileira, estado civil divorciada, portador da Cédula de identidade RG nº. 17.389.173-1, inscrito no CPF sob nº 026.291.208-21, residente à Av./Rua Rua Nilo Bruzzi - Parada de Taipas, nº. 41, município de São Paulo - SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e relatos em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **livro**, intitulado **“Desaparecidos - histórias que só existem quando contadas: um retrato das mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil”** e também nas peças de comunicação que será veiculada posteriormente nas redes sociais das autoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) mídia impressa (jornais, revistas, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e relatos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 30 de outubro de 2023.

X  _____

(Assinatura)



Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -03:00 Brasília
Última atualização em 14 nov 2023 às 18:08:03
Identificação: #67f9496ea0e39ebdd3fa4ea65c093790f7d65e0dd59df1c08

Página de assinaturas



Vera Ranu
026.291.208-21
Signatário

Anexo 17 - Termo de autorização de uso de imagem - Ivanise Esperidião**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Ivanise Esperidião da Silva Santos, nacionalidade brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. 28.471.001-5, inscrito no CPF sob nº 206.084.428-28, residente à Av./Rua Rua Padre Mariano Ronchi - Vila Pereira - Pirituba, nº. 705, município de São Paulo - SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e relatos em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **livro**, intitulado "**Desaparecidos - histórias que só existem quando contadas: um retrato das mais de 200 mil pessoas desaparecidas no Brasil**" e também nas peças de comunicação que será veiculada posteriormente nas redes sociais das autoras. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (III) mídia impressa (jornais, revistas, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e relatos não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 30 de outubro de 2023.

X _____



(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO

BIANCA DE CARVALHO VELLOSO

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE
PESQUISA**

**LIMITES ÉTICOS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO,
UMA FERRAMENTA IMPORTANTE NA CONSTRUÇÃO
DA REALIDADE**

**CAMPINAS
2023**

Bianca de Carvalho Velloso

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE
PESQUISA**

**LIMITES ÉTICOS DO JORNALISMO
INVESTIGATIVO: UMA FERRAMENTA
IMPORTANTE NA CONSTRUÇÃO DA
REALIDADE**

Relatório Individual de Pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO da Faculdade de Jornalismo da PUC- Campinas como exigência final para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão.

**PUC- CAMPINAS
2023**

Introdução

Para iniciar discussões no campo do jornalismo, no sentido de refletir sobre a conduta dos jornalistas, é preciso entender as normas que regem a profissão, que estão apresentadas no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Com 19 artigos, atualizados em 2007, o documento elucida como um profissional da área deve se portar no exercício cotidiano, também os direitos e deveres. Vale destacar que o código tem como pilar o direito dos cidadãos à informação. Reforçando a ideia de que a profissão é inegavelmente regida pelo interesse público. Diante disso, o jornalista deve atender ao público e não aos interesses pessoais.

Essa busca incessante pela informação pode gerar situações que colocam em cheque essas normas. Como no jornalismo investigativo, em que um repórter pode considerar - ou mesmo fazer - simular uma situação para comprovar uma fraude, uma hipótese ou uma denúncia. Nesse aspecto, cabe o questionamento se isso é ético, pois o jornalista, de certa forma, está se passando por alguém para poder obter uma informação e a profissão exige transparência. Para solucionar, alguns profissionais podem optar pelo uso de câmeras escondidas, mas isso seria uma violação do direito à privacidade da pessoa investigada.

Mais do que isso, vale refletir se o jornalista não está induzindo uma situação. Mesmo com esses apontamentos, não é justo colocar o jornalismo investigativo nessa caixa e dizer que se resume somente a câmeras e microfones escondidos. Mas essa é uma das opções utilizadas nesse ramo que desperta esse debate. Existem outras formas de obter uma informação para apurar uma denúncia.

Diante do exposto, esta pesquisa foi fundamentada em três pilares: ética no jornalismo, jornalismo investigativo na construção da realidade e fronteiras éticas no jornalismo investigativo. Esses três aspectos serão desenvolvidos acerca de biblioagrafias existentes, conforme sugere o método de revisão bibliográfica.

A metodologia adotada consiste em uma série de procedimentos que têm por objetivo reunir informações bibliográficas, congregar documentos relacionados ao tema em estudo e, por fim, processar as anotações e fichamentos das referências escolhidas para desenvolvimento de um trabalho acadêmico. (Barros; Duarte, 2009, p.51). Barros e Duarte definem esse gênero de investigação científica como uma “revisão sistêmica de bibliografia, ou seja, de documentos produzidos anteriormente sobre o objeto de pesquisa” (Barros; Duarte, 2009, p.51).

A principal vantagem dessa técnica de pesquisa é permitir ao investigador uma cobertura de uma gama de eventos e fenômenos muito mais ampla do que ele teria em uma pesquisa que investiga um tema diretamente (Gil, 2009, p.50).

Por fim, o objetivo geral desta pesquisa é realizar uma revisão bibliográfica sobre jornalismo investigativo, uma ferramenta utilizada na construção da realidade de uma determinada população. Justamente por desempenhar um papel social significativo, é importante refletir sobre os limites éticos do jornalismo investigativo, por exemplo até onde o repórter deve ir para conseguir uma informação e também se o uso de recursos de gravação sem o consentimento das fontes está dentro dos limites da ética profissional.

Tópicos da revisão bibliográfica

Ética no Jornalismo

A ética pode ser entendida como um conjunto de normas baseadas em valores e na moral. Ou seja, a ética utiliza da reflexão das ações (moral) para elaborar regras de comportamentos que são consideradas ideias em determinadas situações.

Quando inserida no campo profissional, a ética é um manual que assegura a qualidade e também o compromisso com o público de forma honesta em determinada prática profissional. Nesse caso, é a chamada 'ética deontológica'.

Carapeto e Fonseca (2019, p.11) explicam que a palavra 'deontologia' vem do grego *deon* ou *deontos/logos*, cujo significado é o estudo de deveres para regular um grupo de trabalho. "Os membros do grupo devem cumprir as regras estabelecidas num (*sic*) código e fiscalizados por uma instância superior" (Carapeto e Fonseca, 2019, p.11).

Os autores defendem que o objetivo da ética deontológica - ética inserida no campo profissional - é de proteger a reputação da profissão. Essas regras são estabelecidas em um código, como visto no início deste tópico.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros² tem como base o direito fundamental do cidadão civil à informação. Essa declaração abre o documento e é

² O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros é um documento da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) aprovado em 2007. Pode ser acessado na íntegra no site <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>

relembrada em outras ocasiões ao longo do texto. Como no terceiro artigo: “O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, estando sempre subordinado ao presente Código de Ética.” (Código, 2007, p.1).

“No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório” (Christofoletti, 2008, p.12). O autor também defende que no exercício diário da profissão, na cobertura de fatos que são de interesse público, a conduta ética está associada com a qualidade técnica de produção do trabalho. Christofoletti adverte que se os jornalistas esquecerem do compromisso para com o público, que engloba sobretudo a função de informar, eles podem colocar tudo a perder.

Karam (1997) expõe que os princípios morais (ações) da prática jornalística compreendem um “dever ser”, a deontologia, que tem como pilar a busca pela realização profissional e pela resolução de problemas reconhecidos pela humanidade. O autor cita exemplos que um jornalista pode investigar “de um acidente a um desvio de verbas públicas, de um atentado às razões dele ou sobre os interesses envolvidos em quaisquer conflitos ou guerras” (Karam, 1997, p.129). Ele diz que a escolha técnica também perpassa pelo campo da moral, por isso as redações adotam padrões nos chamados Manuais de Redação, que abrigam não só normas técnicas, mas também critérios de apuração e regras comportamentais.

É válido destacar que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) não existe somente para instruir o profissional da área com relação aos direitos e deveres, mas, principalmente, lembrar o jornalista que há mais matrizes entre o fato e o seu relato (Christofoletti, 2008). Ou seja, o jornalismo não é puramente uma narração de fatos, para isso existem crônicas e contos. O jornalismo é apuração, checagem de fatos e também é uma ferramenta de transformação social, no sentido de colaborar com a discussão de pautas e problemas que atingem a população, ou grupos sociais.

Martins (2019) aponta que o jornalista tem o dever de satisfazer o direito à informação. “A ética jornalística situa-se na confluência de valores civilizacionais” (Martins, 2019, p.14). O autor destaca ainda que somente em regimes democráticos o jornalismo consegue ser exercido de forma plena.

Esse conjunto de normas assegura que - e mostra o caminho para - o jornalista cumpra o papel que lhe é confiado.

“Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.” (Código, 2007, p.1).

Ainda dialogando com Martins (2019), o autor elenca duas concepções erradas que podem atrapalhar a discussão da ética no campo do jornalismo.

A primeira é que as normas éticas da profissão não passam de uma lista de regras, indicando o que pode ou não ser feito (Martins, 2019). Vale lembrar que a ética também é um mecanismo de defesa e proteção ao trabalho do jornalista.

“A segunda consiste na preocupação em produzir wishy-washy journalism, mais concentrado no dano que pode causar do que na obrigação do jornalista de perseguir a verdade.” (Martins, 2019, p.15).

Essa segunda ideia pressupõe que as normas são mais do que uma lógica maniqueísta, isto é, uma divisão entre bem e mal. É um conjunto de instruções para os profissionais, que busca homogeneidade na prática e também que a função seja desenvolvida no campo legal.

A tríplice jornalismo, técnica e ética não pode ser desassociada e integra um mesmo conjunto. Martins (2019) afirma que o rigor e confronto de versões são requisitos técnicos que são delineados pela ética. Nesse caso, a ética deontológica.

Para encerrar, Martins (2019), explica que os princípios ético-deontológicos não podem ser separados da técnica. Caso isso ocorra, pode comprometer a missão do jornalista. Por fim, o autor defende que a ética deve ser ensinada nas faculdades de jornalismo, além de palestras, seminários, conferências e workshops.

Jornalismo Investigativo na construção da realidade

Uma das áreas do jornalismo que se destaca nesse contexto de defesa de direitos dos cidadãos é o jornalismo investigativo. Além de ser uma das vertentes com mais prestígio da profissão, já que a repercussão é quase que imediata a publicação. Através de reportagens extensas e incansavelmente apuradas, o repórter atua na denúncia de irregularidades e apuração de eventos nebulosos, não só por parte do Poder Público, como de empresas privadas ou outros segmentos.

Em meio a problemas sociais e de corrupção existentes no país, o jornalismo investigativo atua como vigilante, denunciando crimes contra o patrimônio ou contra a vida, para que a situação seja solucionada pelos órgãos competentes (Gonçalves, 2005, p.2).

Apesar de atuar como investigador, é crucial lembrar que o jornalista não é policial, nem detetive, tampouco substituto do Estado. Ele é apenas um colaborador nas cobranças de ações do interesse público. Esse papel é desempenhado por qualquer jornalista, independente de atuar na área do investigativo ou não.

O bloco de notas e bons contatos não dão superpoderes aos jornalistas. Muito menos os isentam de responder às leis estabelecidas pelo Poder Jurídico. E um dos limites para esse “poder” do jornalista é a ética.

Segundo Gonçalves (2005), a elaboração do Código de Ética no campo do jornalismo tem por objetivo assegurar a moralidade do exercício profissional. O documento é um complemento das leis já existentes. Dessa forma, o Código de Ética não substitui nenhuma legislação vigente. O jornalista continua com o dever de cumprir as demais leis.

Foggiato (2016) define que o jornalismo investigativo busca, por meio de uma sugestão de pauta, denúncia, ou poucas informações, apurar informações e eventos que causam impacto na sociedade, por isso o interesse público é expressivo. “Para além do produto finalizado e veiculado, há um processo de produção complexo, demorado e, por vezes, perigoso.” (Foggiato, 2016, p.11).

Por natureza, o jornalismo investigativo exige do profissional maior nível de imersão. Na medida que isso ocorre, o jornalista precisa cuidar para que não se envolva pessoalmente com os fatos, o que pode comprometer a investigação. Por isso, esse assunto deve ser debatido e refletido por profissionais e estudantes da área para que não haja nenhuma dúvida com relação aos limites éticos do jornalismo, bem como do papel social da profissão.

À primeira vista, o termo “jornalismo investigativo” pode ser tomado como um pleonasma, uma vez que a investigação está essencialmente inserida no cotidiano da profissão de jornalista. No entanto, esse campo do jornalismo exige uma dedicação maior e também aprofundamento das questões que envolvem uma pauta. Como esse segmento exige uma dedicação maior do jornalista e maior envolvimento, questionamentos mais profundos se instalam na prática.

Fortes (2005) orienta que para compreender a extensão do jornalismo investigativo é necessário lançar mão de uma concepção simplista de que todo jornalismo é investigativo, apesar de ser verdadeira. O autor aponta que muitas reportagens rotuladas como jornalismo investigativo sequer passaram perto da

investigação. Ele acusa que elas foram entregues ao repórter como algo compartilhável das estruturas de poder. “Rendem bons furos, bons prêmios, mas nada têm a ver com jornalismo investigativo” (Fortes, 2005, p.9).

A justificativa do autor é que o jornalismo investigativo é algo mais complexo, que exige dedicação e, eventualmente, pode ser perigoso. Características que não estão inseridas no cotidiano natural das redações, uma vez que nem toda apuração oferece riscos à integridade do repórter ou tem um alto grau de complexidade. O jornalismo investigativo “exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte” (Fortes, 2005, p.10).

Por sua vez, Aguiar (2006) defende que, de maneira simplificada, o jornalismo investigativo pode ser entendido como uma forma de reportagem extensa que demanda longo tempo de trabalho na apuração. A pauta não deve ser restrita somente a questões políticas, é possível ver esse gênero jornalístico em demais editoriais. O jornalismo investigativo tem como “foco apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetam o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade” (Aguiar, 2006, p.2).

A diferença do jornalismo investigativo para os demais é que ele utiliza mecanismos policiais na apuração e tem intenção de corrigir abusos de poder. Segundo Lopes e Proença (2003 apud Fabri; Rocha, 2018), o jornalismo investigativo é pautado no interesse dos cidadãos - interesse público - e, ao fazer denúncias de corrupção e fraudes, a imprensa atua como moderador dos poderes públicos.

“A noticiabilidade de um acontecimento sempre depende dos interesses e das necessidades das empresas jornalísticas e da comunidade profissional dos jornalistas” (Aguiar, 2006, p.10). A criação da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) foi um esforço para desvincular os interesses das empresas de comunicação. (Fortes, 2005)

A ampla utilização da internet nas redações de jornalismo não reflete na facilidade ou até mesmo na transparência no processo de obtenção de informações. Mesmo assim, isso não exclui a utilização desses meios. (Rocha; Noronha, 2015). A busca incessante por informações fidedignas é algo que nasceu com essa vertente do jornalismo e não é algo novo.

O jornalismo investigativo é um gênero do jornalismo, que está demarcando cada vez mais as particularidades e complexidade “a partir da disponibilização de

informações na sociedade digital, globalizada e democrática e, paralelamente, amparado e resguardado pelo acesso legal às informações”. (Rocha; Noronha, 2015, p. 2).

Justamente por desempenhar um papel social significativo, em termos de denúncia, é importante refletir sobre os limites éticos do jornalismo investigativo, por exemplo até onde o repórter deve ir para conseguir uma informação e também se o uso de recursos de gravação sem o consentimento das fontes está dentro dos limites da ética profissional.

Fronteiras éticas no jornalismo investigativo

Esses limites éticos não são uma camisa de força para o jornalismo. Eles existem para garantir lisura ao processo de apuração e também garantem a credibilidade do jornalismo de modo geral. Fortes (2005, p.14) enfatiza que o jornalismo investigativo tornou-se uma qualificação específica para reportagens de mais fôlego, de maior investimento de apuração, o que demanda dinheiro e tempo. A reportagem gerada nesse campo do jornalismo exige paciência para pesquisas em documentos, entrevistas longas, observações e quantas checagens forem necessárias. O jornalista faz isso pela “sua óbvia vaidade profissional, mas também, e principalmente, pelo orgulho nato de repórter e, no fim das contas, pelo bem do leitor” (Fortes, 2005, p.67). Esse compromisso é benigno para todos, zela pela reputação do profissional e assegura qualidade e veracidade da informação que é repassada para a sociedade. Ou seja, uma via de mão dupla, que serve bem em ambas direções.

Quanto à metodologia para obtenção de relatos, Foggiato (2016, p.37) diz que a captação de imagem através de câmeras escondidas é um atrativo para quem assiste a reportagem e um mecanismo facilitador para os produtores. No entanto, essa prática induz um flagrante montado. “Quanto à câmera oculta, os jornalistas investigativos colocam-se contra, ressaltando o aspecto antiético da prática” (Foggiato, 2016, p.37). Não se pode imaginar que a única forma de checagem é esse método. Existem inúmeras maneiras de fazer isso.

Diante dessa discussão suscitada pela presente revisão bibliográfica, entede-se que o dabete é amplo e deve ser sempre contextualizado. “Toda referência sobre ética, sobre comunicação e sobre jornalismo será, sempre, humana.” (Karam, 1997,

p. 122). Por ser humana, ela é permeada de subjetividades e nuances. No entanto, o jornalista deve sempre prezar por seguir as normas que rejeitam a profissão.

É certo que o advento da internet e ampla aplicação da tecnologia nos processos de apuração jornalística - seja até mesmo na decupagem de falas através da inteligência artificial -, revelou novas possibilidades aos jornalistas.

Almeida (2019) defende que é pertinente refletir sobre as transformações que ocorreram no jornalismo investigativo, causadas especialmente pelo surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias que foram aplicadas pelos jornalistas, de forma massiva e nem um pouco gradual.

Torna-se necessário debater o papel deste jornalismo como meio de esclarecer assuntos de interesse público e diferenciar os limites que ele teoricamente deveria seguir e o que na prática acaba seguindo. Por fim, é relevante também avaliar a figura do repórter que adota diferentes “profissões e personalidades” com a finalidade de obter informações que não conseguiria caso se apresentasse como um jornalista. (Almeida, 2019, p. 72)

Vale ressaltar que a profissão do jornalista é, sobretudo, guiada pelo interesse público. Isto é, a notícia deve ser pautada por assuntos que dizem respeito às coisas públicas - como saúde, educação, segurança pública, cultura, entre outros.

Essa mudança não ocorreu somente quando a internet foi criada. “Ao longo de sua história, o jornalismo sofreu diversos e constantes processos de adaptações aos diversos meios.” (Almeida, 2019, p. 73). Entre os novos mecanismos que a internet trouxe para o jornalismo, pode-se citar: microfones (tão pequenos que podem ser escondidos facilmente), câmeras (igualmente pequenas, sem que a qualidade da imagem seja comprometida) e novas formas de captação de informações - enciclopédias online, redes sociais e assim por diante. A justificativa para utilizar de métodos tão secretos é que se a apuração fosse feita de outra forma, os jornalistas não teriam acesso a determinadas informações ocultas.

Por exemplo, imagine um desmanche de veículos que funcione na ilegalidade. Os proprietários jamais iriam admitir isso aos repórteres, justamente por medo de terem suas atividades interrompidas. Se o jornalista recebe essa pauta, dificilmente ele vai chegar de uma vez e já questionar se o estabelecimento é ilegal. Eventualmente, fazendo essa apuração com equipamentos escondidos, o repórter pode vir a descobrir uma quadrilha especializada em furtos de carros, hipoteticamente. Essa é a justificativa para utilizar tais mecanismos. Atrás de meios

ocultos, revelar o que está oculto. A fórmula é oculto mais oculto resulta em algo visível.

Almeida (2019) defende que esse debate acerca dos limites éticos no jornalismo é urgente e não descarta que novos embates surjam ao longo dos anos, em razão das mudanças tecnológicas constantes. Por outro lado, Moretzsohn (2013) argumenta que definir os limites na atividade jornalística é uma odiosa restrição à liberdade de informação, processo que afetaria principalmente o público final.

Martino e Silva (2013) observam que na doutrina jornalística não é raro se deparar com debates a respeito da ética profissional, especialmente quando se trata de investigações. “Ao mesmo tempo, parece ser relativamente diminuta a bibliografia disponível sobre o jornalismo investigativo, tanto no campo acadêmico, quanto no prático.” (Martino e Silva, 213, p. 16).

É certo que essas discussões sempre esbarram nos limites do jornalismo e no poder que um jornalista tem. Porém, deve-se ter sempre em mente que o profissional tem um compromisso irrevogável com o público e deve sempre servir ao interesse público. Se faz importante recordar também que o papel de condenação é do Poder Jurídico.

Considerações finais

Diante do conteúdo exposto neste artigo, é possível concluir que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros precisa de atualização. Quando foi aprovado em um congresso que ocorreu em Vitória - Espírito Santo, o mundo não era o mesmo de agora, principalmente em termos tecnológicos. Era 2007 e as pessoas ligavam umas para as outras para poder se comunicar majoritariamente. As redes sociais ainda estavam passando por experimentações e não eram tão populares como atualmente. Passaram-se dezesseis anos e muita coisa mudou, especialmente em termos tecnológicos.

Por exemplo, no presente, aplicativos de mensagens instantâneas passaram a fazer parte do processo de comunicação e apuração. Mecanismo que não existia em 2007. Óbvio que tal ação não pode ser considerada antiética, uma vez que essa forma de comunicar é apenas uma atualização do que já existe. Mas, seria ideal ter

orientações mais claras com relação ao uso da tecnologia nas redações e ambientes de trabalho dos jornalistas.

No entanto, apesar do fato de que o jornalismo investigativo já existe há muito mais do que dezesseis anos, ao fazer essa pesquisa, cabe o questionamento quanto a falta de um direcionamento mais claro com relação aos métodos de apuração que utilizam câmeras escondidas.

O parágrafo terceiro do Artigo 11º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros trata essa questão de forma superficial, o que mostra claramente o embate que existe e a complexidade do tema. Em resumo, o texto orienta que os equipamentos de gravação utilizados de forma escondida devem ser utilizados quando se esgotarem todos os outros meios de apuração. Porém, fica vago quais são todos esses meios. Conforme foi colocado, alguns autores defendem que existem outras formas e que as gravações ocultas devem ser desconsideradas.

Obviamente, o jornalismo investigativo tem outros limites, mas, ao pesquisar a bibliografia, é notório que as gravações ocultas são os limites que mais dividem opiniões. Dessa forma, é preciso que o Código de Ética seja mais claro, ao menos citar meios de apuração para que não haja brechas que têm o potencial de gerar debates que visam descredibilizar o trabalho do repórter e até mesmo que o jornalista dê um “tiro no próprio pé” ao utilizar gravações sensacionalistas para denunciar algo.

A orientação e reflexão acerca desse tema são urgentes e devem ser feitas para que não haja qualquer tipo de censura ao trabalho do jornalista. É sempre importante lembrar que a ética deontológica existe para que o profissional cumpra seu dever de modo a contribuir com a formação de uma sociedade mais justa.

Para pensar a respeito dos limites éticos do jornalismo investigativo, é preciso, além da leitura de literatura sobre o tema, realizar estudos de caso. Somente entendendo como funciona na prática que poderemos avançar na formação da teoria. Para além disso, é preciso estudar mais a fundo o assunto, uma vez que o jornalismo investigativo é uma ferramenta importante na construção da realidade.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Júlia. O uso de câmeras e microfones escondidos e a adoção de falsa identidade no jornalismo investigativo: necessário ou anti-ético? **Miguel**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-21, jan. 2019.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 73-84, jul. 2006. Semestral.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

CARAPETO, Carlos; FONSECA, Fátima. **Ética e deontologia**: manual de formação. 2019. 59 f. Ordem dos Engenheiros Técnicos, Lisboa, 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. SP: Contexto, 2008

CÓDIGO de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: Site: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 19 de maio de 2023.

FABRI, Andressa Zafallon; ROCHA, Paula Melani. O JORNALISMO INVESTIGATIVO COMO OBJETO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS: UMA ANÁLISE DAS TESES E DISSERTAÇÕES POSTADAS NO PORTAL CAPES. **Comunicologia**: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, v. 11, n. 1, p. 57-75, janeiro 2018. Semestral.

FOGGIATO, Andressa Doré. **Ética e Deontologia no Jornalismo Investigativo**: uma análise dos processos de apuração da reportagem máfia das próteses. 2016. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria (Ufsm, Rs), Santa Maria, RS, 2016.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005. 112 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6, 2. reimpressão. SÃO PAULO: Atlas, 2009, 200. p.

GOMES, Sabrina Silva. **O que é ética jornalística?** 2001. Disponível em: <https://blog.voomp.com.br/graduacao/o-que-e-etica-jornalistica>. Acesso em: 19 maio 2023.

GONÇALVES, Gêssica Brandino. **O Papel do Jornalista Investigativo Versus Ética Profissional**. Mogi das Cruzes, SP, 2005. 4p.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. SP: Summus editorial, 1997.

MARTINO, Luis Mauro Sá; SILVA, Lídia Rogatto e. **Paradoxos e fronteiras éticas do jornalismo investigativo na doutrina jornalística brasileira**. 2013. Disponível em:
<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/247/246>
. Acesso em: 19 maio 2023.

MARTINS, Paulo. Ensinar ética jornalística é refletir, questionar, problematizar. In: SEBASTIÃO, Sônia Pedro. **Ética em Comunicação**: reflexões sobre os atributos, os desafios e as práticas. Lisboa: Iscsp, 2019. p. 1-142.

MORETZSOHN, Sylvia. O "repórter infiltrado" e a câmera oculta: repensando problemas éticos e epistemológicos para a prática do jornalismo. In: DALMONTE, Edson (Org.). **Teoria e prática da crítica midiática**. Salvador: EdUFBA, 2013, p.87-116.

ROCHA, Paula Melani; NORONHA, Mariana Galvão. A teoria e a prática do jornalismo investigativo: Uma análise das reportagens premiadas da Agência Pública. **Revista Observatório**, Palmas, v. 1, n. 1, p. 18-42, maio 2015. Bimestral.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS ESCOLA DE
LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO FACULDADE DE JORNALISMO**

CAROLINE ADRIELLI DE ALMEIDA SANTOS

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE
PESQUISA**

**JORNALISMO LITERÁRIO, LIVRO-REPORTAGEM E
TÉCNICAS DE ENTREVISTA: EXPLORANDO A
NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS REAIS**

**CAMPINAS
2023**

Caroline Adrielli de Almeida Santos

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE
PESQUISA**

**JORNALISMO LITERÁRIO, LIVRO-REPORTAGEM E
TÉCNICAS DE ENTREVISTA: EXPLORANDO A
NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS REAIS**

**Relatório individual de pesquisa apresentado à
disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA
APLICADA AO JORNALISMO da Faculdade de
Jornalismo da PUC-Campinas como exigência
parcial para aprovação na referida disciplina,
sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto
Roldão**

**PUC-CAMPINAS
2023**

Introdução

O jornalismo literário é um gênero que combina os elementos da literatura com a factibilidade da reportagem, permitindo que os fatos sejam transformados em histórias narradas. Comumente aplicado na produção do livro-reportagem, o jornalismo literário busca explorar as especificidades desse formato narrativo no campo jornalístico, no qual as técnicas de entrevista e de texto desempenham um papel crucial para a construção da narrativa. Neste contexto, é essencial compreender as particularidades desse gênero e conceito, assim como as técnicas empregadas para criar uma obra que seja capaz de mesclar a precisão jornalística com a expressividade e riqueza de detalhes na descrição de cenário da literatura.

Segundo Lima (2019), o livro-reportagem é um produto cultural, uma vez que combina elementos do jornalismo, como a apuração, e literatura, por exemplo, a estruturação narrativa. O autor categoriza seis tipos de narrativas que o jornalismo literário se manifesta. São elas: reportagem temática, biografia, perfil, memórias, ensaio pessoal e jornalismo literário de viagem.

A expansão impulsionada pelo mercado editorial do jornalismo literário e sua aplicação no livro-reportagem levantou questões sobre os gêneros e subgêneros envolvidos. Com enfoque no gênero reportagem temática, que quando aplicado ao livro-reportagem é o que mais se aproxima do jornalismo convencional, e as técnicas de escrita literária e apuração dessa categoria possuem objetivos específicos. Lima (2019) aponta que o propósito desse gênero é discutir um tema relacionado a uma questão social.

Embora haja definições claras para essas categorias, na prática, a identificação e organização dos gêneros se entrelaçam, e alguns teóricos discorrem sobre a possibilidade da mesclagem entre gêneros e subgêneros. Rebelo (2000, p.118, *apud* Lopes, 2010, p. 10) aponta que em algumas produções de livro-reportagem, é perceptível a mesclagem de subgêneros na construção da narrativa factível, e nesses casos, é necessário definir o aspecto do gênero dominante, definição esta que é feita pelo próprio autor. Portanto, a discussão apresentada abaixo trabalha os critérios jornalísticos e outras especificidades acerca da categorização do livro-reportagem. Autores apontam que ele passa a ser flexível, a fim de englobar todas as especificidades e critérios de organização presentes na

técnica textual utilizada e na organização da história, com o argumento de que é a partir da mesclagem que se identifica um gênero dominante, que vai definir a obra.

O objetivo geral desta pesquisa é realizar uma revisão bibliográfica abrangendo conteúdos relacionados ao jornalismo literário aplicado na produção do livro-reportagem e a possibilidade de mesclagem dos gêneros e subgêneros. O estudo tem como propósito esclarecer as especificidades e diferenciações desse gênero em relação ao jornalismo diário, especialmente no que se refere às técnicas de entrevista e escrita utilizadas para a construção de uma narrativa jornalística de cunho literário.

A metodologia utilizada neste estudo é a revisão bibliográfica, uma abordagem que se baseia na análise crítica e sistematizada de fontes bibliográficas relevantes para a temática em questão. Este método permite a identificação, seleção e análise de trabalhos já publicados sobre o tema. Gil (2002) aponta que "a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema".

Todo material já elaborado, como livros e artigos científicos, podem ser utilizados como fonte bibliográfica. Este método permite que o pesquisador tenha uma ampla cobertura do assunto, e essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (Gil, 2002).

Neste método, a leitura atenta é intrínseca, pois é através dela que o pesquisador vai adquirir resultados satisfatórios. Segundo Marconi e Lakatos (2003), alguns aspectos são fundamentais e devem ser levados em consideração nesse momento, como a atenção, intenção e propósito com o tema, reflexão, espírito crítico, análise e capacidade de síntese do conteúdo.

Tópicos da revisão bibliográfica

Jornalismo Literário como gênero e conceito

Nos últimos 30 anos, o mercado editorial apresentou medidas de incentivo à produção do Jornalismo Literário, como a iniciativa da Editora Companhia das Letras com a criação da coleção Jornalismo Literário, que reúne e comercializa títulos clássicos do gênero. Medidas como esta fomentam o interesse pelo gênero

jornalístico no Brasil, que se evidencia também no âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), segundo Luduvig (2008).

Levantamento feito por Luduvig (2008) através de uma busca no Portcom, a Rede de Informação em Comunicação dos Países de Língua Portuguesa, que disponibiliza os trabalhos dos eventos da Intercom, revelou 28 trabalhos com Jornalismo Literário como palavra-chave até abril de 2008. Atualmente, esta mesma busca revela 3.312 resultados.

Quando Luduvig (2008) destrincha os resultados, no período entre 2001 e 2006, aponta uma média de 4.5 trabalhos por ano, afirmando que desde 2004 as produções em Jornalismo Literário estão acima desse patamar. Ao apresentar esses mesmos dados em percentual, o aumento não acumulado do período é de 700% e o acumulado, 2.700%, com ápice em 2005. Ela ainda relativiza esse ápice, porque naquele ano, o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, que é turística, com boa estrutura e transporte coletivo disponível para o local do evento, além de ser próximo dos centros de pesquisa não somente da região Sudeste mas também Nordeste e Sul, ou seja, sugere que o recorde de público da entidade até então e de inscrições do gênero seria resultado da boa localização e facilidade aos participantes para comparecerem ao congresso.

Além do aumento de produções, a partir dos estudos sobre o histórico do gênero, a autora aponta que é durante o movimento do Novo Jornalismo, na década de 1960, que se dá a necessidade de separar o jornalismo do Jornalismo Literário. Isso ocorreu porque alguns autores não tornaram explícito se a obra era totalmente factual ou apenas inspirada em fatos reais. Essa separação se firmou ainda mais na década de 1980, inclusive passou a ser tratada como fraude em jornalismo quando a sociedade descobriu que o personagem principal de "O mundo de Jimmy", reportagem escrita pela jornalista Janet Cooke para o jornal *The Washington Post*, era inventado. Quando essa informação veio ao público, ela teve que devolver o prêmio *Pulitzer*, dado a pessoas como reconhecimento de trabalhos de excelência na área do jornalismo, que havia conquistado com o texto.

Dada a relevância histórica e polêmicas acerca do Jornalismo Literário, e o aumento de produções relacionadas, é necessário compreender a definição desse gênero, que não é simples de acordo com Pena (2006), pois para o autor, o jornalista literário não descarta o que aprendeu no jornalismo diário, o que faz é

desenvolver habilidades para constituir novas estratégias de escrita. A observação, identificação de pauta e relevância social, abordagem ética, apuração, técnicas de entrevista e capacidade de se expressar de forma objetiva e clara através do texto também são características intrínsecas no Jornalismo Literário.

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (Pena, 2006, p. 6)

O gênero literário dentro do campo do jornalismo ultrapassa a produção limitada somente àquilo que acontece de imediato em uma cidade, estado ou país. De acordo com Pena (2006), a produção literária rompe com características básicas do jornalismo: a periodicidade e o imediatismo. O deadline de fechamento ou busca por fatos no menor espaço tempo possível não são relevantes no campo literário da mesma forma que são relevantes no *hard news*. No Jornalismo Literário o fato não fica velho, e a marcação temporal está longe de ser o fator principal para determinar se a história merece ou não ser contada com uma riqueza de detalhes jamais trabalhada no cotidiano. O jornalismo diário cumpre o papel de apenas noticiar um acontecimento, já o literário trabalha esse acontecimento com maior profundidade, seja no aprofundamento do que o cerca ou na capacidade de imersão.

Apesar de a produção do Jornalismo Literário ser pautada por um enfoque temático específico, na adoção de uma abordagem particular e com a preocupação em criar conteúdo de interesse público, este gênero não se restringe às exigências de velocidade. Além disso, ela não se limita à fórmula convencional de resposta às seis questões básicas (o quê, quem, quando, onde, como e por quê?) sobre o acontecimento central da história, utilizadas para assegurar a objetividade do lide, primeiro parágrafo de uma notícia (Pena, 2006).

Lima (2010) chega a comparar o jornalismo com o cinema ao abordar o tema. Sabe-se que o jornalismo é diferente do cinema e que eles têm propostas completamente diferentes, mas é na linguagem e na descrição de cenário que os dois se relacionam. Existem outras maneiras de fazer jornalismo que não seja com aquele texto padrão objetivo, seco e direto, e ele coloca em evidência outra estratégia, a chamada cena.

A cena objetiva informar jornalisticamente, mas com uma natureza visual, sendo este o modo apontado como o mais importante do Jornalismo Literário, porque apela para a visão e seduz o leitor a adentrar o episódio. "O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata" (Lima, 2010, p. 16). A imersão é um dos principais fatores desse gênero.

Livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico

O Livro-reportagem se caracteriza como um produto que combina todas as especificidades presentes no Jornalismo Literário, desde os elementos intrínsecos do jornalismo, com ênfase na apuração rigorosa e as técnicas de entrevista, até a literatura por meio da estruturação, detalhamento e imersão na história.

Os elementos do jornalismo se empregam no livro-reportagem a fim de elucidar e discutir uma problemática, que dificilmente é capaz de ser narrada para além do fato em uma notícia ou reportagem. Lima (2009) caracteriza seis formas de manifestação do livro-reportagem, sendo elas a reportagem temática, biografia, perfil, memórias, ensaio pessoal e Jornalismo Literário de viagem.

O gênero reportagem temática é o mais próximo do jornalismo convencional, pois permite discutir um tema desencadeado por uma questão social específica. "Seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema candente ancorado numa questão específica" (Lima, 2009, p. 424).

Apesar de um livro-reportagem ser categorizado como reportagem temática, teóricos contestam a definição sólida de apenas um gênero por obra. O pesquisador português José Rebelo (2000, p.118, *apud* Lopes, 2010, p, 10), argumenta que "Nenhum gênero existe, portanto, em estado puro, ou seja, a maior parte dos textos jornalísticos integra características próprias dos diferentes gêneros".

Para resolver essa questão, argumenta que a responsabilidade de analisar e determinar qual o gênero dominante em cada situação cabe ao próprio escritor da obra. No entanto, essa determinação deve ser feita cautelosamente considerando todas as possibilidades de fusão entre os gêneros principais. Portanto, mesmo que a reportagem temática seja apontada como gênero dominante de determinada

produção, o livro-reportagem pode mesclar os formatos perfil e memórias, por exemplo.

De acordo com Lima (2009), o texto de perfil objetiva centralizar os holofotes no personagem para compreender seus aspectos, ou seja, o indivíduo é retratado de forma que seus valores, motivações e receios são ressaltados. Ao colocar o personagem como protagonista daquela história, seus sentimentos são colocados em evidência, dessa forma, é possível conhecê-lo de maneira mais profunda, podendo identificar seus valores pessoais e culturais, o que o motiva e o que o provoca medo. Por meio dessa abordagem, esse gênero possibilita que o leitor entenda melhor as atitudes que foram tomadas pelo protagonista, já que as individualidades, como caráter e princípios, são evidenciadas.

Os textos de memórias, também comum em livro-reportagem, desempenham papel essencial no desenvolvimento da obra, pois resgatam acontecimentos pontuais da linha do tempo de vida de uma pessoa, trazendo à tona somente fatos que interessam para a narrativa. Esses textos se referem a relatos pessoais, em que o protagonista conta as próprias experiências de vida, claro, de sua perspectiva. Ou seja, ele resgata na memória e aborda através da narração das lembranças o detalhamento dessas vivências pessoais. Não necessariamente o texto de memórias vai abordar toda uma trajetória de vida, geralmente é feito um resgate somente de acontecimentos pontuais que interessam para a história, ou seja, podem ser memórias de um lugar ou marcação temporal específica. Uma visão única através dos olhos do personagem.

Para sustentar a defesa do livro-reportagem como peça jornalística considerando a mesclagem de gêneros, apontam que ele deve ter um processo produtivo aproximado ao da rotina jornalística. Ou seja, o autor pode produzir um texto de perfil e memórias desde que seja construído e baseado nas técnicas jornalísticas.

O jornalismo valoriza os fatos, e a apuração é um processo importante na construção da narrativa a partir do fato, portanto, a afirmação de que o Jornalismo Literário e o livro-reportagem representam formas de se fazer jornalismo se evidencia a partir da argumentação de que técnicas primordiais da categoria são utilizadas e levadas em consideração na produção, mesmo que a escrita não seja absolutamente objetiva e baseada no lide convencional.

O livro-reportagem constitui um suporte próprio distinto dos outros

meios (jornais, revistas, televisão, rádio, internet) e também dialoga com diferentes gêneros, logo seu processo de produção possui especificidades que o distingue dos demais. Diluem-se os limites de cada etapa da produção jornalística na concretização do suporte. E no que diz respeito ao gênero, apresenta um aspecto híbrido (Rocha; Xavier, 2013, p. 151)

O hibridismo de gêneros também é levado em consideração por Rocha e Xavier, pois o jornalismo está em constante transformação assim como a sociedade, e ao longo da história, foram surgindo novos gêneros, paradigmas e meios, e apenas um gênero fica pequeno para englobar todas as especificidades de um livro-reportagem. Por isso a necessidade de mesclagem, o objetivo é considerar todas as categorias, paradigmas e meios.

Além de agrupar técnicas de apuração e conceitos jornalísticos, o livro-reportagem é capaz de expandir as fronteiras do jornalismo diário em termos de detalhamento das informações justamente por meio do hibridismo. Os gêneros e subgêneros que se mesclam, como defende Lima (2009), são responsáveis pelas características intrínsecas do livro-reportagem de imersão e nível elevado de detalhamento da história, como a narração, que coloca o personagem como protagonista e resgata suas memórias para trabalhar um tema específico, fator que não é visto nas notícias diárias e nem nas reportagens especiais, que tendem a ser mais longas.

Rocha e Xavier (2013) também apontam que com um gênero se sobressaindo ou não, é perceptível a presença do investigativo na produção de um livro-reportagem. Devido a busca de informações até então não reveladas e com maior nível de detalhamento, as autoras trazem à tona que essas obras muitas vezes são construídas com o objetivo de denunciar o vazio das políticas públicas, desigualdades e mazelas sociais.

Ainda citam que, produzir uma obra com esse intuito coloca em prática o papel de guardião do jornalismo, parafraseando Kovach e Rosenstiel, que tem o papel de reportar sobre assuntos ocultos ou que foram ocultados por pessoas ou instituições, e que são de interesse público. “O jornalismo investigativo deve ir além do simples monitoramento das ações do governo, mas perceber vidas anônimas, invisíveis aos olhos da sociedade mesmo vivendo nela” (Kovach; Rosenstiel, 2003, *apud* Rocha; Xavier, 2013, p. 152).

O livro-reportagem possui especificidades em relação aos gêneros e gera

debates no campo jornalístico, entretanto, quando utilizado de características primordiais de conceitos do jornalismo e da prática profissional, como a valorização da veracidade e a apuração rigorosa, pode-se afirmar que é um produto jornalisticamente embasado segundo os autores citados.

Técnicas de entrevista para a construção da narrativa literária

Para mesclar os gêneros em uma única produção, o procedimento clássico de apuração de informações jornalísticas, segundo Nilson Lage (2001), entra em cena: a entrevista. Para a produção de um livro-reportagem, essa etapa vai implicar na consulta às fontes de forma imersiva, objetivando a coleta de interpretações para a reconstituição do fato.

Tudo é feito através da ótica particular de um ou mais entrevistados. Os personagens acrescentam suas próprias interpretações do fato ou acontecimento pontual, e essas são as chamadas entrevistas testemunhais. “Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas” (Lage, 2001, p. 33).

As entrevistas também podem ser em profundidade, em que o foco não é em um acontecimento específico, mas sim, o indivíduo. “Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões” (Lage, 2001). Neste tópico, o foco não é o fato ou o acontecimento em si, como na entrevista testemunhal, mas sim a pessoa. Os holofotes são direcionados ao personagem que vai compor a história, expondo sua maneira de ser, aspectos de sua vida e outros pontos relacionados a sua personalidade e maneira de agir.

Para a construção de uma narrativa literária, é necessário alto nível de detalhamento e imersão. Lage (2001) aponta que essas técnicas de entrevistas, principalmente as testemunhais e de profundidade, são fatores intrínsecos para garantir que a história será contada em suas minúcias com base nos relatos. Além disso, o repórter pode até fazer uma pesquisa prévia para planejar o que pretende perguntar, mas essa preparação não garante uma boa entrevista. A qualidade das respostas vai depender de como ela é conduzida.

Entre as técnicas, aponta que a movimentação corporal também é reveladora, pois quando a fonte fica em silêncio, passa por denominações vagas que coincidem

com desvios de olhar e certos movimentos com as mãos, significa que o tema é um tópico sensível. Nesse momento, cabe ao repórter conduzir a troca de assunto e retomá-lo em outra oportunidade.

Medina (1986) também classifica entrevistas e as distingue em dois grupos: aquelas em que o objetivo é espetacularizar o ser humano e aquelas que tem a intenção de compreendê-lo. Compreender, para além das informações necessárias, auxilia na questão da proximidade para promover maior profundidade na reconstituição dos fatos. Entre as opções apresentadas, a entrevista-diálogo é a que mais objetiva captar informações detalhadas para a construção de uma narrativa literária.

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. O diálogo começa a aparecer no rádio, na televisão [Edgar Morin fala nos anos 60]. Foi necessário tempo para que a palavra humana se descongelasse diante do micro e da câmara. (Medina, 1986, p. 15)

A construção de histórias de vida em jornalismo é explorada por Martinez (2002), que aponta como narrar fatos, de modo que haja um ritmo com começo, meio e fim, e atender as expectativas do leitor exigente. Houve a percepção de que é um desafio construir uma boa narrativa, que se esgota com o modelo convencional do jornalismo e, na elaboração da tese, conduziu uma pesquisa para analisar a viabilidade de aplicação das técnicas de contação de história descritas por Joseph Campbell, por exemplo, no ensino de graduação em jornalismo.

Integrantes da turma foram convidados a construir gradativamente uma história de vida com base na Jornada do Herói³. Diversas hipóteses foram levantadas acerca das etapas. Algumas foram totalmente concluídas e outras não, mas com justificativas. O ponto é que o exercício resgatou a humanização e o aprofundamento das coberturas jornalísticas. Resultados do experimento de Martinez (2002) apontaram que esse processo ajudou na construção dos perfis das fontes em momentos em que todos os recursos convencionais de captação de informações já haviam se esgotado.

³ Jornada do Herói: estratégia de narração de histórias com uma estrutura definida por etapas. Foi estudada e esquematizada pela primeira vez por Joseph Campbell em 1949 no livro Herói de Mil Faces.

A exemplificação da aplicação dessas técnicas para construção de narrativas no Jornalismo Literário pode ser notada nas reportagens do site UOL TAB, analisadas por Taveira (2020), que aponta que são conteúdos que carregam com si elementos para além do jornalismo, em que o lead convencional não é empregado e a objetividade perde espaço para a profundidade. Ela denomina isso como o encontro do jornalismo com a literatura.

O repórter consegue guiar o leitor ao longo do texto com alto nível de detalhamento e percepções sensoriais, que parte da técnica de construção da narrativa literária. "Ao elucidar sobre os barulhos, cheiros e impressões percebidas dentro do hospital, a matéria também desperta todos esses sentidos em quem está lendo, e tudo isso é oferecido por intermédio da jornalista" (Taveira, 2020, p. 17).

Esses aspectos demonstram como o Jornalismo Literário busca revelar tudo aquilo que vai além das notícias cotidianas e introduzir o leitor naquela narrativa e cenário. A construção da história é baseada em fatos, assim como na notícia diária, porém, é apresentada com o maior nível de detalhamento possível.

Considerações finais

A partir da revisão bibliográfica realizada, conclui-se que todas as ações que envolvem as técnicas de produção literária jornalística, tais como apuração, entrevista e características textuais específicas, desempenham um papel fundamental no Jornalismo Literário e em suas formas de aplicação, principalmente no formato livro-reportagem com a mesclagem dos gêneros.

A mesclagem de gêneros é uma característica possível no livro-reportagem. Enquanto uns trabalham apenas uma fonte de forma bibliográfica, outros podem abordar os gêneros de perfil e memórias, por exemplo, a partir de uma mesclagem entre eles. O livro-reportagem pode detalhar o perfil das fontes de maneira aprofundada, explicitando sua personalidade, seus sentimentos e forma de agir, e ainda assim conseguir resgatar memórias de um momento em específico da trajetória de vida daquele personagem. Com base nessa percepção, a definição de gênero deve partir do autor, pois apenas ele sabe quais técnicas foram utilizadas na produção e o que a obra objetiva. Portanto, definições de gênero que fogem da perspectiva pessoal de quem detém os direitos autorais da obra e surgem a partir do senso comum de quem não participou da produção devem ser descartadas.

É perceptível como a junção dessas técnicas, que objetivam a identificação

com algum gênero, em conjunto com a formatação da escrita promovem maior imersão para o leitor. Tudo isso é feito através do alto nível de detalhamento de cenários e diálogos, que podem abandonar as aspas, característica presente no jornalismo diário, e serem escritos com o uso de travessão, por exemplo. Além da representação clara de sentimentos do personagem principal na cena e as percepções sensoriais, como descrição de cheiro e temperatura. Esses aspectos exclusivos não são encontrados em notícias cotidianas, apenas no Jornalismo Literário, que visa maior profundidade ao narrar uma história real.

Portanto, mesmo que a obra considere toda essa perspectiva aprofundada dos personagens e utilize de elementos literários na escrita, não necessariamente se dispersa do campo jornalístico. Se o que está sendo narrado é um fato, é jornalismo. Técnicas de entrevista são aplicadas e pilares do jornalismo são considerados pois a obra também objetiva informar. Oferecer maior visibilidade para temas ocultos e disseminar informações de interesse público são características do campo jornalístico, e o livro-reportagem e obras que se apropriam do Jornalismo Literário também cumprem com esse papel. A falta de objetividade, como aquela que está presente em um lide que é escrito em seis linhas, ou o uso de travessão invés das aspas não são apontamentos suficientes para questionar se uma obra é ou não jornalismo. O que deve ser questionado é se o que foi escrito com alto nível de detalhamento de cena e diálogo é verídico, e se for, é isso que o campo jornalístico valoriza – além das técnicas de entrevista utilizadas na produção.

O Jornalismo Literário, com a mesclagem de gênero, imersão e suas características intrínsecas, é mais uma forma para explorar a narração de histórias reais no jornalismo. Sendo assim, todas as técnicas de entrevista e escrita que são utilizadas para produzir o livro-reportagem, que também faz parte do campo literário, fazem parte do trabalho árduo da reconstituição de um fato.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo, Pensamento, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo, Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 73-75p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009. 470 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo, Sistema Clube de Autores, 2010.

LOPES, Paula Cristina. **Gêneros literários e gêneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos**. 2010. 11 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2010.

LUDUVIG, Mônica Martínez. **Jornalismo Literário: um gênero em expansão**. Natal, RN, 2008. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0285-1.pdf>.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo, Editora Atlas, 2003.

MARTINEZ, Mônica. **A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo, 2002. Disponível em:
http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/jornada_heroi.pdf.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista O Diálogo Possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>.

ROCHA, Paula M.; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. São Paulo, Rumores, 2013. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>.

TAVEIRA, Beatriz Godoy; CARDOSO, Darlete. **O encontro do jornalismo com a literatura no meio digital: análise de reportagens do site UOL TAB**. Santa Catarina, 2020.